

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELIS BERTOZZI AITA

O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski: primeiras aproximações

Maringá
2014

ELIS BERTOZZI AITA

O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski: primeiras aproximações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Professora Dr.^a Silvana Calvo Tuleski.

Maringá
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

A311c Aita, Elis Bertozzi
 O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski:
 primeiras aproximações / Elis Bertozzi Aita. - -
 Maringá, 2014.
 163 f. : il. color., figs., tabs., mapas.

 Orientadora: Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski.
 Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual de
 Maringá, Departamento de Psicologia, Programa de Pós
 Graduação em Psicologia, 2014.

 1. Psicologia Histórico Cultural. 2. Vigotski. 3.
 Inconsciente. I. Tuleski, Silvana Calvo, orient. II.
 Universidade Estadual de Maringá. Departamento de
 Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
 2014.

CDD 21. ed 152

MGC-001804

ELIS BERTOZZI AITA

O conceito de inconsciente para a L. S. Vigotski: primeiras aproximações

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA

Prof.^a Dr.^a Silvana Calvo Tuleski
DPI / Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Franco
DPI / Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dr.^a Nadia Mara Eidt Pinheiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Aprovada em: 09 de dezembro de 2014

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118 - Campus Sede da Universidade Estadual de Maringá

Aos meus pais, Airton e Ivanete
Ao meu namorado, Rafael
Por todas as razões que não precisam de palavras

*A minha luta é dura e regresso
com os olhos cansados
às vezes por ver
que a terra não muda,
mas ao entrar teu riso
sobe ao céu a procurar-me
e abre-me todas
as portas da vida.*

(Pablo Neruda – O teu riso)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Airton e Ivanete, por me ensinarem a sonhar, por investirem nos meus sonhos. Agradeço pelo cuidado, pelo amor.

Ao meu namorado, Rafael, por manter meus olhos brilhando e meu coração em paz. Pela cumplicidade, pelo carinho.

Ao meu grande amigo Paulo, pelas inúmeras vezes em que fomos ao bar tomar cerveja e conversar sobre a vida. Pela escuta amiga, pela inspiração.

À Lívia e Aline, minhas queridas, porque quando encontro-as, mesmo passado algum tempo, sinto como se as tivesse visto ontem. Pelo sorriso sincero, pelo abraço amigo.

À minha orientadora, Silvana Tuleski, pela luta incansável em prol de uma Psicologia crítica e transformadora. Pelo exemplo, pela força inspiradora.

Às professoras Adriana de Fátima Franco, Nadia Eidt e Marisa Meira, pelas enormes contribuições prestadas para a realização deste trabalho. Agradeço pelo diálogo, pela dedicação.

À minha analista, Valéria Codato, por contribuir para que eu não recue frente ao meu desejo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e ao Departamento de Psicologia, pelo comprometimento na formação de psicólogos e pesquisadores.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

À todos aqueles que, diariamente, lutam para ampliarem sua consciência, transformarem a realidade e a si mesmos, em especial aos que o fazem com ajuda psicoterapêutica.

À Universidade Estadual de Maringá, querida UEM. Porque, como entoamos, orgulhosos, sempre que podemos: *A UEM não vai embora!* O que aprendi ao longo desses anos de UEM ficarão para sempre marcados em minha história e no meu coração.

(...) é preciso considerar esta [a psique] como parte integrante de um processo complexo que não se limita em absoluto a sua vertente consciente; por isso, consideramos que na psicologia é completamente lícito falar do psicologicamente consciente e inconsciente: o inconsciente é potencialmente consciente.

(VIGOTSKI)

AITA, E. B. (2014). **O conceito de inconsciente para L. S. Vigotski**: primeiras aproximações. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, o conceito de *inconsciente* elaborado por Lev Semiónovich Vigotski. Foi realizado um estudo conceitual sobre os textos de Vigotski, em que se sistematizou o que este autor elaborou sobre o conceito de inconsciente ao longo de sua obra. Na *primeira seção* desse trabalho discutiu-se sobre a concepção hegemônica do conceito de inconsciente na Psicologia e foram apresentadas as principais formulações da psicanálise freudiana sobre os processos psíquicos inconscientes; na *segunda seção* buscou-se sistematizar os estudos de Vigotski a respeito do inconsciente e de outras temáticas que contribuía para a compreensão dos processos inconscientes do psiquismo humano; e na *terceira seção* discutem-se textos de Leontiev e Luria, com o objetivo de analisar algumas das contribuições destes autores que auxiliem na compreensão dos processos inconscientes e preencham as lacunas deixadas por Vigotski. Procurou-se analisar o desenvolvimento do pensamento de Vigotski ao longo de sua obra, visando perceber o movimento de sistematização do conceito em seus escritos dispostos cronologicamente. Foram analisadas também as relações históricas, políticas e ideológicas que estão imbricadas com a construção da psicologia soviética, pois se entende que o pensamento de Vigotski é expressão do projeto coletivo pós-revolucionário da URSS. Como resultados, observa-se que Vigotski entende que o conceito de *inconsciente*, juntamente com os conceitos de *psique* e *consciência*, é um dos principais problemas metodológicos da Psicologia. O autor se dedicou ao estudo do desenvolvimento histórico do psiquismo humano, e conforme foi discutindo o conceito de consciência, também se debruçou, de forma indireta, no estudo do inconsciente. A partir do estudo empreendido, pôde-se compreender que o inconsciente é um processo psicofisiológico, atrelado às nossas funções cerebrais. Os conteúdos não conscientizados são uma tendência da atividade da própria consciência, e radicam-se das relações sociais e de produção da vida material dos homens. Os processos não conscientes estão diretamente relacionados com a atividade do sujeito, com seus processos de pensamento, com a estrutura semântica e sistêmica da consciência. Existe uma relação dinâmica entre consciência e inconsciente, de forma que o inconsciente é potencialmente consciente. É importante que o sujeito torne conscientes os conteúdos inconscientes porque isso é condição para a liberdade. É imprescindível que o homem submetta as relações sociais objetivadas ao seu controle coletivo consciente, para que os indivíduos possam se desenvolver enquanto individualidades livres e universais.

Palavras-chave: Psicologia Histórico-Cultural; Vigotski; inconsciente; consciência.

AITA, E. B. (2014). **The concept of unconsciousness to L. S. Vigotski**: first approaches. Master's degree dissertation, post-graduation program in Psychology, State University of Maringá, Maringá – PR.

ABSTRACT

This study aimed to understand, from the Historic-Cultural Psychology, the concept of unconsciousness to Lev Vygotsky Semiónovich. A conceptual study of Vygotsky's writings, systematizing what this author elaborated on the concept of unconsciousness throughout his work was done. In the first section of this paper, it was discussed about the hegemonic conception of the concept of the unconsciousness in psychology and were presented the main formulations of Freudian psychoanalysis on unconscious mental processes; the second section sought to systematize the study of Vygotsky about the unconsciousness and other issues that contributed to the understanding of unconscious processes and the human psyche; in the third section, Leontiev's and Luria's texts were discussed, in order to analyze some of the contributions of these authors that assist in the understanding of unconscious processes and fill in the gaps left by Vygotsky. It was sought to analyze the development of Vygotsky's thoughts throughout his work, aiming to realize the motion of systematization of the concept in his writings arranged chronologically. The historical, political and ideological relations that are involved in the construction of Soviet psychology, since it is understood that the thinking of Vygotsky is an expression of the post-revolutionary collective project of the USSR were analyzed. As a result, it is observed that Vygotsky believes that the concept of unconsciousness, along with the concepts of psyche and consciousness, is one of the major methodological problems of psychology. The author devoted himself to the study of the historical development of the human psyche, and while he discussed the concept of consciousness, he also studied the unconsciousness, in an indirect way. From the study undertaken, it was possible to understand that the unconsciousness is a psychophysiological process, linked to our brain functions. The non-conscious contents are a tendency of the own consciousness activity, and root in social relations, of the production of men's material life. Non-conscious processes are directly related to the subject's activity, their processes of thought, with semantic and systemic structure of the consciousness. There is a dynamic relationship between consciousness and unconsciousness, and the unconsciousness is potentially conscious. It is important that the subject becomes conscious of unconscious contents because this is the condition for freedom. It is essential that the man undergo social relations objectified to his collective conscious control so that individuals can develop their individuality in a free and universal way.

Keywords: Historical-Cultural Psychology; Vygotsky; unconsciousness; consciousness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CONCEITO DE INCONSCIENTE NA PSICOLOGIA	15
1.1. PREVALÊNCIA DO CONCEITO FREUDIANO DE INCONSCIENTE NA PSICOLOGIA.....	17
1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HIPÓTESE FREUDIANA SOBRE O INCONSCIENTE.....	27
2 EM BUSCA DA SISTEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE INCONSCIENTE PARA L. S. VIGOTSKI	28
2.1 O CONCEITO DE INCONSCIENTE NOS PRIMEIROS TRABALHOS DE VIGOTSKI.....	30
2.1.1 A influência da reflexologia pavloviana no início da obra de Vigotski	30
2.1.2 A influência da psicanálise nos primeiros trabalhos de Vigotski	44
2.2 COMO ESTUDAR O INCONSCIENTE? QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	55
2.3 AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES: COMO SE DESENVOLVE A VONTADE?.....	68
2.4 A DIFERENÇA ENTRE INCONSCIENTE E NÃO-CONSCIENTE: O PENSAMENTO POR CONCEITOS E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA.....	81
2.5 A UNIDADE DIALÉTICA ENTRE INTELECTO E AFETO E A PROBLEMÁTICA DAS UNIDADES DE ANÁLISE.....	96
2.6 SÍNTESE FINAL: O CONCEITO DE INCONSCIENTE PARA VIGOTSKI - CAMINHOS POSSÍVEIS.....	106
2.6.1 Sobre o conceito de consciência	106
2.6.2 Sobre o conceito de inconsciente	107
3 CONTRIBUIÇÕES DE LEONTIEV E LURIA PARA O ESTUDO DOS PROCESSOS NÃO-CONSCIENTES DO PSIQUISMO HUMANO	111
3.1 LEONTIEV: A ESTRUTURA DA ATIVIDADE CONSCIENTE DO HOMEM.....	112
3.1.1 A alienação e os processos não conscientes do psiquismo humano	120
3.2 LURIA: A ESTRUTURA SISTÊMICA E SEMÂNTICA DA CONSCIÊNCIA.....	129
3.2.1 O controle voluntário do comportamento	129
3.2.2 A consciência é um sistema estrutural com função semântica	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142

REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	156
ANEXO 1	157
ANEXO 2	161

INTRODUÇÃO

No presente trabalho tivemos como objetivo compreender, a partir da Psicologia Histórico-Cultural e do Materialismo Histórico-Dialético, como Lev Semiónovich Vigotski (1896-1934) entendia o conceito de *inconsciente*. Para tanto, buscamos realizar uma análise teórica conceitual sobre os estudos de Vigotski, sistematizando o que este autor elaborou sobre o conceito de inconsciente ao longo de sua obra.

O interesse por esta temática se desenvolveu a partir da prática clínica da autora da presente dissertação. A autora dedicou-se ao estudo da Psicologia Histórico-Cultural desde o início de sua graduação em Psicologia. Naquele momento de sua trajetória suas pesquisas tinham como foco o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e o controle voluntário do comportamento e da consciência humana. Após a graduação, em nossa prática profissional em consultório clínico, deparamo-nos com várias situações em que o paciente afirmava claramente agir por um determinado motivo, mas ao longo do processo terapêutico, íamos percebendo que o motivo de sua ação era outro. Este fenômeno trouxe-nos à mente as seguintes indagações: “Por que este sujeito não tem consciência do motivo de suas ações? O que são estes motivos inconscientes?”. Os estudos da Psicologia Histórico-Cultural lançavam algumas hipóteses, mas não ofereciam informações mais sistematizadas que nos permitissem compreender o assunto de forma mais abrangente.

Na Psicologia os construtos teóricos mais sistematizados sobre o inconsciente provêm da psicanálise, porém entendemos que não são legítimas as tentativas de importar estes achados psicanalíticos para completar a ausência de um tratamento teórico mais profundo sobre o inconsciente na Psicologia Histórico-Cultural, visto que a psicanálise desenvolveu seus conceitos com base em um sistema filosófico diferente do da psicologia soviética. Ora, se elegemos a Psicologia Histórico-Cultural como teoria explicativa do homem, é somente dentro desta própria teoria e pelo método do Materialismo Histórico-Dialético que poderemos compreender o que é o inconsciente humano, como este se constitui e que características possui. Diante disso sentimos a necessidade de realizar um estudo mais completo sobre o inconsciente, que pudesse embasar nossa prática clínica. Foi então partir daí que delineamos o presente estudo, que se refere à análise e sistematização do conceito vigotskiano de inconsciente.

Vigotski¹ (1930/2004a) destaca que os conceitos de *psique*, *consciência* e *inconsciente*, mais do que três temas fundamentais para a Psicologia, são aspectos que dizem respeito aos princípios de estruturação desta ciência. Os diversos sistemas psicológicos existentes se desenvolveram de maneiras muito distintas ao tentarem explicar estes três termos, o que demonstra o valor metodológico que eles possuem para qualquer corrente psicológica. Diante disso, o autor aponta a importância da análise metodológica sobre o que se tem produzido historicamente a respeito destes três objetos.

Apesar dessas considerações, verificamos que Vigotski não se dedicou em particular ao estudo do inconsciente ao longo de sua obra, porém entendemos que a sistematização deste conceito faz-se necessária, visto que o próprio autor (1930/2004a) o considera como um dos principais problemas metodológicos da Psicologia. Apesar de a *consciência* ser o conceito fundamental da psicologia de Vigotski, e de este autor ter-se preocupado em demonstrar como o homem controla voluntariamente seu comportamento, entendemos que a compreensão do *inconsciente* também é fundamental, já que os fenômenos inconscientes fazem parte da psicologia humana.

Para realizarmos esta empreitada é necessário que definamos um método de estudo deste fenômeno. Etimologicamente, a palavra *método* vem do grego *methodus*, que significa *meta* (objetivo) e *hodos* (caminho), ou seja, “caminho para se chegar a um fim”. O método - ou caminho - que elegemos para atingir nosso objetivo é o Materialismo Histórico-Dialético. Tal concepção metodológica busca apreender a essência dos processos psicológicos humanos para além de sua aparência. Para tanto, propõe um estudo radical dos fenômenos, buscando sua materialidade e contradições e tomando-os em sua totalidade, como síntese de múltiplas determinações, e busca compreender o indivíduo concreto, cuja essência é construída nas e pelas relações sociais de produção da vida material.

O método de Marx² é chamado de *materialista* porque parte da realidade material do objeto, entendendo que a realidade existe independentemente da consciência; é *histórico* porque busca compreender o movimento histórico no qual o objeto está inserido, compreendendo que a história é o resultado dos modos pelos quais os homens organizam e produzem sua existência ao longo do tempo; e é *dialético* porque entende que a sociedade está em constante movimento, em constante transformação (Martins, 2008).

¹ O nome Vigotski é grafado de diversas maneiras nos textos pesquisados para esta dissertação. Para facilitar a leitura, optamos por adotar, ao longo de nosso texto, sempre a mesma grafia do nome deste autor.

² Karl Heinrich Marx (1818 -1883).

Martins (2008) destaca que o materialismo dialético tem como lei básica a *contradição*. A lógica dialética tem como pressuposto que todos os fenômenos encerram em si contradições, em uma unidade indissolúvel de opostos. A realidade é contraditória e dialética, e a positividade de algo só pode ser entendida pela sua negatividade. Existe uma unidade dos contrários, e o que nega algo faz parte deste mesmo algo. Tudo é e não é ao mesmo tempo.

O ser e o nada, o ser e o vir a ser, a quantidade e a qualidade são constituintes um do outro. Lefebvre (1969/1983) destaca que contradição não significa absurdo. Um termo ser contraditório ao outro não significa que ele seja destituído deste outro, pelo contrário, significa que eles são complementares. “‘Ser’ e ‘nada’ não são misturados, ou infinitamente destruídos um pelo outro. [...] A relação entre dois termos contraditórios é descoberta como algo preciso: cada um é aquele que nega o outro; e isso faz parte dele mesmo” (Lefebvre, 1969/1983, p. 178, grifo do autor). O método dialético busca captar o movimento que engendra estes contrários e estudar as contradições e as mudanças dos fenômenos.

Outro importante ponto da lógica dialética é que ela pressupõe que quantidade se transforma em qualidade. As mudanças quantitativas, mesmo que lentas ou aparentemente insignificantes, estão sempre acontecendo. Tais mudanças culminam em uma transformação qualitativa, que é brusca e na qual ocorre a intensificação de todas as contradições. “O salto dialético implica, simultaneamente, a continuidade (o movimento profundo que continua) e a descontinuidade (o aparecimento do novo, o fim do antigo)” (Lefebvre, 1969/1983, p. 239).

Com relação ao presente trabalho, realizamos um estudo teórico-metodológico e conceitual de cunho bibliográfico a respeito do conceito vigotskiano de inconsciente, a partir dos textos produzidos pelo autor aos quais tivemos acesso. Tais textos consultados estão listados no anexo 1 deste trabalho³. Tomando como base o método dialético, para que este objetivo se tornasse possível, tivemos que atentar para alguns aspectos. Primeiramente, foi importante que analisássemos os textos deste autor como um todo, ou seja, que buscássemos compreender cada texto em particular relacionando-o com o conjunto da obra daquele autor, porque o pensamento de um autor também constitui-se como uma totalidade, sendo que o todo é mais complexo que a simples soma de suas partes (outro princípio do Materialismo

³ Selecionamos estes textos pela importância que eles têm no conjunto da obra de Vigotski. Além disso, realizamos uma busca nas obras escolhidas digitalizadas do autor, pelas palavras-chave *inconsciente* e *não consciente*, e selecionamos os textos em que o autor cita estes termos.

Histórico-Dialético). Buscamos compreender cada texto em sua totalidade, ou seja, apreendê-lo em relação a si e a em relação aos textos ligados a ele.

Além disso, procuramos analisar o desenvolvimento do pensamento do autor ao longo de sua obra. Neste sentido, buscamos ler as produções do autor russo por ordem cronológica, visando perceber o movimento de sistematização do conceito que elas apresentam. Procuramos apreender o que Vigotski pensava a respeito do inconsciente em seus textos iniciais e verificar se este entendimento mudou nos textos posteriores, buscando compreender o que mudou e por qual motivo. Tal cuidado é fundamental, já que também o pensamento humano é permeado de contradições e se desenvolve ao longo da história social e pessoal de cada pessoa.

Andery et al. (1988/2012) acentuam que as ideias são produto da existência humana. A ciência e seus métodos são conhecimentos produzidos pelo homem ao longo de sua história e atendem às necessidades materiais e intelectuais de cada época. Como demonstra Tomanik (1994/2004, p. 48-49), “(...) a ciência é um conjunto de ações humanas capaz, sem dúvida, de influenciar a estrutura social, e assim é também uma atividade política. Não há sentido, portanto, em falar na ciência como uma atividade politicamente neutra”. A ciência é uma forma de conhecimento produzida pelo homem ao longo de sua história, e a atividade de um cientista está relacionada com a classe social à qual ele pertence e com os interesses de determinado grupos.

Em face disto, nesta dissertação analisamos as relações históricas, políticas e ideológicas que estão imbrincadas com a construção da psicologia soviética buscando compreender em que contexto histórico a Psicologia Histórico-Cultural foi construída, com qual objetivo e para atender a que necessidades materiais. É fundamental que consideremos a quais interesses os autores soviéticos respondiam, qual era sua visão de mundo e homem, que tipo de sociedade eles visavam construir e como o conhecimento que produziram está relacionado a isso.

Andery e Sérgio (1988/2012) destacam que, para Marx, o conhecimento não é simples reflexo da realidade tal como esta aparece para o homem. O conhecimento deve desvelar o que constitui o fenômeno e o que está oculto. Explicar um fenômeno significa descobrir as relações e conexões que lhe são intrínsecas, que o formam e que o inserem em uma totalidade. Se a essência dos fenômenos coincidissem com sua aparência, a ciência seria desnecessária.

Para o Materialismo Histórico-Dialético, conhecer algo significa diferenciar o modo como esta realidade aparece e o modo com ela é concretamente produzida, já que a essência não coincide com a aparência. A partir de tal concepção metodológica compreendemos que devemos buscar apreender a essência dos fenômenos inconscientes para além de sua aparência. Para isso precisamos buscar suas origens e seu desenvolvimento, entendendo-os como síntese de múltiplas determinações.

Compreendemos que a análise e a compressão dos processos psíquicos inconscientes contribuem para o trabalho do psicólogo - de forma geral, porque possibilitam compreender o psiquismo humano em sua totalidade, e de forma específica, para o trabalho do psicólogo clínico, já que um entendimento mais completo a respeito do inconsciente possibilita o planejamento do trabalho a ser realizado, de seus objetivos e dos meios pelos quais estes objetivos podem ser alcançados. Pretendemos que nosso trabalho contribua para a construção de um corpo teórico que discuta a atuação clínica do psicólogo a partir da Psicologia Histórico-Cultural e, mais do que isso, que contribua para ciência psicológica, já que a compreensão da dimensão inconsciente do comportamento humano interessa à Psicologia como um todo.

Tendo em vista este objetivo, na *primeira seção* deste trabalho discutimos a concepção hegemônica do conceito de inconsciente na Psicologia e apresentamos as principais formulações da psicanálise freudiana sobre os processos psíquicos inconscientes; na *segunda seção* buscamos sistematizar os estudos de Vigotski a respeito do inconsciente e de outros temas discutidos pelo autor que contribuam para a compreensão dos processos inconscientes do psiquismo humano; e na *terceira seção* analisamos textos de Leontiev e Luria, procurando destacar algumas das contribuições destes autores que nos auxiliam na compreensão dos processos psíquicos inconscientes.

É fundamental destacarmos que este trabalho é um estudo inicial sobre o conceito de inconsciente em Vigotski e que não pretende, de forma alguma, esgotar a questão ou se apresentar como uma concepção construída definitivamente. Objetivamos, na verdade, ampliar o debate já iniciado preliminarmente por alguns autores⁴, apresentando nossas análises sobre o que Vigotski formula a respeito do tema, para que os leitores e demais pesquisadores da Psicologia Histórico-Cultural possam dialogar conosco, apontar os avanços e limites das nossas considerações e dar continuidade ao estudo aqui empreendido.

⁴ Apresentaremos alguns destes estudos na seção I de nosso trabalho.

1 O CONCEITO DE INCONSCIENTE NA PSICOLOGIA

No Brasil as contribuições da teoria vigotskiana têm sido exploradas principalmente no campo da educação, desde a difusão dos textos deste autor, no início da década de 1980. É na área escolar (na pedagogia e psicologia escolar) que são amplamente estudadas suas análises acerca do desenvolvimento do psiquismo e do papel da aprendizagem neste processo.

Apesar da difusão da teoria de Vigotski e, posteriormente, dos demais autores da Psicologia Histórico-Cultural na Psicologia, ainda são poucos os estudos desta corrente teórica no que diz respeito à psicologia clínica, por exemplo. Os estudos sobre o desenvolvimento da personalidade, como o empreendido por Martins (2007), sobre as emoções, com destaque para os trabalhos de Toassa (2009) e R. Silva (2011) e sobre a psicopatologia, com ênfase para M. Silva (2014) e Almeida (2011), por exemplo, são fundamentais para que possamos construir um aporte teórico-metodológico para o trabalho clínico com crianças, adolescentes e adultos, a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

Outro tema fundamental relacionado com a psicologia clínica diz respeito ao *inconsciente*, tema do nosso trabalho. Os processos inconscientes do psiquismo humano são pouco discutidos a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Dentre os autores que abordam a temática com base nesta abordagem, destacamos o trabalho de Martins (2007), que, ao discutir o processo de personalização do sujeito, perpassa a temática do inconsciente. Aguiar (2000) também tece considerações importantes a respeito do tema, quando discute a formação da consciência, mas o trabalho destas autoras não objetiva discutir especificamente este conceito. Diante disso, compreendemos que é fundamental abordarmos este assunto e construirmos um arcabouço teórico do que são e como se constituem os processos inconscientes, para que possamos delinear o trabalho clínico, suas possibilidades e objetivos, e assim explicar o psiquismo humano em todos os seus aspectos.

Para mapear o estado da arte sobre o conceito de inconsciente, especificamente nos estudos dos autores da Psicologia Histórico-Cultural, fizemos um levantamento no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na busca por trabalhos de pós-graduação no Brasil, em programas de mestrado e

doutorado, finalizados entre os anos de 2011 e 2012⁵, que tratassem do conceito de inconsciente na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

Para tanto, realizamos uma busca através da palavra-chave *inconsciente* somada a uma das seguintes palavras-chave: *Vigotski* (buscou-se pelas diversas variações da grafia do nome deste autor); *Luria*; *Leontiev*; *Psicologia Histórico-Cultural*; *Psicologia Sócio-Histórica*; porém não foram encontrados trabalhos que contivessem tais descritores. Isto demonstra que, entre os trabalhos disponibilizados atualmente no sistema da CAPES (2011-2012), não consta uma dissertação ou tese que discuta, como tema principal do trabalho, o conceito de inconsciente a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

Realizamos também uma busca no banco de dados SciELO a partir das mesmas palavras-chave já citadas. O SciELO é uma biblioteca eletrônica que permite o acesso a artigos publicados em inúmeros periódicos científicos, e é parte de um projeto que reúne FAPESP, BIREME e CNPq. A pesquisa foi realizada por palavras-chave, sendo pesquisados os títulos e resumos de todos os artigos disponíveis no SciELO, independentemente do ano de sua publicação.

Nesta pesquisa encontramos apenas um artigo que discute o tema, a saber: *O inconsciente sócio-histórico: notas sobre uma abordagem dialética da relação consciente-inconsciente*, de autoria de Santos e Leão (2012), que tem como palavras-chave *psicologia sócio-histórica*, *inconsciente* e *consciência*.

Neste artigo, Santos e Leão (2012) discutem o inconsciente a partir da Psicologia Sócio-Histórica. Entendem que o inconsciente não é uma instância absoluta e dominante da consciência ou separada da consciência por um muro intransponível. Para as autoras, consciência e inconsciente mantêm entre si uma relação dialética, de modo que as mediações que perpassam estas duas qualidades são construções sociais. Consideram que consciente e inconsciente são qualidades de um mesmo objeto, formas diferenciadas do psiquismo. As duas qualidades só podem ser compreendidas se tomadas a partir da relação dinâmica que há entre elas. O inconsciente possui aspectos potencialmente conscientes, mas estes podem tornar-se conscientes por meio da atividade e da apropriação de conteúdos culturais; por outro lado, a consciência também possui características inconscientes.

⁵ O banco de dissertações e teses da CAPES disponibiliza todos os trabalhos defendidos na pós-graduação brasileira ano a ano, contudo a equipe responsável está realizando uma reestruturação do sistema, com o objetivo de organizar os dados e identificar os registros incompletos. Sendo assim, no período de realização desta dissertação apenas os trabalhos de 2011 e 2012 estavam disponíveis para consulta. A equipe da CAPES informa que os demais trabalhos serão incluídos aos poucos.

Ao longo do texto, as autoras se baseiam na Teoria da Atividade de Leontiev e explicam o inconsciente a partir dos sentidos e significados da atividade. Entendem que o inconsciente está relacionado ao não verbal, à impossibilidade do sujeito de compreender como a realidade exterior o está afetando. Procuram também diferenciar o inconsciente da alienação, explicando as especificidades de cada um. Por fim, as autoras apontam a necessidade e importância do aprofundamento dos estudos a respeito desta temática a partir da Psicologia Sócio-Histórica (Santos e Leão, 2012).

As próprias autoras apontam a necessidade de realizar mais estudos sobre o tema, pois, como já apontamos no início de nossa discussão, nos dois levantamentos que realizamos (no banco de dissertações e teses da CAPES e na SciELO) encontramos apenas o artigo de Santos e Leão (2012) sobre a temática do inconsciente a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Estas informações demonstram que o tema ainda é pouco estudado a partir dessa abordagem.

1.2. PREVALÊNCIA DO CONCEITO FREUDIANO DE INCONSCIENTE NA PSICOLOGIA

Diante da conclusão de que não há uma ampla discussão sobre o conceito de inconsciente na Psicologia Histórico-Cultural, pareceu-nos necessário compreendermos quais são os autores e as concepções teóricas que hegemonicamente discutem este tema na Psicologia. Realizamos, assim, outra pesquisa na base de dados SciELO, elencando os artigos publicados nos últimos cinco anos (entre junho de 2009 e junho de 2014⁶) que continham em seus títulos a palavra-chave *inconsciente*.

Obtivemos como resultado 19 artigos, apresentados na tabela 1. Analisamos os artigos encontrados objetivando compreender quais são os autores e concepções teóricas nos quais os textos se baseiam para discutir sobre o inconsciente. A tabela 1 traz os resultados de nossa análise:

⁶ Data em que foi realizada a pesquisa.

Tabela 1 – Artigos da base SciELO que contêm a palavra-chave *inconsciente* em seus títulos, publicados entre 2009 e junho de 2014

Título	Autores	Principais autores citados	Abordagem teórico metodológica
A criança celestial: perambulações entre Aruanda e o inconsciente coletivo (2009)	Martins, J. R.; Bairrão, J. F. M. H.	Jung	Psicanálise
A fantasia inconsciente como metatradução: o psiquismo ligado e desligado (2012)	Martinez, V. C. V.; Baracat, J.	Laplanche; Freud	Psicanálise
A realização imaginária do desejo inconsciente num grupo terapêutico de crianças em idade pré-escolar (2012)	Krug, J. S.; Seminotti, N.	Freud	Psicanálise
Ampliação winnicottiana da noção freudiana de inconsciente (2013)	Fulgencio, L.	Winnicott; Freud	Psicanálise
De la représentation freudienne au signifiant lacanien: sur la pertinence de l'interprétation structurelle de l'inconscient (2012)	Cardoso, M. J. E.; Lustoza, R. Z.	Freud; Lacan	Psicanálise
Inconsciente e cotidiano na prática da atenção psicossocial em saúde mental (2010)	Vieira Filho, N. G.; Rosa, M. D.	Freud	Psicanálise
Inconsciente e transferência: perspectivas na clínica (2012)	Pisetta, M. A. A. de M.	Freud; Lacan	Psicanálise
Inconsciente, cérebro e consciência: reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana (2009)	Caropreso, F.	Freud	Psicanálise

La noción de inconsciente en Freud: antecedentes históricos y elaboraciones teóricas (2012)	Gallegos, M.	Freud	Psicanálise
Lacan e a escrita Chinesa: um inconsciente estruturado como escrita? (2012)	Calvet, L. J.	Lacan; Freud	Psicanálise
O estatuto conceitual do inconsciente em Freud e algumas de suas implicações para a prática psicanalítica (2013)	Honda, H.	Freud	Psicanálise
O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente (2013)	Couto, L. F. S.; Souza, M. F. G. de	Lacan; Freud	Psicanálise
O inconsciente no pensamento de Merleau-Ponty: contribuição para a psicoterapia (2011)	Moreira, V.	Merleau-Ponty	Fenomenologia
O inconsciente sócio-histórico: notas sobre uma abordagem dialética da relação consciente-inconsciente (2012)	Santos, L. G. dos; Leão, I. B.	Vigotski; Leontiev	Psicologia Sócio- Histórica
O índice de um enigma: o inconsciente e o fenômeno da premonição (2013)	Manzi Filho, R.	Merleau-Ponty	Fenomenologia
O saber inconsciente e o saber que se sabe nos dias de hoje (2010)	Lo Bianco, A. C.	Freud; Lacan	Psicanálise
Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente (2010)	Magalhães, B.; Mariani, B.	Marx; Lukács; Freud; Lacan	Psicanálise e Materialismo Histórico
Repressão e inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana (2013)	Caropreso, F.; Simanke, R. T.	Freud	Psicanálise
Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente (2011)	Gellis, A.; Hamud, M. I. L.	Freud	Psicanálise

Concluimos, assim, que 37% dos artigos encontrados discutem o inconsciente a partir dos construtos teóricos de Sigmund Freud⁷. 26% discutem o tema a partir de Jacques Lacan⁸. 16% se baseiam em outros autores da psicanálise, a saber, Carl Gustav Jung⁹, Jean Laplanche¹⁰ e Donald Winnicott¹¹, para discutir o conceito de inconsciente. Um dos artigos, que representa 5% do total, procura articular a noção de sujeito em Karl Marx e György Lukács¹² e as considerações de Freud e Lacan com relação ao conceito de inconsciente. Apesar de discutirem a ideologia a partir do Materialismo Histórico-Dialético, fica evidente que, no tocante ao inconsciente, os autores se baseiam nas concepções freud-lacanianas.

Considerando que Jung, Laplanche, Winnicott, e até mesmo Lacan, se baseiam em Freud e se consideram autores da psicanálise, e que o artigo baseado em Marx e Lukács discute o inconsciente a partir de Freud e Lacan, concluimos que 84% dos artigos discutem o assunto a partir da psicanálise.

Além desses autores, obtivemos que 11% dos artigos pesquisados discutem o inconsciente com base na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty¹³. Apenas um artigo (abordado no item 1.1 deste trabalho) se baseia na Psicologia Sócio-Histórica para debater a respeito desta temática, o que representa 5% do total.

Concluimos, assim, que a maioria das pesquisas e publicações em Psicologia discute o conceito de inconsciente a partir da psicanálise. Diante disso, iremos apresentar agora as principais considerações da psicanálise freudiana a respeito do inconsciente.

Apresentaremos a seguir, em linhas gerais, as concepções teóricas de Freud a respeito do inconsciente. É fundamental explicitar que não pretendemos com isso esgotar o assunto ou realizar uma análise teórica exaustiva do tema. Objetivamos apenas introduzir o leitor, de forma geral, nas principais contribuições de Freud no que diz respeito à hipótese do inconsciente. Uma análise exaustiva do conceito de inconsciente em Freud pressupõe uma análise dos demais conceitos elaborados por ele, visto que os conceitos que dão suporte à psicanálise freudiana são estritamente interligados em um sistema - portanto seria necessário realizarmos também uma análise de diversos outros conceitos (como pulsão de vida, pulsão de morte, id, ego e superego, para citar apenas os mais evidentes) para podermos compreender

⁷ Sigmund Freud (1856 - 1939). Médico vienense, fundador da psicanálise.

⁸ Jacques-Marie Émile Lacan (1901- 1981). Psicanalista francês.

⁹ Carl Gustav Jung (1875 -1961). Psiquiatra e psicoterapeuta suíço. Fundou a Psicologia Analítica.

¹⁰ Jean Laplanche (1924 - 2012). Psicanalista francês.

¹¹ Donald Woods Winnicott (1896-1971). Pediatra e psicanalista inglês.

¹² György Lukács (1885 -1971). Filósofo húngaro.

¹³ Maurice Merleau-Ponty (1908 -1961). Filósofo fenomenólogo francês.

de forma mais completa o que Freud define como *inconsciente*. Como esta análise foge ao escopo deste trabalho, limitar-nos-emos a delinear de forma geral o que autor elaborou a respeito do inconsciente.

Para realizarmos esta discussão tomamos como base alguns dos principais textos de Freud nos quais o autor discute a respeito do inconsciente. Além disso, adotamos como interlocutores dois célebres vocabulários da psicanálise, o de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis¹⁴ (1967/1992) e o de Elisabeth Roudinesco¹⁵ e Michel Plon¹⁶ (1998), que são altamente reconhecidos em âmbito internacional e amplamente utilizados pelos psicanalistas e pesquisadores da psicanálise, de forma geral. Baseamo-nos também na obra “*Freud e o inconsciente*”, escrita pelo filósofo e psicanalista Luís Alfredo Garcia-Roza, importante estudioso da psicanálise no Brasil.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que, na primeira tópica, ou primeira concepção tópica, elaborada por volta de 1915, Freud define que existem três instâncias psíquicas: o *inconsciente* (Ics.), o *pré-consciente* (Pcs.) e o *consciente* (Cs.). O inconsciente é uma instância ou um sistema constituído por conteúdos recalçados do aparelho psíquico (da consciência ou do pré-consciente).

Para os autores, na primeira tópica Freud se afasta da psicologia clássica, que entende o inconsciente como algo *supraconsciente*, situado acima da consciência, ou *subconsciente*, situado abaixo da consciência. O inconsciente freudiano é uma instância à qual a consciência não tem acesso (*in-consciente*). Ele se revela à consciência através dos sonhos, lapsos, chistes e atos falhos (Roudinesco e Plon, 1998).

Freud dialoga com Theodor Lipps¹⁷ (1951-1914), autor que na época também debatia a respeito do inconsciente. Para Roudinesco e Plon (1998), Lipps entende que a consciência é um órgão sensorial e que o conteúdo psíquico, os processos psíquicos, são inconscientes. Para o filósofo alemão, consciente é aquilo que está na “minha” consciência imediata (nesse momento), e os demais processos são inconscientes. Freud elabora um entendimento diferente do de Lipps. O autor entende que podemos pensar em dois tipos de inconsciente, os quais se assemelham no sentido descritivo, mas são muito diferentes quanto à sua dinâmica e

¹⁴ Jean-Bertrand Lefebvre Pontalis (1924 -2013). Psicanalista, filósofo e escritor francês.

¹⁵ Elisabeth Roudinesco (1944-). Historiadora, doutora em letras, vice-presidente da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise, e psicanalista.

¹⁶ Michel Plon é diretor de recherches no *Centre National de Recherches Scientifiques* (CNRS), membro do *Centre de Recherche Universitaire Psychana-lyse et Pratiques Sociales de la Santé*(CNRS/Universidade da Picardia), e psicanalista.

¹⁷ Theodor Lipps (1851-1914). Filósofo e psicólogo alemão.

conteúdos. Um deles seria o inconsciente propriamente dito, cujos conteúdos podem nunca tornar-se conscientes; e o outro seria o pré-consciente, que contém o que está fora da consciência imediata, mas que pode se tornar consciente (conteúdos inconscientes, portanto, no sentido descritivo, mas não no sentido dinâmico).

No artigo *O inconsciente* (1915/2006b) Freud afirma que o pré-consciente é composto pelos conteúdos que não estão na consciência imediata, mas continuam acessíveis a ela. O inconsciente se separa do pré-consciente por uma forte censura. Já o pré-consciente separa-se da consciência por uma censura permeável. A censura é a instância que proíbe que um desejo inconsciente surja na consciência de forma clara, sendo possível que ele apareça somente de forma disfarçada. Neste texto, Freud afirma:

Passando agora para um relato das descobertas positivas da psicanálise, podemos dizer que, em geral, um ato psíquico passa por duas fases quanto a seu estado, entre as quais se interpõe uma espécie de teste (censura). Na primeira fase, o ato psíquico é inconsciente e pertencente ao sistema Ics; se no teste, for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase; diz-se então que foi “reprimido”, devendo permanecer inconsciente. Se, porém, passar por esse teste, entrará na segunda fase e, subsequentemente, pertencerá ao segundo sistema, que chamaremos de sistema Cs. Mas o fato de pertencer a esse sistema ainda não determina de modo inequívoco sua relação com a consciência. Ainda não é consciente, embora, certamente, seja capaz de *se tornar consciente* (para usar a expressão de Breuer) – isto é, pode agora, sob certas condições, tornar-se um objeto da consciência sem qualquer resistência especial. Em vista dessa capacidade de tornar-se consciente, também denominados o sistema Cs. de “pré- consciente”. (...). (Freud, 1915/2006b, p. 178, grifos do autor).

O autor esclarece que existe uma censura rigorosa que exerce sua função no ponto de transição entre o sistema inconsciente e o sistema pré-consciente. Além disso, afirma que “o núcleo do Ics. consiste em representantes instintuais [pulsionais] que procuram descarregar sua catexia [investimento]; isto é, consiste em impulsos carregados de desejo. (...)” (Freud, 1915/2006b, p. 191).

Freud (1915/2006b) compreende que o inconsciente possui características especiais e que o inconsciente é atemporal, pois seus conteúdos não sofrem com o desgaste do tempo e não são ordenados por ele. Outra característica consiste em que o sistema inconsciente é isento de contradição. Isto significa que podem existir dois impulsos carregados de desejo que

sejam opostos um ao outro, sem que um exclua o outro, ou seja, dois impulsos contrários convivem simultaneamente no inconsciente. Além disso, o Ics. é regido pelo princípio do prazer, dispensando pouca atenção à realidade. “Resumindo, *a isenção de contradição mútua, o processo primário* (mobilidade de catexias), *a intemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica* – tais são as características que podemos esperar encontrar nos processos pertencentes ao sistema Ics.” (Freud, 1915/2006b, p. 192, grifos do autor).

Ainda em *O inconsciente* (1915/2006b), Freud aponta que “(...) todos os atos e manifestações que noto em mim mesmo e que não sei ligar ao resto de minha vida mental devem ser julgados como se pertencessem a outrem; devem ser explicados por uma vida mental atribuída a essa outra pessoa. (...)” (Freud, 1915/2006b, p. 195). Este outro sujeito que se manifesta é o sujeito do inconsciente.

Garcia-Roza (1984/1999) destaca a importância de não compreendermos o inconsciente como uma substância. Quando Freud aponta que o inconsciente é um lugar psíquico, não está se referindo a um lugar anatômico. Quando se fala de um conteúdo do inconsciente, não se está querendo designar uma relação de continente e conteúdo, como se o inconsciente fosse um copo cheio de água. Neste lugar psíquico se encontram representações, e não coisas.

(...) Dizer que uma representação é inconsciente ou que está no inconsciente não significa outra coisa senão que ela está submetida a uma sintaxe diferente daquela que caracteriza a consciência. O inconsciente é uma forma e não um lugar ou uma coisa. Melhor dizendo: ele é uma lei de articulação e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá (Garcia-Roza, 1984/1999, p. 174).

Os sistemas psíquicos inconsciente (Ics) e pré-consciente-consciente (Pcs-Cs) contêm representações e afetos. Uma representação é uma representação psíquica da pulsão (inscrição da pulsão nos sistemas psíquicos). As representações podem ser de dois tipos: representações de coisas e representações de palavras. Para Freud, segundo Garcia-Roza (1984/1999), o sistema pré-consciente-consciente é formado pela representação das coisas somadas à representação das palavras ligadas a elas e pelo afeto, enquanto o sistema inconsciente é composto apenas pela representação das coisas.

A subjetividade do sujeito é cindida, sendo que o sentido da frase “obedecer a dois senhores”, expressa por Freud, para Garcia-Roza (1984/1999) significa obedecer a leis

diferentes. Está cisão se dá porque cada um dos sistemas é regido por um determinado tipo de lei. Cada sistema possui um modo próprio de funcionamento. O modo de funcionamento do inconsciente é o processo primário, que se caracteriza pelos mecanismos básicos de descolamento e condensação. Explica o autor:

(...) No **processo primário**, a energia psíquica tende a se escoar livremente passando de uma representação para outra e procurando a descarga de maneira mais rápida e direta possível, enquanto, no processo secundário, essa descarga é retardada de maneira a possibilitar um escoamento controlado. Isso faz com que no **processo secundário** as representações sejam investidas de forma mais estável, enquanto no processo primário há um deslizar contínuo do investimento, de uma representação para outra, o que lhe confere o caráter aparentemente absurdo que se manifesta, por exemplo, nos sonhos. Os processos primário e secundário são ainda respectivamente correlativos do **princípio do prazer** e do **princípio da realidade**; isto é, enquanto os processos Ics procuram a satisfação pelo caminho mais curto e direto, os processos Cs, regulados pelo princípio da realidade, são obrigados a desvios e adiamentos na procura de satisfação. (...). (Garcia-Roza, 1984/1999, p. 182, grifos nossos).

O recalque constitui o núcleo original do inconsciente. No artigo *A história do movimento psicanalítico* (1914/2006, p. 26) Freud define que “a teoria da repressão [recalcamento] é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. (...)”. Neste texto Freud afirma ter elaborado o conceito de recalque ao se defrontar, no trabalho clínico, com o fenômeno da resistência. O psicólogo observou que existe uma resistência que se opõe ao trabalho do analista. Essa resistência coincide com uma espécie de amnésia, e demonstra o princípio da atividade mental inconsciente.

No texto *Repressão* (também traduzido como *Recalcamento*), Freud (1915/2006a) postula que “(...) a essência da repressão [recalcamento] consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância. (...)” (Freud, 1915/2006a, p. 152, grifos do autor). Sobre o recalque Freud (1915/2006b, p. 171) afirma:

Aprendemos com a psicanálise que a essência do processo de repressão não está em pôr fim, em destruir a ideia que representa um instinto [pulsão], mas em evitar que se torne consciente. Quando isso acontece, dizemos que a ideia se encontra num estado “inconsciente”, e podemos apresentar boas provas para mostrar que, inclusive quando inconsciente, ela pode produzir efeitos, incluindo até mesmo alguns que finalmente

atingem a consciência. Tudo que é reprimido deve permanecer inconsciente; mas, logo de início, declaremos que o reprimido não abrange tudo que é inconsciente. (...)

Garcia-Roza (1984/1999) explica que o conceito de recalçamento, para Freud, significa uma operação específica que consiste em manter no inconsciente as representações ligadas às pulsões. O recalçamento incide sobre os representantes psíquicos da pulsão e não sobre a pulsão propriamente dita. Estes representantes podem ser de dois tipos: o representante ideativo e o afeto. O recalçamento incide apenas sobre o representante ideativo, não sobre o afeto, pois o afeto é sempre sentido pelo sujeito, nunca é inconsciente. O que se torna inconsciente é a ideia à qual o afeto estava ligado, podendo este afeto ser descolado para outra ideia. Tais representações ideativas são reprimidas da consciência porque o fato de atingirem o sistema Pcs-Cs causaria desprazer e afetaria o equilíbrio psicológico do sujeito. Esclarece o autor:

A situação é, portanto, a seguinte: um determinado processo mental pertencente ao Ics procura acesso à consciência em busca de satisfação. No entanto, a censura que opera na passagem do Ics para o Pcs-Cs opõe-se violentamente a esse propósito, pois a satisfação do desejo inconsciente, que em si mesma provocaria prazer, provocaria também desprazer relativamente às exigências do Pcs-Cs. Por essa razão, o desejo tem de permanecer inconsciente, podendo retornar sob a forma de sintoma (Garcia-Roza, 1984/1999, p. 90).

Para Freud, ainda de acordo com Garcia-Roza (1984/1999), existe o recalçamento primário, o recalçamento secundário e o retorno do recalçado. O recalçamento primário é responsável pela clivagem original do psiquismo em diferentes instâncias; o recalçamento secundário só ocorre após a clivagem; e o recalçamento secundário é resultante do conflito existente entre o inconsciente e o Pcs-Cs. É o sistema pré-consciente-consciente que exerce o recalçamento, objetivando impedir que representações provenientes do sistema inconsciente tenham acesso ao sistema pré-consciente-consciente.

Sobre isso, Laplanche e Pontalis (1967/1992) compreendem que o inconsciente freudiano, no sentido tópico, é constituído pelos conteúdos que foram recalçados do aparelho psíquico pela ação do recalque. O inconsciente é constituído, enquanto um sistema, por conteúdos representantes das pulsões. Estes conteúdos, quando investidos pela energia pulsional, procuram retornar à consciência, processo que Freud chama de *retorno do recalçado*, mas só conseguem penetrar o sistema Pcs-Cs por meio das formações de

compromisso. O material recalçado que retorna é sempre submetido, por exigência do sistema pré-consciente, à deformação da censura, principalmente pelos mecanismos de deslocamento e condensação (como ocorre nos sintomas e nos sonhos).

Conforme analisam Roudinesco e Plon (1998), na segunda tópica, elaborada por volta de 1920, Freud altera significativamente suas ideias e entende a inconsciência não mais como uma instância, mas como uma qualidade do eu, do supereu e do isso (denominados de ego, superego e id, respectivamente, em algumas traduções das obras de Freud para o inglês e o português). Inconsciente, pré-consciente e consciência não são mais instâncias psíquicas em separado. O eu, por exemplo, possui aspectos conscientes e aspectos inconscientes.

Para Roudinesco e Plon (1998), já nos textos de 1915 Freud deixa claro que tudo que é recalçado é inconsciente, mas que o inconsciente é maior que o recalçado, ou seja, o recalçado é apenas uma parte do inconsciente. O inconsciente também é composto pelas representantes das pulsões, baseadas em traços mnêmicos. Entre 1920 e 1923 Freud define sua segunda tópica, entendendo que o eu, o supereu e o isso são instâncias psíquicas. Para o autor, na segunda tópica o pré-consciente é distinto do eu e da parte inconsciente do eu, mas está sob o domínio desta instância. A censura é identificada com o supereu (instância que funciona como o “censor do eu”). “(...) O inconsciente perdeu então sua qualidade de substantivo, transformando-se numa maneira de qualificar as três instâncias da segunda tópica: o isso, o eu e o supereu” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 377). Apesar disso, o inconsciente continua sendo o ponto central da nova conceituação freudiana.

Em *O ego e o id* Freud (1923/2006) afirma que o inconsciente é a premissa fundamental da psicanálise e que, ao se compreender que o psiquismo abrange três instâncias psíquicas - o ego, o id e o superego - a distinção entre três sistemas - Ics., Pcs. e Cs. – já não dá conta de explicar a dinâmica dessas instâncias. Freud continua compreendendo que existem representações inconscientes, pré-conscientes (capazes de tornar-se conscientes) e conscientes, porém elas não são mais entendidas como um sistema, e sim, como qualidades do ego, id e superego.

Esta diferenciação ocorre porque, caso não fosse assim, teríamos que supor que o ego, por exemplo, é sinônimo do sistema pré-consciente-consciente, pois o sujeito possui consciência de seu próprio eu; mas para Freud (1923/2006) isso não é correto. O sujeito possui, sim, consciência de seu próprio eu, mas não tem consciência de alguns aspectos de seu eu; ou seja, alguns aspectos de seu ego são inconscientes. Sendo assim, não seria mais

possível pensar em três sistemas em separado, mas sim, pensar que as novas instâncias psíquicas (id, ego e superego) possuem aspectos tanto inconscientes quanto pré-conscientes e conscientes. É importante ressaltar que, apesar disso, Freud não altera seu entendimento sobre como se constitui o inconsciente (a partir do recalçamento primário e secundário), o que ele contém (representantes das pulsões) e suas características, conforme sintetizamos ao longo de nosso texto.

1.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HIPÓTESE FREUDIANA SOBRE O INCONSCIENTE

Ao longo de sua obra, Vigotski faz importantes críticas à psicanálise. Em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004), conforme discutiremos na segunda seção deste trabalho, o autor analisa que **a psicanálise abrange elementos abstratos e concretos, idealistas e materialistas, sendo, assim, uma teoria dualista.** Em *Psicologia da arte* (1925/2972) o autor afirma que a psicanálise trouxe contribuições importantes ao debater a temática do inconsciente, mas que tais descobertas não foram corretamente analisadas pelos psicanalistas.

Apesar destas críticas, Vigotski (1925/1972; 1927/2004) considera que um dos grandes méritos da psicanálise é que ela não busca estudar apenas o que está acessível à observação. Para o autor, a Psicologia não deve estudar somente o que está acessível a consciência imediata, visto que os fenômenos psíquicos, mesmo os da própria consciência, não são todos acessíveis à observação direta. O autor considera que existem processos psicológicos inconscientes, e que se quisermos compreender o psiquismo humano em sua totalidade, devemos explicar tanto os processos psíquicos conscientes como os inconscientes.

Diante disso, objetivamos, na segunda seção desse trabalho, sistematizar os estudos de Vigotski que contribuam para compreendermos o inconsciente a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Buscaremos apreender as contribuições deste autor para pensarmos a problemática do inconsciente a partir da psicologia dialética e do Materialismo Histórico-Dialético.

2 EM BUSCA DA SISTEMATIZAÇÃO DO CONCEITO DE INCONSCIENTE PARA L. S. VIGOTSKI

Shuare¹⁸ (1990) considera que muitos foram os que tentaram construir uma psicologia com base no Materialismo Dialético. Contudo, tais autores incorreram em sérios erros metodológicos, decorrentes de uma compreensão superficial dos pressupostos marxistas e/ou de uma tentativa de aplicação direta e mecânica destes pressupostos à psicologia. Para a autora, Vigotski foi o primeiro a aplicar de forma criativa e frutífera o Materialismo Histórico Dialético à psicologia. Vigotski teceu suas considerações no bojo da revolução, e sua teoria coincide com seu tempo histórico, com o tempo revolucionário da URSS, com as revoluções que se davam no âmbito econômico, social, político, da literatura e das ciências.

Tuleski (2008) discute a importância de analisarmos Vigotski a partir de seu contexto histórico, o que significa localizar sua obra no seio dos processos revolucionários da União Soviética, e do projeto coletivo de construção de uma sociedade comunista. Isto porque é somente analisando a realidade material objetiva, as necessidades reais impostas aos homens que poderemos compreender as ideias vigentes em determinada época, suas limitações e contradições.

O pensamento de Vigotski é expressão do projeto coletivo pós-revolucionário da URSS, e expressa as necessidades enfrentadas neste período. Faz parte da tentativa coletiva de reconstruir a sociedade sob as bases do comunismo, demonstrando também as contradições que permeavam esta empreitada. A autora considera que a análise de Vigotski sobre a crise da psicologia expressa a luta pós-revolucionária pela superação do modo de produção capitalista e das relações de classe. Vigotski, “(...) quando se coloca na luta com o objetivo de superar a psicologia burguesa, posiciona-se no sentido de mostrar a necessidade de superação das relações burguesas no interior da sociedade, as quais dão base material a esta psicologia. (...)” (Tuleski, 2008, p. 104).

Estas considerações nos ajudam a compreender porque o autor se dedicou, desde o início de seus estudos, às pesquisas sobre a consciência humana. A revolução colocou a necessidade da criação de uma ciência capaz de solucionar os problemas postos pela prática. Assim, a Psicologia precisava de um novo método de estudo dos fenômenos, que possibilitasse compreender o homem no seio de suas relações sociais, como um ser ativo,

¹⁸ Todas as traduções são de nossa responsabilidade.

capaz de transformar estas relações. Era preciso que a Psicologia compreendesse que o homem é produto e produtor da natureza, e tomasse como base o entendimento de que é o trabalho que humaniza o homem, e que possibilitou historicamente o desenvolvimento do psiquismo humano e da consciência, assim como Marx havia proposto. Para isso, o entendimento de que o homem transforma ativamente natureza, controla voluntariamente seu comportamento e possui consciência deste processo é fundamental.

Tendo em vista o objetivo de construção de uma psicologia marxista, Vigotski, em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004) discute sobre a importância de delinear qual é o objeto de estudo da Psicologia, e seu princípio explicativo. Isto porque Vigotski conclui que existem várias psicologias, cada qual com um objeto de estudo diferente, analisando-o a partir de um princípio explicativo diferente. Além disso, o autor compreende que esta ciência deveria buscar a unidade elementar de análise de seu objeto, assim como Marx o fez para analisar a sociedade capitalista (Marx encontrou na mercadoria a unidade de análise que carrega as propriedades complexas do todo que é a sociedade capitalista). Em nossa análise, é esta a empreitada que Vigotski realiza ao longo de sua obra. Para nós fica claro que este autor define a **consciência** como o objeto de estudo da Psicologia. Além disso, propõe que a **unidade de análise** da consciência é o **significado da palavra**. Procuraremos demonstrar ao leitor, ao longo de toda esta seção, como chegamos a estas conclusões.

Vigotski se dedicou ao estudo do desenvolvimento histórico do psiquismo humano. Conforme foi discutindo o conceito de consciência, este autor também se debruçou, de forma indireta, ao estudo do inconsciente. Vigotski não escreveu um texto dedicando-se exclusivamente ao estudo dos fenômenos inconscientes do psiquismo humano, porém, ao dedicar-se ao estudo do desenvolvimento da consciência humana e das funções psicológicas superiores, nos dá condições para pensar o que seriam os fenômenos que ficam alheios à consciência. Ao fazer isso, o autor perpassou o tema do inconsciente em diversos trabalhos. Neste trabalho, iremos percorrer os textos de Vigotski, buscando neles trechos e indícios que nos permitam compreender nosso objeto de estudo, o inconsciente.

Inicialmente tomaremos como base o princípio dos contrários na investigação: o que está fora da esfera da consciência pode ser tomado como inconsciente para o autor? Se sim, haveria graus de não consciência tal como de consciência? Compreendendo que pela lógica dialética os contrários compõem uma unidade, de que modo se articularia as esferas da consciência e da não consciência?

Procuraremos levar o leitor a percorrer o mesmo caminho que fizemos, começando pelos textos iniciais de Vigotski, perpassando os textos metodológicos, e chegando, finalmente, aos últimos textos que o autor escreveu, referentes à pesquisas e estudos que deixou inacabados. Ao final, pretendemos sistematizar o que pudemos obter desta caminhada. Sendo assim, começaremos agora analisando os primeiros textos escritos por Vigotski.

2.1 O CONCEITO DE INCONSCIENTE NOS PRIMEIROS TRABALHOS DE VIGOTSKI

O problema da consciência permeou os estudos de Vigotski desde o início de suas pesquisas. Shuare (1990, p. 77-78) explica:

O problema da consciência esteve no centro das pesquisas e investigações, das reflexões metodológicas e dos trabalhos científicos de L. S. Vigotski durante toda sua vida. Desde sua intervenção no II Congresso de Psiconeurologia de toda Rússia em Leningrado, em 1924, até o último capítulo de *Pensamento e Linguagem*, obra publicada em 1934, o tema consciência é a razão central que se encontra em toda sua obra. Porém o enfoque do problema da consciência depende do estado em que se encontra o desenvolvimento de toda sua concepção. (...).

Além do conceito de consciência, Vigotski sempre se preocupou também com os processos inconscientes do psiquismo humano. O autor foi construindo, juntamente com o conceito de consciência, seu conceito sobre o inconsciente. À medida que alterava ou tornava mais complexo seu entendimento a respeito da consciência, Vigotski também modificava suas explicações sobre o inconsciente.

Diante disso, tentaremos sistematizar a seguir os primeiros entendimentos do autor a respeito do conceito de consciência e inconsciente. Para tanto é preciso compreender o momento histórico do desenvolvimento da Psicologia naquela época e o contexto em que se inserem os primeiros textos de Vigotski.

2.1.1 A influência da reflexologia pavloviana no início da obra de Vigotski

Na Rússia, as pesquisas em anatomia e fisiologia do sistema nervoso tiveram um grande desenvolvimento no final do século XIX e início do século XX. Para Shuare (1990),

naquela época se intensificou a tradição científico-natural da fisiologia, que estudava o cérebro e o sistema nervoso central. Tal concepção fisiológica pretendia ser um modelo a ser seguido pelos estudiosos da Psicologia.

Shuare (1990) destaca que foi no primeiro congresso de Psiconeurologia de toda a Rússia¹⁹, ocorrido entre 10 e 15 de janeiro de 1923, em Moscou, que se formulou pela primeira vez a necessidade de se construir uma psicologia científica que fosse baseada nos pressupostos do Materialismo Dialético. Nesse congresso o trabalho *Psicologia e Marxismo*, de Konstantin Nikolaevich Kornílov, discutia, pela primeira vez, a necessidade de se construir esta psicologia marxista.

O Segundo Congresso de Psiconeurologia de toda a Rússia ocorreu entre 3 e 10 de janeiro de 1924, em Petrogrado²⁰. Neste congresso Kornílov, com seu trabalho *O método dialético em psicologia*, continuou demonstrando a importância da aplicação do método Materialista Dialético na ciência psicológica. Para Shuare (1990), as contribuições de Kornílov foram insuficientes, mas serviram para atrair jovens estudiosos para o tema. Kornílov ocupou o cargo de diretor do Instituto de Psicologia de Moscou²¹ entre 1923 e 1930, e posteriormente, entre 1938 a 1941. Isto contribuiu para reunir um grupo de pesquisadores, entre os quais se incluíam Vigotski, Luria e Leontiev, que, segundo Shaure, construíram uma das correntes mais importantes da psicologia mundial.

O Segundo Congresso de Psiconeurologia marca o início dos estudos de Vigotski em Psicologia. Nesta oportunidade, Vigotski apresentou o trabalho *O método de investigação reflexológico e psicológico* (1924/2004), que posteriormente, em 1926, foi compilado por Kornílov na obra *Problemas de Psicologia Contemporânea*. Kornílov se interessou pelo trabalho de Vigotski e o convidou a participar do Instituto de Psicologia (Shuare, 1990).

Shuare (1990) resgata que nesse congresso estavam sendo amplamente discutidas as teorias reflexológicas e a teoria dos reflexos condicionados de Pavlov. Tal enfoque vinha com força contra as teorias subjetivistas e idealistas e contra os métodos de introspecção²². As teorias da reflexologia estavam sendo muito bem aceitas no citado congresso, porque nesse

¹⁹ Shuare (1990) nos explica que a psiconeurologia daquela época reunia uma série de ciências, como a psicologia fisiológica, a psicologia geral, a psicologia infantil e pedagógica, a fisiologia do SNC, a pedologia, a psiquiatria e a neurologia, entre outras áreas do conhecimento.

²⁰ A cidade de Petrogrado foi a capital da Rússia até a Revolução de 1917 e passou a ser chamada de Leningrado em 1924, após a morte de Lenin. Com a queda da URSS, voltou a ser chamada de São Petersburgo, nome que recebia antes da Primeira Guerra Mundial.

²¹ O Instituto de Psicologia de Moscou foi fundado em 1912 por Georgi Ivanovich Chelpanov. De acordo com Silva (2013), Chelpanov permaneceu na direção do Instituto até 1923. Após esta data, o Instituto passou por mudanças e recebeu outros nomes, que não serão expostos aqui pela dificuldade de recuperar todos os títulos e para não confundir o leitor. Sendo assim, o denominaremos de Instituto de Psicologia. Kornílov foi aluno de Chelpanov e o substituiu na direção do Instituto.

²² Os métodos introspectivos são aqueles nos quais o próprio sujeito observa os conteúdos de sua consciência. O sujeito que vivencia algo e descreve o que sentem baseando-se na auto-observação.

período havia uma busca por superar a psicologia idealista. A reflexologia apontava um caminho materialista, ligado à fisiologia, que contribuía para esta superação. Segundo Shuare, foi apenas posteriormente, com a discussão epistemológica de Vigotski e com as críticas deste autor à reflexologia, que esta vertente se retraiu, conforme discutiremos ao longo do texto.

Em seus primeiros textos, Vigotski (1924/2004; 1925/2004) se baseia na teoria pavloviana dos reflexos para discutir sobre a consciência humana. Apesar disso, o autor já critica o fato de que a reflexologia explica todo o comportamento humano a partir da teoria do reflexo condicionado. O que vemos é que, apesar de se basear na reflexologia, Vigotski já ia criando sua própria teorização sobre a consciência e o comportamento humano, ainda que a partir da teorização e da terminologia pavloviana. Posteriormente, com o avanço de seus estudos, o autor vai desenvolvendo sua própria terminologia, como procuraremos demonstrar ao longo do texto.

No texto apresentado por Vigotski no Segundo Congresso de Psiconeurologia intitulado *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos* (1924/2004) fica evidente a influência que a reflexologia teve sobre os primeiros trabalhos do autor. Discutindo no texto citado a questão dos métodos de pesquisa da reflexologia, Vigotski afirma que os reflexos não existem isoladamente, mas se estruturam em complexos, em sistemas: “O mecanismo seria este: *em um reflexo qualquer, sua própria parte reativa (movimento, secreção) converte-se em excitante de um novo reflexo do mesmo sistema ou de outro sistema.*” (Vigotski, 1924/2004, p. 12, grifos do autor).

O autor exemplifica dizendo que quando o cachorro reage ao ácido clorídrico, secretando saliva, a saliva, por sua vez, constitui-se como um novo excitante para o reflexo de deglutição. Vigotski chama este fenômeno de *primeira lei de relação entre os reflexos*, afirmando que a relação entre os reflexos está submetida às leis de formação dos reflexos condicionados. “De acordo com a lei dos reflexos condicionados, um reflexo entra em conexão com outro convertendo-se, em determinadas circunstâncias, em seu excitante condicionado.” (Vigotski, 1924/2004, p. 13)

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Vigotski (1924/2004) afirma no texto:

Mas também a própria consciência ou tomada de consciência de nossos atos e estados deve ser interpretada como um sistema de mecanismos transmissores de certos reflexos para outros que funcionam corretamente em cada momento

consciente. Quanto maior for o ajuste com que qualquer reflexo interno, em qualidade de excitante, provoque uma nova série de reflexos procedentes de outros sistemas e se transmita a outros sistemas, mais capazes seremos de nos darmos conta de nossas sensações, de comunicá-las aos demais e de vivê-las (senti-las, colocá-las em palavras etc.). Dar-se conta significa transferir certos reflexos para outros. **O inconsciente baseia-se psiquicamente em que alguns reflexos não se transmitem em outros sistemas. Pode haver graus de consciência – ou seja, interações entre sistemas no seio do mecanismo do reflexo que atua – de infinita diversidade.** A consciência das próprias sensações significa apenas que elas atuam como objeto (excitante) de outras sensações: a consciência é a sensação das sensações, exatamente da mesma forma que as simples sensações são as sensações dos objetos. Mas precisamente a capacidade do reflexo (sensação do objeto) de ser um excitante (objeto de sensação) para um novo reflexo (nova sensação) converte esse mecanismo de consciência em um de transmissão de reflexos de um sistema para outro (Vigotski, 1924/2004, p. 14, grifos nossos).

Na citação acima Vigotski (1924/2004) está considerando a consciência como um sistema de mecanismos transmissores de reflexos de um sistema para outro. Tomar consciência de algo seria transmitir certos reflexos a outro grupo ou sistema de reflexos. Para que algo seja consciente, este reflexo precisa gerar uma nova série de reflexos em outros sistemas e para o autor o inconsciente seria baseado na não transmissão de alguns reflexos para outros sistemas. Como as interações entre os sistemas pode ser variável, podem existir graus diversos de consciência.

Neste texto Vigotski (1924/2004) também discute o que chama de *reflexos reversíveis*. Segundo o autor, quando um homem escuta uma palavra, esta palavra é um excitante para ele, e a palavra que pronuncia, em decorrência deste excitante, é um reflexo, mas este reflexo converte-se em excitante. Vigotski chama este processo de reflexos reversíveis. **A consciência seria um entrelaçamento destes reflexos reversíveis.** Tais reflexos são o fundamento da comunicação social e da coordenação coletiva do comportamento, **o que indica a origem social da consciência.**

Vigotski (1924/2004) destaca que nos seres humanos existe um grupo de reflexos que ele denomina de **reflexos de contato social**. Estes são estímulos sociais que procedem das pessoas; são um grupo de reflexos que reagem a excitantes criados pelo próprio homem. É o

próprio homem que pode produzir e reproduzir esse excitante, que determina seu comportamento de forma distinta dos demais reflexos. Explica o autor:

No sentido amplo da palavra, é na fala que reside a fonte do comportamento e da consciência. A fala constitui, por um lado, um sistema de reflexos de contato social e, por outro, o sistema preferencial dos reflexos da consciência, isto é, servem para refletir a influência de outros sistemas (Vigotski, 1924/2004, p. 17).

Já vemos neste texto que, apesar de ainda analisar a consciência por meio dos reflexos condicionados, **Vigotski já começa a elaborar seu entendimento da origem social da consciência**, que irá delinear melhor mais tarde. O autor discute aqui, de forma inicial e muito influenciado pela reflexologia, o que depois irá sistematizar como a Lei da Internalização. Posteriormente, nos textos que compõem *Pensamento e linguagem* (1934/2001), por exemplo, os termos utilizados neste primeiro texto deixam de existir. No texto de 1924 Vigotski entende a fala como um sistema de reflexos de contato social, ao passo que nos textos posteriores ele delineia o significado da palavra como *microcosmo da consciência*.

Mais adiante, ainda no texto *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos* (1924/2004), Vigotski afirma que a psique não existe fora do comportamento e que o comportamento não existe sem a psique. Psique e comportamento formam uma unidade psicofísica. Explica o autor:

É por isso que os fenômenos subjetivos estão unicamente em meu alcance, somente eu os percebo como excitantes de meus próprios reflexos. Nesse sentido tem muita razão W. James²³, que mostrou em uma brilhante análise que nada nos obriga a admitir o fato da existência da consciência como algo independente do mundo, apesar de não negar nem nossas vivências, nem a consciência destas. Toda a diferença entre a consciência e o mundo (entre o reflexo ao reflexo e o reflexo ao excitante) decorre apenas do contexto dos fenômenos. O mundo está no âmbito dos excitantes; a consciência no de meus reflexos. Esta janela é um objeto (o excitante de meus reflexos); a mesma janela, com essas mesmas qualidades, é minha sensação (um reflexo transmitido a outros sistemas). A consciência é apenas o reflexo dos reflexos (Vigotski, 1924/2004, p. 25).

²³ William James (1842-1910). Psicólogo e filósofo norte-americano. Foi um dos fundadores da psicologia moderna e do pragmatismo.

Empenhado em elaborar uma psicologia materialista dialética, Vigotski estava preocupado em demonstrar que a consciência não existe como uma entidade independente. O autor, em consonância com as discussões que estavam sendo feitas no Congresso de Psiconeurologia, estava rebatendo o entendimento idealista que explicava a consciência como algo separado do corpo. Vigotski estava preocupado em provar que a consciência é, como ele definiria mais adiante no texto *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/2004a), uma unidade psicofísica, ou seja, constituída de aspectos psíquicos e fisiológicos. Não obstante, neste primeiro momento, ao discutir tal teoria, Vigotski ainda se baseia nas considerações da reflexologia, pois como discute no texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004), é preciso que a ciência marxista se baseie, para construir seus novos entendimentos, em alguma corrente da psicologia que já exista. A corrente que o autor elege como fundamento de suas discussões é a reflexologia. Para Vigotski, é o ramo materialista que deverá dominar a Psicologia. Esclarece:

(...) O que nós supomos é que é precisamente o ramo materialista que deverá denominar psicologia. A favor disso e contra o radicalismo dos reflexólogos falam duas importantes considerações. Em primeiro lugar, é precisamente este o ramo em que culminam *todas* as tendências verdadeiramente científicas das épocas, correntes e autores, que se viram representados na história de nossa ciência e, portanto, esse ramo *é de fato e por sua própria essência a psicologia*. Em segundo lugar, ao adotar esse nome, a nova psicologia não “subtrai” dele nada, não o deforma, não se vincula às marcas mitológicas que nela se conservaram, mas, pelo contrário, guarda a lembrança histórica de todo seu caminho, de seu ponto de partida (Vigotski, 1927/2004, p. 401, grifos do autor).

No texto *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos* (1924/2004), fica evidente a influência da reflexologia sobre o pensamento do autor. No desenvolvimento de sua obra Vigotski se distancia mais deste entendimento, criando outras teorizações e novos termos, carregados de novo sentido, para designar os fenômenos. Na obra citada o próprio autor analisa que, ao buscar explicar a consciência como uma reação do organismo, acabou sendo mais reflexólogo que o próprio Pavlov.

Outro texto desse período traz considerações sobre a consciência que nos permitem pensar sobre o inconsciente, a saber, *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/2004), escrito em 1925. Sobre este manuscrito, Shuare (1990) destaca a

importância de o compreendermos tendo em vista o momento em que Vigotski o escreveu. Nessa época era corrente a luta entre a psicologia introspectiva, baseada no idealismo filosófico, e a psicologia objetiva, com destaque para a reflexologia. Esta última estava em destaque, pois continha a possibilidade de superar a psicologia idealista, propondo que o objeto de estudo da psicologia deveria ser o comportamento.

Não obstante, para Vigotski, de acordo com Shuare (1990), a psicologia objetiva incorria no erro de não considerar a consciência como objeto de estudo, rechaçando-a do ponto de vista metodológico e científico. Vigotski entendia que quando a psicologia ignora o problema da consciência ela fecha a possibilidade de realmente compreendermos o comportamento humano. Tal discussão é realizada com exaustão por Vigotski no texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004).

Em *A consciência como problema da psicologia do comportamento* (1925/2004), inicialmente Vigotski considera como falsa a concepção de que o comportamento é uma soma de reflexos. Para ele o reflexo é um conceito abstrato que tem grande valor metodológico, mas que não pode se constituir como o princípio explicativo da psicologia. O autor destaca a importância de se estudar o comportamento humano, não apenas o reflexo.

Vigotski (1925/2004) afirma que precisamos dar para a consciência um lugar adequado e construir uma hipótese de trabalho (explicativa da consciência) **que elucide os problemas fundamentais relacionados a ela**. Tal princípio deve explicar a natureza psicológica do conhecimento da realidade, o caráter consciente do pensamento, das sensações e da vontade e **o conceito de inconsciente**. Deve aclarar como a consciência se desenvolveu (gênese e processo), qual sua identidade (características e atributos) e unidade (estrutura). Aqui podemos perceber que Vigotski está relacionando o problema do inconsciente com a consciência e dizendo que **a hipótese de explicação da consciência deve também poder explicar o inconsciente**.

A seguir, Vigotski (1925/2004) discute a reflexologia e critica os psicólogos que buscam estudar os animais para entender o homem. Para o autor, isto não é verossímil, visto que homem e animal são qualitativamente diferentes. Para o autor soviético o animal possui dois grupos de reações: os reflexos inatos (não condicionados) e os adquiridos (condicionados). Os reflexos inatos são a base biológica da experiência hereditária. Os reflexos adquiridos surgem sobre esta base inata através da experiência particular do indivíduo. O comportamento do animal é entendido pela experiência inata mais a adquirida,

multiplicada pela particular. Não obstante, o homem, diferentemente do animal, não possui apenas as experiências herdadas biologicamente, mas seu comportamento baseia-se na experiência das gerações anteriores, **na experiência histórica**. O autor expõe também sobre o componente social do comportamento, ou seja, sobre quanto a experiência de outras pessoas constitui-se como componente do comportamento humano.

Outro ponto que diferencia o homem do animal é que o homem age ativamente sobre a natureza. Quando o homem vai construir algo, este algo está previamente construído em sua cabeça, existe idealmente. O homem planeja o que vai construir, pensa sobre isso e depois se coloca a construí-lo. Vigotski (1925/2004) chama isso de *experiência duplicada*. Assim, a fórmula do comportamento do homem possui estes três novos termos: **a experiência histórica, a experiência social e a experiência duplicada**. Para o autor, o mecanismo de reflexo condicionado explica a multiplicação da experiência hereditária pela particular; mas ainda é preciso descobrir que signos estão relacionados com os três novos componentes dessa fórmula citados acima. Tais conceitos, que o autor desenvolverá melhor mais tarde, ainda estão formulados aqui de forma inicial e embrionária.

Apesar destas considerações, assim como no texto anterior, *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos* (1924/2004), neste texto Vigotski (1925/2004) compreende que **a capacidade do homem de transformar-se em excitante de si mesmo é a base da consciência**. A consciência, ou a conscientização de nossos estados e atos, é um sistema de mecanismos transmissores de uns reflexos para outros. **É consciência o que se transmite na qualidade de excitante, provocando uma resposta em outros sistemas**. O trecho abaixo é do escrito de 1925, mas é muito semelhante ao que o autor escreveu no texto de 1924:

Dar-se conta de algo significa justamente transformar certos reflexos em outros. **O inconsciente, o psíquico, implica que os reflexos não se transmitem a outros sistemas. São possíveis infinitas variedades de graus de consciência, ou seja, de interação de sistemas incorporados ao mecanismo do reflexo que atua**. A consciência das próprias sensações nada mais significa do que sua posse na qualidade de objeto (excitante) para outras sensações. A consciência é a vivência das vivências, assim como as simples sensações são as sensações dos objetos. [...] (Vigotski, 1925/2004, p. 71, grifos nossos).

O que vemos é que no início do texto o autor coloca como falso o entendimento de que o comportamento é uma soma de reflexos, mas continua com a hipótese de que a consciência é um sistema de transmissão de reflexos. Aqui está exposta uma questão metodológica importante da teoria de Vigotski, que o autor irá explicitar melhor em textos posteriores. O que ele começa a discutir aqui, mas ainda de forma incipiente, é que **a consciência não é uma soma ou junção de alguns reflexos, e sim, um sistema integral**, de acordo com o entendimento marxista de que o todo não é igual à simples soma de suas partes, mas uma totalidade qualitativamente diferente. O importante é compreender que o que Vigotski (1925/2004) está buscando é delinear o problema da consciência, ou seja, analisar o que já foi construído até aqui e discorrer sobre os pontos em que ainda é necessário avançar. O próprio autor afirma que a solução para esta questão ficará para trabalhos posteriores.

O autor adota a posição de que a análise do comportamento humano deve ter base materialista e não deve cair no idealismo; mas destaca também que nem por isso se deve deixar de lado o estudo da consciência. Vigotski (1925/2004) defende aqui o tempo todo que **a consciência possui base material** e que é possível estudá-la sem cair no idealismo ou nos métodos introspectivos. É por isso que, em nossa análise, o autor está defendendo a consciência como um sistema de reflexos, ou seja, está buscando provar sua base material, em oposição às concepções que entendem a consciência como imaterial, como uma entidade dada *a priori*.

Afirma Shuare (1990, p. 79):

O enfoque que propõe Vigotski para estudar o problema diferencia a consciência como objeto concreto da análise científica, para tanto é necessário encontrar o que determina a consciência, ou seja, deixar de considerá-la uma substância para estudá-la como uma função. Essa mudança de enfoque permitiu a Vigotski retirar a consciência do dilema: como fenômeno subjetivo originário e original é o princípio explicativo (na psicologia tradicional) ou é um fenômeno que se pode ignorar desde o ponto de vista científico (na reflexologia, no condutivismo).

Assim, Vigotski propõe um novo enfoque para este problema. Tal entendimento ainda não está explícito nestes primeiros trabalhos, mas se desenvolve à medida que o autor avança em seus estudos. Seu entendimento sobre a consciência se complexifica conforme ele sistematiza os conceitos de internalização do signo e de sistemas psicológicos. Isto lhe possibilita desenvolver o estudo da consciência em novas perspectivas (Shuare, 1990). É o

que vemos nos trabalhos do autor escritos na década de 1930. Nestes textos Vigotski apresenta uma mudança qualitativa evidente e muito importante: passa a fazer críticas mais contundentes à reflexologia e propõe um novo método de estudo dos processos psíquicos, que é o método instrumental.

No texto *O método instrumental em psicologia* (1930/2004b), escrito em 1930, Vigotski discorre sobre o sistema de reações de um organismo, assim como nos textos anteriores; contudo, aqui o autor explicita melhor como funciona e este sistema de reações e o que o compõe. Tal sistema seria uma função complexa, o conjunto dos estímulos-objeto e dos estímulos-instrumento, e seria a unidade elementar do comportamento. Há uma elaboração nova neste entendimento.

Para entendermos melhor essa questão vamos nos debruçar sobre o que o autor constrói neste texto. Vigotski (1930/2004b) analisa que **o instrumento psicológico modifica o desenvolvimento e a estrutura das funções psicológicas**. Compreende que ferramentas ou instrumentos psicológicos²⁴, são dispositivos artificiais criados pelo homem que determinam o domínio dos processos psíquicos, e a configuração do **ato instrumental**. O autor faz uso do seguinte esquema:

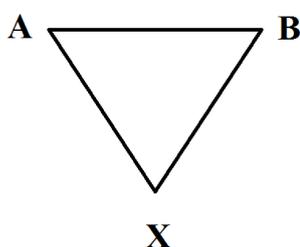


Figura 1 – Método instrumental

Na *figura 1*, A e B são os estímulos. X é o instrumento psicológico. Com a introdução do instrumento psicológico, a anterior conexão direta entre A e B agora se configura de forma diferente. São estabelecidas duas novas conexões: A–X e X–B. Vigotski (1930/2004b) explica que A-X e X-B são reflexos condicionados com A-B. O que há de novo é que o instrumento imprime uma direção artificial ao processo natural de fechamento da conexão condicionada. O instrumento imprime ao processo natural uma direção artificial. Esclarece:

²⁴ Vigotski (1930/2004b) aponta como exemplos de instrumentos psicológicos: a linguagem, os números, as obras de arte, mapas, entre outros.

O método instrumental estabelece um novo ponto de vista sobre a relação entre o ato de conduta e o fenômeno externo. Dentro da relação geral estímulo-reação (excitante-reflexo), formulada pelos métodos científico-naturais em psicologia, o método instrumental distingue dois tipos de relação entre comportamento e o fenômeno externo: este último, o estímulo, pode em certos casos, desempenhar o papel de objeto para o qual se dirige o ato de comportamento para resolver alguma das tarefas a que o indivíduo se propõe (lembrar, comparar, escolher, valorar, ponderar etc.); em outros casos, pode desempenhar o papel de meio com a ajuda do qual dirigimos e executamos as operações psíquicas necessárias para resolver essas tarefas (lembrança, comparação, escolha etc.). A natureza psicológica da relação entre o ato de comportamento e o estímulo externo é essencialmente distinta nos dois casos: o estímulo determina, condiciona e organiza o comportamento de forma totalmente diferente e por meio de procedimentos absolutamente singulares. No primeiro caso, o correto seria denominar o estímulo de objeto e, no segundo, de ferramenta psicológica do ato instrumental (Vigotski, 1930/2004b, p. 96).

O autor explica que o que caracteriza o ato instrumental é que entre o objeto e a operação psicológica a ele dirigida há um componente intermediário, o instrumento psicológico. Este instrumento psicológico é o ponto estrutural do ato instrumental. **Entre os processos de estímulo e resposta surge um componente intermediário, o signo ou instrumento psicológico.**

Esta elaboração nos remete aos textos anteriormente citados, nos quais Vigotski (1924/2004; 1925/2004) fala que a consciência é a capacidade do homem de transformar-se em excitante de si mesmo e que existem respostas que podem se transformar em estímulos. Aqui, de forma mais elaborada, o autor (1930/2004b) aponta dois momentos deste processo. O primeiro seria aquele em que o estímulo passa a desempenhar o papel de objeto (no nosso entendimento, este seria o momento do qual Vigotski fala nos textos discutidos anteriormente); e segundo momento seria aquele em que o estímulo se transforma em meio para executar a operação. Neste caso, o estímulo deveria ser chamado de ferramenta psicológica do ato instrumental. No ato instrumental estariam presentes ambas as classes de estímulos (Vigotski, 1930/2004b).

Outro texto deste período traz discussão semelhante. Na obra *O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança* (1930/2007), Vigotski e Luria²⁵ criticam o modelo básico de estímulo-resposta proposto pela reflexologia. Segundo os autores, a reflexologia compreendia que o comportamento da criança pode ser estudado da mesma forma como se estuda o comportamento dos animais, já que os dois mantêm a mesma estrutura, ainda que possuam complexidades diferentes. O modelo estímulo-resposta é o mecanismo básico para se compreenderem tanto os comportamentos mais simples como os mais complexos. Há, assim, uma transferência dos métodos utilizados para estudar a fisiologia animal para o estudo do comportamento humano. Tal método de investigação, para os autores, possui uma atitude antigenética, e não dá conta de compreender a gênese e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, não se adequando ao estudo da complexidade e singularidade do psiquismo humano, que em sua gênese e estrutura é qualitativamente diferente do comportamento animal, conforme discutiremos a seguir.

Os autores chegam à conclusão de que as funções simbólicas historicamente desenvolvidas, como a fala e o uso de signos, reconstróem o processo de resolução de problemas do homem em uma base completamente nova. Compreendem que as funções psíquicas superiores são produto do desenvolvimento histórico da personalidade humana. Tais funções não se formaram por conta da evolução biológica, e sim, pelo desenvolvimento histórico do comportamento, por meio da história social concreta dos homens (Luria e Vigotski, 1930/2007). Esclarecem os autores:

Denominamos a estas funções *funções superiores*, e por isso entendemos em primeiro lugar e acima de tudo seu papel no plano de desenvolvimento; para distingui-la da biogênese com que se nomeia as funções mais inferiores, nos inclinamos a denominar sua história de formação ou desenvolvimento, *sociogênese das funções psíquicas superiores*, ressaltando, assim, a natureza social de seus primórdios (Vigotski e Luria, 1930/2007, p. 44, grifos dos autores).

Para os autores, paulatinamente o uso externo dos signos se transforma paulatinamente em função psíquica interna. O que era um determinado método cultural para dominar a si mesmo a partir do exterior se transforma em função intersíquica, criando **um novo sistema**

²⁵ No prólogo deste texto, Pablo del Río e Amelia Alvarez (2007) afirmam que este texto foi escrito em 1930, permanecendo inédito até a data de 1984, quando foi incluído no volume 6 das Obras Escolhidas de Vigotski, em russo. Paralelamente a isso, Luria entregou a Michael Cole um manuscrito em inglês deste texto em que Luria e Vigotski apareciam como autores. Río e Alvarez afirmam que o próprio Vigotski citou o envio da publicação deste texto na bibliografia da edição de Pensamento e Linguagem, em 1930, colocando ele e Luria como autores. Contudo, o texto que consta no volume 6 das Obras Escolhidas não inclui Luria como coautor. Consideraremos, nesta dissertação, a versão traduzida pelos autores citados, da edição de Madri, *Fundación Infancia e Aprendizaje*, que inclui Luria como co-autor.

psíquico de caráter cultural. Os signos são internalizados e passam a fazer parte do sistema psíquico intrapsicológico. Vigotski e Luria (1930/2007, p. 66) afirmam: “(...) chegamos, assim, a conclusão de que toda função psíquica superior tem inevitavelmente no começo um caráter de atividade externa. Como regra, o signo é no princípio um estímulo auxiliar externo, um dispositivo externo de autoestimulação (...)”.

Os estímulos auxiliares criados pelo homem, ou seja, os signos organizam a conduta da criança. Eles são um meio de contato social da criança com as pessoas de seu entorno e transformam-se em uma forma de a criança controlar o próprio comportamento, são um meio de autoestimulação. Tomando como exemplo a fala, discutem que esta função passa da condição de intersíquica para a de intrapsíquica. Neste processo, a criança transfere a forma social de conduta para a organização de sua própria psique. Quando isto acontece ocorre uma profunda reconstrução de todo o comportamento da criança (Vigotski e Luria, 1930/2007). O que vemos é que aqui os autores já têm sistematizada a Lei da Internalização.

Além disso, os autores tratam nesta obra sobre os sistemas psicológicos. Expõem o entendimento de que as funções psíquicas superiores não funcionam isoladamente, mas sim, em **sistemas psicológicos funcionais** integrados. **Há aqui uma mudança no entendimento de sistema de reflexos para sistema de funções psicológicas.** Explicam:

Durante o processo de desenvolvimento psíquico da criança não somente tem lugar, como mostram nossas investigações, a reconstrução interna e o aperfeiçoamento de cada uma das funções em separado, mas também se alteram de maneira profunda as conexões e relações interfuncionais. Como resultados dessas transformações, aparecem *novos sistemas psíquicos*, que unem, em uma complexa cooperação e com combinações complexas, as diversas funções elementares singulares. (...) (Vigotski e Luria, 1930/2007, p. 77, grifos dos autores).

Retomando o que Vigotski dizia no texto *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos* (1924/2004) a respeito da consciência, temos que esta seria a capacidade do homem de transformar-se em excitante de si mesmo. No texto discutido agora, *O método instrumental em psicologia* (1930/2004b), Vigotski elabora novos entendimentos a respeito do psiquismo humano e, conseqüentemente, da consciência. Neste texto, considera que entre o objeto e comportamento, ou seja, entre o estímulo e a resposta, colocam-se estímulos de segunda ordem, não relacionados diretamente ao objeto, mas sim, colocados para organizar a

conduta da criança. Estes estímulos constituem-se em autoestímulos, que reconstroem o comportamento da criança.

Estes novos entendimentos advêm do que o autor anunciou no texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004), que discutiremos com mais detalhes no item 2.2 deste trabalho. Vigotski realizou uma análise crítica sobre as teorias tradicionais e procurou responder às principais questões de sua época, em consonância com o projeto coletivo de construção de uma psicologia materialista histórico-dialética. A construção dessa nova psicologia está de acordo com as novas condições postas pela revolução.

Além disso, no texto *O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança* (1930/2007), Vigotski e Luria discutem a questão dos sistemas psicológicos, propondo que as funções psíquicas superiores não funcionam de forma independente, mas integrada, formando um sistema funcional único. Já começam a trabalhar o entendimento, sobre o qual discorrerão melhor futuramente, de que o que se altera quando as funções elementares passam a superiores são as conexões e relações interfuncionais.

Defendemos a posição de que o que o autor chamou de sistema de reflexos, nestes textos iniciais, ele delineou posteriormente como sistema de funções psíquicas. Sendo assim, a partir do entendimento inicial de que o inconsciente baseia-se no fenômeno de que alguns reflexos não se transmitem a outros sistemas de reflexos, podemos construir a hipótese de que o autor considera, inicialmente, que os conteúdos inconscientes seriam aqueles que estão restritos a uma ou algumas funções psíquicas, mas não ao seu conjunto. Um conteúdo seria inconsciente quando estivesse só na esfera da percepção, sensação ou memória, o que faria com que não tivéssemos uma consciência integral do fenômeno, mas apenas uma consciência parcial ou fragmentária.

Entendemos que Vigotski não rompe completamente com a elaboração delineada nos textos da década de 1920, citados no início desta discussão. As novas elaborações do autor contêm as anteriores e as superam por incorporação, em uma nova direção que vai além das concepções pavlovianas, devido ao emprego das categorias metodológicas de Marx.

2.1.2 A influência da psicanálise nos primeiros trabalhos de Vigotski

Ao longo de sua trajetória, Vigotski sempre dialogou com diversos escritores da Psicologia e áreas afins. Este é um cuidado metodológico que acompanha Vigotski desde o início de sua obra. O autor sempre se remete ao que havia de mais elaborado na ciência psicológica da época, para, então, propor novas formulações.

Vigotski, em coautoria com Luria, no prefácio da tradução russa do texto *Para além do princípio do prazer*, de autoria de Sigmund Freud, relata que a psicologia freudiana era muito popular na Rússia, no que dizia respeito tanto aos estudos acadêmicos quanto à leitura leiga em geral. Compreendendo a importância da teoria psicanalítica para a psicologia de forma geral, em diversos textos Vigotski discute as proposições de Freud e de outros autores pós-freudianos, apontando o que considera serem avanços e contribuições desta perspectiva e buscando criticar e superar o que ele entendia como limites destes autores (Vigotski e Luria, 1925/1994).

Vigotski considera que as ideias e pesquisas de Freud trouxeram grandes contribuições para a Psicologia e que a leitura dos textos de Freud deve ser considerada quase como obrigatória para quem quer estudar esta ciência. No início de sua obra Vigotski discute com mais atenção os textos psicanalíticos e se apropria de alguns conceitos. Posteriormente, em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004), o autor explicita de forma mais clara suas críticas com relação à teoria de Freud e aponta os avanços e as limitações desta ciência particular, como discutiremos com mais detalhes no item 2.2; mas já antes disso, no prefácio da tradução russa do texto *Para além do princípio do prazer*, Vigotski e Luria (1925/1994) rebatem algumas críticas endereçadas a Freud, proferidas por leitores russos, que acusam o criador da psicanálise de realizar especulações metafísicas. Vigotski e Luria defendem que as especulações de Freud são metapsicológicas, e não metafísicas, e que são legitimamente científicas. Isto porque, segundo eles, Freud não cai no campo das hipóteses transcendentais, não discute o incognoscível, mas discute o que ainda não foi descoberto pela ciência tradicional. Afirmam que a ciência não é feita apenas de resposta viáveis e fatos confiáveis, mas também de suposições, experiências e riscos.

Os autores realizam esta discussão no intuito de esclarecer que a ciência não consiste exclusivamente em explicar o que é observável, acessível aos sentidos, mas também aquilo que se oculta, em consonância com a tese de Marx de que, se a essência coincidissem com a

aparência, a ciência seria desnecessária. Apontam que Freud realizou uma boa formulação do problema, embora a solução que propôs para este problema não fosse inteiramente correta; ou seja, Vigotski e Luria (1925/1994) não estão necessariamente concordando com as conclusões a que chega Freud, mas sim, defendendo a proposição do autor de estudar aquilo que não está aparente.

No texto *Psicologia da Arte* (1925/1972), escrito em 1925, Vigotski discute sobre as obras de arte e seu significado histórico. Esta obra traz discussões pertinentes a respeito do conceito de inconsciente, influenciadas pelos debates da psicanálise. Nela Vigotski aponta algumas contribuições da psicanálise para a discussão do inconsciente, mas critica a forma como os psicanalistas estudam e compreendem as obras de arte e as formações artísticas.

Nesta oportunidade, Vigotski (1925/1972) considera que não podemos compreender a essência da vivência²⁶ que nos liga à arte se analisarmos apenas os processos conscientes, porque, de forma geral, nós não conseguimos definir precisamente a vivência que experimentamos quando nos relacionamos com a arte. Além disso, o processo de criação artística é quase sempre inexplicável e oculto à consciência daquele que entra em contato com este processo. Diante disso, afirma o autor: “(...) as causas mais imediatas do efeito artístico subjazem no inconsciente e (que) somente depois de penetrarmos neste domínio, conseguiremos estudar de perto os problemas da arte. (...)” (Vigotski, 1925/1972, p. 99).

Para Vigotski (1925/1972), na psicologia da arte, a respeito do conceito de inconsciente, ocorre o mesmo que na Psicologia de forma geral. Para a psicologia tradicional o inconsciente é algo oculto que, por sua própria natureza, não podemos compreender. Vigotski assinala este ponto de vista como errôneo, porque para ele **a ciência não estuda apenas o que é imediatamente acessível à consciência ou à observação**, mas também estuda fenômenos de forma indireta, por meio de indícios e vestígios:

(...) De igual modo o inconsciente se torna objeto de estudo do psicólogo não por si mesmo, mas indiretamente, através da análise dos vestígios²⁷ que deixa no nosso psiquismo. Não existe um muro intransitável entre a consciência e o inconsciente. Os processos que começam no inconsciente emergem frequentemente à consciência e, ao contrário, deslocamos para a esfera do inconsciente numerosos fenômenos conscientes. Existe uma relação dinâmica, viva, permanente, que não se interrompe

²⁶ O conceito de vivência em Vigotski será discutido com mais detalhes no item 2.5 deste trabalho.

²⁷ Apesar destas considerações, o autor não esclarece quais vestígios seriam estes.

nem por um instante, entre ambas as esferas de nossa vida psíquica. O inconsciente influencia os nossos atos, manifesta-se no nosso comportamento, e por esses vestígios e manifestações aprendemos a identificar o inconsciente e as leis que o regem (Vigotski, 1925/1972, p. 100).

Vigotski considera que as obras de arte são o ponto de partida para a análise do inconsciente, porque entende que as obras de arte e a relação do homem com elas são fatos objetivos nos quais o inconsciente se revela com maior nitidez, e que sua análise pode ajudar-nos a compreender e conhecer os processos inconscientes (Vigotski, 1925/1972).

O autor destaca que é a psicanálise a ciência que mais tem se ocupado de compreender o inconsciente e suas manifestações. Nesta obra Vigotski (1925/1972) critica as considerações que a psicanálise faz a respeito das obras de arte. A psicanálise analisa a obra de arte a partir de sua teorização sobre o inconsciente, que tem como base a sexualidade infantil, entendendo que na arte manifesta-se o inconsciente do artista. Deste modo, as formações artísticas são explicadas como sublimação da energia sexual, como provenientes de desejos sexuais reprimidos. Estes desejos sexuais estão relacionados com as vivências da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo, visto que os conflitos inconscientes dizem respeito aos conflitos que o sujeito viveu na primeira infância.

Para Vigotski (1925/1972), a psicanálise não analisa a totalidade dos fenômenos relacionados à obra de arte, circunscrevendo suas observações à relação do indivíduo com sua obra. Assim, a análise psicanalítica não nos permite compreender o desenvolvimento histórico da arte, as mudanças em sua função social. Além disso, a psicanálise atribui um papel excessivamente importante ao inconsciente e acaba reduzindo a consciência a nada.

O autor discute que, enquanto algumas vertentes da psicologia tradicional exageram ao afirmarem o papel supremo da consciência, os psicanalistas caem no outro extremo, reduzindo o papel da consciência a zero, já que para eles a consciência teria apenas a capacidade de servir cegamente ao inconsciente. Em oposição a este entendimento, Vigotski (1925/1972) considera que o conceito de consciência é fundamental para compreendermos a psicologia humana, visto que, como propôs Marx, é a consciência que diferencia o homem do animal.

Outro ponto fundamental é que os psicanalistas propõem que os conflitos inconscientes dizem respeito sempre à sexualidade infantil - o que não está correto, no

entendimento de Vigotski (1925/1972). O autor discute que a vida adulta é repleta de conflitos e vivências dolorosas, que também são expressas quando um artista elabora uma obra de arte. Reduzir todas as manifestações do psiquismo humano aos impulsos sexuais seria infundado. Vigotski se pergunta como isto seria possível para um homem que vive em sociedade, vivencia e participa das formas complexas de atividade social, se não adviesse dessas vivências uma série de tendências e inclinações que determinam seu comportamento, em grau não menor que as determinações sexuais.

O autor se coloca em oposição ao entendimento de que o inconsciente diz respeito apenas aos conteúdos sexuais infantis reprimidos. Para Vigotski, a vida infantil e adulta é repleta de outras vivências tão importantes quanto a da sexualidade, e que **as formas complexas de atividade social é que determinam tanto a consciência como o inconsciente.**

É por isso que Vigotski entende que o método psicanalítico ainda está aguardando sua verdadeira realização:

(...) Os psicanalistas são incapazes de dominar a imensa dedução de que se pode obter de suas construções. De fato, o que eles encontraram tem um só significado, extraordinariamente importante para a psicologia social. Eles afirmam que a arte é em sua essência transformação de nosso inconsciente em determinadas formas sociais, ou seja, em formas de comportamento que possuem determinado significado e finalidade social. Porém os psicanalistas renunciaram a descrever e explicar estas formas em termos da psicologia social. (...) (Vigotski, 1925/1972, p. 109).

Isto se deve a que a psicanálise trouxe grandes contribuições, como a descoberta do inconsciente e o entendimento de que o inconsciente na arte passa a ser social. Não obstante, tais entendimentos não foram corretamente analisados pelos próprios psicanalistas, que centralizam suas análises da singularidade apartada da genericidade. É fundamental que, paralelamente ao inconsciente, eles também levem em consideração a consciência como um fator ativo e autônomo, e não apenas passivo, e que, ao analisarem as obras de arte, possam compreender corretamente seu simbolismo e desenvolvimento histórico e entender que estas não dizem respeito apenas à vida individual do artista, mas também - e fundamentalmente - abarcam a esfera da vida social (Vigotski, 1925/1972).

O que podemos concluir a partir deste texto de Vigotski (1925/1972) é que é legítimo o estudo dos processos inconscientes, já que a psicologia não deve apenas estudar o que está acessível à observação direta, até porque nem os fenômenos da própria consciência são todos acessíveis à observação. O inconsciente pode ser apreendido pelos vestígios que deixa em nosso psiquismo. Vigotski deixa claro que, para compreendermos a totalidade do psiquismo humano e das vivências humanas, é preciso considerarmos também os processos inconscientes, porque eles fazem parte deste psiquismo. O inconsciente influencia o comportamento do sujeito, e só poderemos compreender este comportamento de forma mais abrangente se compreendermos o inconsciente e as leis que o regem em relação com a consciência e suas leis.

Outro ponto importante discutido por Vigotski (1925/1972) neste texto é que não existe uma barreira intransponível que separe os conteúdos conscientes dos conteúdos inconscientes. Existe uma relação dinâmica entre estas esferas, na qual conteúdos inconscientes podem tornar-se conscientes e vivências conscientes podem ser deslocadas para o inconsciente; ou seja, **não existe uma barreira intransponível entre o que está inconsciente e o que é consciente, sendo que todos os conteúdos são potencialmente conscientes**²⁸. Além disso, fica evidente nesta discussão que não podemos considerar que seja o inconsciente o que determina a consciência, reduzindo-a a zero: **é a consciência que caracteriza o psiquismo humano**, já que o homem desenvolveu historicamente a capacidade de controlar conscientemente seu próprio comportamento.

Nesse sentido, fica para nós a indagação: do que é composta a esfera inconsciente? Como ela se estrutura e qual sua dinâmica e sua relação com a consciência?

Outro autor da Psicologia Histórico-Cultural que também teve influência da psicanálise no início de suas pesquisas foi Alexander Romanovich Luria (1902-1977). No início de sua obra Luria faz uma aproximação entre psicanálise e marxismo, buscando confluências entre estas duas correntes. Esta tentativa foi criticada posteriormente por Vigotski em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004).

No texto *A natureza dos conflitos humanos* (1920/1932), escrito na década de 1920, Luria utiliza-se de alguns conceitos básicos da psicanálise, entre eles o conceito de inconsciente. Nas pesquisas que realizava nesta época, Luria buscava estudar os mecanismos

²⁸ Vigotski discutirá este assunto com mais detalhes no texto *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/204a), texto este que analisaremos no item 2.2.

de desorganização do comportamento utilizando-se do método motor combinado, que combina os estímulos verbais com as reações motoras.

Tuleski (2007) analisa que, neste trabalho, Luria se apropria de muitos conceitos e métodos provenientes da psicanálise, como o conceito de inconsciente de Freud e os métodos da associação livre e da hipnose, utilizados por Freud e Jung. Neste sentido, a autora considera que as críticas que Vigotski faz a Luria em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004) são pertinentes. Apensar disso, já estão presentes nesta obra de Luria, ainda que de forma inicial, os conceitos que o autor iria elaborar de maneira mais consistente mais tarde, após se associar a Vigotski. Já está delineado aqui o entendimento de que o desenvolvimento da linguagem possui papel fundamental no controle do comportamento, por exemplo. Além disso, também já está presente a noção da gênese histórico-social das funções psicológicas superiores e dos sistemas funcionais.

Em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004), Vigotski critica as tentativas ecléticas de se juntarem diversas teorias, justapondo-se conceitos de uma teoria aos conceitos de outra. Critica os autores que tentam juntar elementos heterogêneos de diferentes origens teórico-filosóficas, como o trabalho de Luria *A natureza dos conflitos humanos* (1920/1932). Para Vigotski, as tentativas de se juntar o conceito de inconsciente da psicanálise com o marxismo não são legítimas, porque é necessário que todos os conceitos sejam submetidos a uma ideia geral e analisados metodologicamente da mesma forma.

Vigotski (1927/2004) discute que os ecléticos utilizam-se principalmente de duas formas de junção de teorias. Alguns autores importam ideias e conceitos de outras escolas e as anexam a sua corrente. Assim, trazem um conceito de uma escola retirando-o do contexto e sistema filosófico no qual foi originalmente concebido. Neste movimento, o conceito perde seu sentido originalmente construído dentro de seu sistema conceitual original.

Já outros autores associam ideias de escolas diferentes sem que nenhuma dessas ideias ou conceitos perca sua independência. Neste caso, tais autores realizam uma *superposição lógica de conceitos*: unem duas teorias (como o marxismo e a psicanálise), mantendo o que nelas se coaduna e retirando os conceitos que não coincidem. Neste processo, acabam por retirar a tese central de uma das teorias (admitir a psicanálise sem os postulados da sexualidade, por exemplo). Vigotski assim explicita sua análise:

Define-se o sistema marxista com monista, materialista, dialético, etc. Depois se estabelece o monismo, o materialismo etc. do sistema freudiano; ao superpor os conceitos, estes coincidem, e declara-se a união dos sistemas. Através de um procedimento elementar eliminam-se contradições grosseiras, bruscas, que saltam à vista, excluindo-as simplesmente do sistema, considerando-as exageradas etc. É assim que se dessexualiza o freudismo, porque o pansexualismo não concorda de modo algum com a filosofia de Marx. “Bom”, dizem-nos, “admitamos o freudismo sem os postulados da sexualidade”. Mas ocorre que esses postulados constituem precisamente o nervo, a alma, o centro de todo o sistema. É possível aceitar um sistema sem seu centro? Porque a psicologia freudiana sem o postulado da natureza sexual do inconsciente é o mesmo que o cristianismo sem Cristo ou o budismo sem Alá (Vigotski, 1927/2004, p. 257).

Assim, a tentativa de juntar dois sistemas acaba transformando a essência destes próprios sistemas. Apesar disso, Vigotski propõe que sua crítica sobre as tentativas de junção entre psicanálise e marxismo:

(...) não significa de modo algum que os marxistas não devam estudar o inconsciente pelo mero fato de que as principais concepções de Freud contradizem o materialismo dialético. Pelo contrário, precisamente porque a psicanálise estuda seu objeto com base em meios impróprios, é necessário conquistá-la para o marxismo, estudá-la empregando os meios da verdadeira metodologia (...) (Vigotski, 1927/2004, p. 265).

Apesar das críticas de Vigotski ao trabalho de Luria (1920/1932), esta obra contém proposições importantes que posteriormente os dois autores irão desenvolver em conjunto. Tuleski (2007) destaca que os estudos com o método motor combinado e o conceito de barreira funcional desenvolvidos por Luria neste texto, posteriormente darão base para o que Vigotski e Luria irão delinear como controle voluntário do comportamento. Neste texto de Luria estes conceitos estão esboçados de forma ainda inicial, mas o entendimento de que o homem controla seu comportamento já demonstra a concepção marxista de trabalho, que posteriormente desenvolve de forma mais evidente.

No texto *A natureza dos conflitos humanos* (1920/1932) Luria busca estudar os mecanismos de desorganização do comportamento, por meio do método motor combinado. Tal método advém do entendimento de que existe uma unidade entre a atividade verbal e a

atividade motora e de que qualquer mudança verbal é sempre refletida no sistema motor, formando um todo unificado.

Segundo o autor, o comportamento se desorganiza em situações afetivas intensas, e o que explica a especificidade da organização e desorganização do comportamento humano não é a neurodinâmica elementar, ou os simples processos neurofisiológicos, mas sim, a inclusão desta neurodinâmica elementar no sistema complexo de funções psicológicas superiores e nas formas superiores de comportamento organizado, que são desenvolvidas culturalmente (Luria, 1920/1932).

Para Luria (1920/1932), o organismo é estruturado em uma complexa organização de sistemas integrados, de funções separadas que funcionam em conjunto, que se correlacionam interfuncionalmente. Tal compreensão é fundamental para entendermos os mecanismos mais complexos do comportamento humano.

A partir de suas pesquisas com o método motor combinado, Luria (1920/1932) explica que o sistema receptivo e o sistema efetor estão isolados no adulto. **O sistema receptivo-conector do adulto está isolado da área motora**, o que faz com que uma excitação que se inicie neste primeiro sistema não vá diretamente ao segundo. Assim, no adulto, temos uma divisão em dois grupos de atividades separados. Há uma barreira que se interpõe entre um sistema e outro, que Luria chama de **barreira funcional**. Conclui que este mecanismo ainda não está presente nas crianças. **As crianças possuem uma tendência à descarga direta da excitação e a transferir os estímulos diretamente para a área motora (o que chamamos de impulsividade)**. Isto pode ser explicado pelo fato de que nelas a linguagem ainda não tem seu papel plenamente desenvolvido na regulação do comportamento.

A barreira funcional não existe nos primeiros anos da infância, sendo elaborada mais tarde. Quanto à sua origem, esta barreira não é um mecanismo natural, estritamente biológico, relacionado puramente com a morfologia do sistema nervoso central. Ela tem origem no desenvolvimento cultural do homem, em estrita conexão com os mecanismos psicológicos superiores e com o desenvolvimento da linguagem e dos mecanismos simbólicos. Este mecanismo possibilita ao homem controlar seu próprio comportamento (Luria, 1920/1932).

Este entendimento inicial a respeito da barreira funcional é delineado posteriormente por Vigotski e Luria no texto *O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança* (1930/2007), como **controle voluntário do comportamento**. Neste texto os autores discutem

que no início do desenvolvimento da criança sua percepção e seus movimentos estão estritamente relacionados, formando **um único processo psicofísico** e nesse momento há uma integralidade das estruturas sensório-motoras; contudo, ao longo do desenvolvimento da criança, com a aquisição dos signos, altera-se a relação entre percepção e movimento. Com o processo de desenvolvimento cultural, a partir da introdução dos signos como mediadores, aquele sistema psicofísico inicial comum **se desintegra**, dando lugar a novas relações estruturais.

Só é possível superar as formas primitivas de conduta mediante esta separação da percepção e movimento, que é possibilitada pelo uso funcional dos signos. É só a partir disso que podem se desenvolver as funções psicológicas superiores. A partir disso podemos pensar no controle voluntário do comportamento e na conscientização das ações. **A consciência das ações só seria possível mediante esta separação da percepção e do movimento** (Vigotski e Luria, 1930/2007).

Para os autores, estas considerações anteriores explicam o conceito de barreira funcional. Para eles, os signos auxiliares atuam e rompem com a fusão existente inicialmente entre o campo sensorial e o sistema motor (que produzem o comportamento impulsivo). Este mecanismo cria uma espécie de barreira funcional entre o início de uma reação e sua conclusão. **A barreira funcional impede que o sujeito aja impulsivamente**. Esta é a ação voluntária humana, que se dá por meio do domínio da própria conduta. A partir da inclusão dos signos possibilita-se a criação de um campo psíquico que remete ao futuro (projeta as consequências e seleciona), que não fica apenas no presente e que possibilita a ação livre e independente da situação imediata (Vigotski e Luria, 1930/2007).

Vigotski (1930/2004c) fala novamente sobre a relação entre o sensório e o motor no texto *Sobre os sistemas psicológicos*²⁹, escrito em 1930. Aponta que tais funções, inicialmente, constituem-se como um conjunto psicofísico único. Ao longo do desenvolvimento cultural produz-se uma mudança nesta estrutura e a conexão direta entre o processo motor e a estrutura sensorial se destrói, estabelecendo-se novas relações entre a motricidade e outras esferas da personalidade, outras funções psíquicas superiores³⁰. Os dois processos passam a ter um caráter relativamente independente, e as conexões entre eles passa

²⁹ Transcrição estenográfica corrigida da comunicação lida a 9 de outubro de 1930 na Clínica de Enfermidades Mentais da 1ª Universidade estatal de Moscou. Do arquivo pessoal de Vigotski. Publicado pela primeira vez nas Obras escolhidas, original russo.

³⁰ Para o autor, no processo de desenvolvimento histórico, há grande mudança no psiquismo humano, não tanto no que diz respeito a cada função isolada, sua estrutura ou desenvolvimento, mas principalmente no tocante à as relações entre elas, ao nexos entre essas funções. São mudanças interfuncionais na estrutura interfuncional. Vigotski chama essas novas relações de *sistema psicológico* (1930/2004c).

a ser mais complexa. Cita as experiências de Luria sobre o método motor combinado, afirmando que tais experiências confirmam a tese acima. Nos testes de Luria fica claro que, quando o sujeito está sob tensão emocional, os processos motores e sensoriais de novo se conectam diretamente.

Vigotski (1920/2004c, p. 108) comenta:

O mais interessante é que, quando o processo **retorna de novo a uma situação na qual o sujeito está em tensão emocional**, se restabelece a conexão direta entre os impulsos motores e sensoriais. Ao passo que, quando **o homem não se dá conta do que faz e age sob influência de uma reação afetiva**, pode-se comprovar seu estado interno e suas características perceptivas através de sua motricidade, observando-se novamente o retorno à estrutura característica de estados precoces de desenvolvimento (Vigotski, 1930/2004c, p. 108).

O conceito de barreira funcional consiste no entendimento de que a criança vai aumentando sua condição de conter sua atuação impulsiva por conta da mediação do pensamento verbal. Quando a barreira está plenamente desenvolvida, **torna-se possível que o adulto pense antes de agir**. O que vemos é que o desenvolvimento cultural possibilita que o homem supere seus comportamentos impulsivos, desligue-se de suas necessidades imediatas e transforme seus atos motores em atos intelectuais. Diferentemente da criança, o adolescente e o adulto possuem autoconsciência, reflexão, capacidade de pensar e de se dar conta da base de seu pensamento (Vigotski, 1930/2004c).

Não obstante, Vigotski (1930/2004c) analisa que esta descarga direta da impulsividade, que não mais deveria ocorrer a partir do desenvolvimento da barreira funcional, em situações complexas **pode voltar a operar mesmo no adulto**. Luria (1920/1932) relata que situações intelectuais complexas de difícil solução podem provocar no adulto um retorno à forma de comportamento intelectual infantil.

Este conceito de barreira funcional nos dá pistas para pensarmos a respeito do inconsciente. Nos textos citados Vigotski discute o controle voluntário do comportamento, ou seja, a capacidade do homem de planejar sua ação antes de executá-la. O que o autor conclui a partir de seus estudos e das pesquisas de Luria com o método motor combinado é que no adulto existe uma barreira funcional que separa o impulso da ação; mas apesar da existência dessa barreira, em algumas situações específicas o adulto mantém comportamentos

impulsivos. Algumas situações complexas, como aquelas em que o sujeito está sob forte tensão emocional, fazem com que esta ligação entre os sistemas sensório e motor se refaça e que **o sujeito tenha reações impulsivas e não se dê conta de como ou por que está agindo**, uma vez que a consciência das ações só seria possível mediante a separação da percepção e do movimento, pela interposição da barreira funcional.

Assim, em nossa análise, um dos aspectos que tradicionalmente se entendem por comportamentos inconscientes pode ser compreendido a partir do que aqui estamos considerando como **a falta de capacidade do sujeito para conter seus impulsos, pensar antes de agir e tomar consciência deste movimento impulsivo**. Seria a impossibilidade de **eleger conscientemente o comportamento mais adequado a determinada situação**.

Outro autor da psicanálise que Vigotski tomou como seu interlocutor foi Alfred Adler³¹ (1870 - 1937). Vigotski se apoia nas considerações teóricas de Adler ao procurar estudar os indivíduos com deficiência. Sobre a psicologia individual de Adler, Barroco (2007) destaca que este autor entendia que a deficiência gera um sentimento de inferioridade que dificulta o desenvolvimento pleno da criança, impelindo-a a buscar formas de compensação destas dificuldades. Para Barroco, Vigotski se apropria do conceito de compensação de Adler e da forma como este entende que a personalidade é direcionada para o futuro. Segundo aquela autora, Vigotski considerava que o importante na teoria de Adler é que este autor pensa de modo dialético quando propõe que a personalidade se desenvolve a partir da contradição, já que junto com o defeito orgânico estão as possibilidades para superá-lo.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que Adler rompeu com as concepções freudianas por discordarem das teorizações de Freud a respeito do recalçamento e da libido. A psicologia de Adler levava em consideração as relações sociais e não concordava com as formulações tradicionais de que o homem fosse determinado por sua sexualidade. Sabemos que Vigotski também fez estas mesmas críticas à teoria de Freud, o que pode ter gerado o interesse do autor pela leitura dos textos de Adler.

No texto *O defeito e a compensação*³², escrito em 1924, Vigotski considera a teoria psicanalítica de Adler como um avanço em relação à teoria psicanalítica de Freud. Critica o

³¹ Alfred Adler (1870 - 1937). Médico austríaco, fundador da escola de Psicologia Individual. Pertenceu aos círculos de estudos freudianos durante nove anos. Foi o primeiro dissidente da história do movimento psicanalítico, rompendo com Freud em 1911. Em 1987 casou-se com Raissa Epstein, cujos pais nasceram na Rússia.

³² A edição em espanhol do volume V das *Obras Escolhidas* (1997) de Vigotski, consultada para a elaboração desta dissertação, mantém as indicações e notas de rodapé da obra original em russo. Consta, dessa forma, como nota da edição russa, que o texto *O defeito e a compensação* foi escrito em 1924 e publicado primeiramente como um artigo intitulado *O defeito e a supercompensação*. O termo *supercompensação* advém da teoria adleriana. Posteriormente, tal texto foi compilado com outros e tornou-se o primeiro capítulo de um

que considera ser um caráter biologizante da teoria de Freud e diz que Adler avança neste aspecto porque leva em conta os fatores sociais no desenvolvimento humano. Vigotski destaca como positiva a forma como Adler entende que o desenvolvimento da personalidade tem base social. Em *Os problemas fundamentais da defectologia contemporânea*³³ (1929/1997) e *Sobre a dinâmica do caráter infantil*³⁴ (1928/1997), aponta que as ideias de Adler sobre a compensação ser uma questão propulsora no desenvolvimento das crianças com deficiência são interessantes porque ele expõe que a personalidade se desenvolve a partir da contradição; porém Vigotski faz ressalvas ao trabalho de Adler já em *Sobre a dinâmica do caráter infantil* (1928/1997). Afirma que esta teoria se baseia em fundamentos filosóficos complexos: por um lado, Adler apoia-se em Marx, e por outro, contraditoriamente, apoia-se nas perspectivas idealistas de autores como William Stern³⁵. Para Vigotski, o autor inclui elementos filosóficos inconciliáveis, sendo um exemplo do dualismo clássico existente na psicologia e refletindo as características principais da crise da psicologia. No texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004) Vigotski pontua que Adler e Jung elaboraram um freudismo sem Freud, e fala da impossibilidade de se conceber a teoria de Freud sem os pressupostos da sexualidade, como tentou Adler.

Na análise de Barroco (2007), Vigotski supera Adler quando defende que as causas orgânicas não atuam sobre a personalidade da criança de modo direto, mas indireto, porque, no entendimento de Vigotski, não seria a deficiência em si que provocaria um sentimento de inferioridade, mas sim, as dificuldades que dela resultam e as formas sociais que nela atuam, a partir da forma como a sociedade vê o deficiente e da posição social ocupada pelo indivíduo com deficiência.

2.2 COMO ESTUDAR O INCONSCIENTE? QUESTÕES METODOLÓGICAS

Vigotski (1927/2004; 1930/2004a) propõe que o problema do inconsciente não está completamente respondido porque as perguntas não foram formuladas corretamente, porque a pergunta deve ser coerente com o método que elegemos para responder a ela. A problemática

livro. Nesta oportunidade, Vigotski modificou o título do capítulo, com título final *O defeito e a compensação*. Tal modificação já nos indica que posteriormente Vigotski adotaria uma postura crítica a respeito da teoria de Adler, discordando com o autor em diversos pontos.

³³ Este artigo foi escrito com base na palestra apresentada por Vigotski no Instituto de Pedagogia Científica, na Universidade Estatal de Moscou (UEM). Foi publicado pela primeira vez no livro “Trabajos de la 2da. UEM”, em 1929.

³⁴ Trabalho originalmente publicado em “Paidologia e educação”, Moscou, 1928.

³⁵ William Stern (1871-1938). Filósofo e psicólogo alemão. Fundou a Psicologia Diferencial, em conjunto com Alfred Binet.

é, então, de ordem metodológica. O autor aponta em *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004) que mais importante que a solução de um problema é sua correta formulação. A pergunta precisa ser coerente teoricamente, e é ela que determinará em parte a resposta, justamente porque definirá o caminho metodológico a ser seguido para responder a ela. No texto citado e em *A psique, a consciência e o inconsciente*³⁶ (1930/2004a) Vigotski discute os problemas metodológicos da psicologia, entre eles, o estudo do inconsciente.

Na obra *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004) Vigotski analisa o que chama de crise da Psicologia, considerando que tal ciência possui duas concepções filosóficas inconciliáveis. Para ele, todas as correntes teóricas tradicionais da Psicologia dividem-se em dois grandes grupos: a psicologia científico-natural (materialista) e a psicologia espiritualista (idealista). Este dualismo, herdado da Filosofia, atravessa as diversas correntes da psicologia e se refere ao dualismo entre sujeito e objeto, entre mente e corpo.

Outro problema, também metodológico, que denuncia a crise é o estudo de fenômenos psicológicos particulares, que só podem ser explicados nos limites das disciplinas particulares; mas tais disciplinas generalizam seu conhecimento e suas conclusões extrapolam estes limites. O autor discute que a crise também advém do fato de que as disciplinas particulares da psicologia se desenvolveram de tal forma que acumularam conhecimentos em domínios muito distantes entre si.

Como exemplo destas disciplinas particulares da psicologia Vigotski (1927/2004) cita, entre outras, a psicanálise e a reflexologia. Segundo o autor, a psicanálise fez suas descobertas no campo da neurose estabelecendo o inconsciente como determinante dos fenômenos psíquicos e posteriormente generalizou esta descoberta concreta para as áreas da psicologia cotidiana, da psicologia infantil e demais áreas. Por sua vez, a reflexologia fez suas descobertas no campo do reflexo condicionado e generalizou este conceito para explicar a psicologia animal como um todo, e também a psicologia humana.

Tais ideias são muito ricas e frutíferas no campo onde foram descobertas, mas, ao serem colocadas como leis universais, acabam iguais entre si e seu conteúdo tende a zero, já que o volume do conceito descoberto por estas teorias aumenta e tende ao infinito. Vigotski (1927/2004) discute que esta tentativa de universalização das leis aponta a necessidade

³⁶ Não se sabe ao certo quando o trabalho foi escrito. Foi publicado pela primeira vez na compilação *Elementos de Psicologia Geral*, em Moscou, 1930.

objetiva de um princípio explicativo e uma ciência geral para a psicologia (uma psicologia geral) que unifique estes diversos campos do saber psicológico.

O autor considera que, deste modo, a psicologia não possui um único objeto de estudo, ou um traço comum que una todos os fenômenos que esta ciência estuda. A psicologia tradicional estuda os fenômenos psíquicos, que são acessíveis somente ao sujeito que os vive; já a reflexologia estuda os atos de resposta do organismo, os reflexos, o comportamento, e a psicanálise, por sua vez, dedica-se ao estudo do inconsciente. Assim, estas vertentes estabelecem três distintos objetos de estudo, que resultam em generalizações teóricas diversas, em três sistemas diferentes e, finalmente, em três ciências distintas: 1) a do psíquico e suas propriedades; 2) a do comportamento; 3) a do inconsciente. (Vigotski, 1927/2004).

Assim se configura a crise da psicologia, que, segundo Vigotski (1927/2004), só poderá ser superada com a criação de uma nova psicologia, que ele chama de Ciência Geral ou Psicologia Geral. Deste panorama advém a necessidade de uma ciência geral que unifique estes conhecimentos heterogêneos e estabeleça a relação entre eles e a totalidade de um saber. Esta unidade não é possível apenas com a junção destas disciplinas, mas somente com a subordinação delas a uma ciência geral, que delimitaria um mesmo método de estudo para todos estes campos, que para o autor seria o Materialismo Histórico-Dialético.

Segundo Vigotski (1927/2004), a única aplicação legítima do marxismo na psicologia é a criação desta psicologia geral, da dialética da psicologia, construída através de conceitos provenientes da dialética geral, já que o autor entende que não é possível fazer uma aplicação direta do marxismo para a psicologia. A aplicação do marxismo por outras vias conduz a uma mudança apenas terminológica ou à negação das tendências históricas no desenvolvimento da psicologia. A psicologia precisa de seu materialismo psicológico (materialismo dialético), de uma ciência intermediária que terá por função explicar a aplicação concreta dos princípios do Materialismo Dialético aos processos psicológicos. Para Vigotski, não se pode buscar diretamente no marxismo a solução da questão sobre o que é e como se desenvolve o psiquismo humano. **O que pode ser buscado no marxismo é o método materialista histórico-dialético de construção da hipótese**, o entendimento de como se constrói a ciência e como realizar a análise da psique.

Especificamente com relação ao estudo do inconsciente, Vigotski (1927/2004) retoma aqui uma discussão já realizada em *Psicologia da Arte* (1925/1972). Para o autor (1927/2004), estão errados os pesquisadores que dizem que a ciência só pode estudar o que

nos mostra a experiência direta, porque conhecimento científico e percepção direta não coincidem. É de forma indireta que os psicólogos estudam o inconsciente, os historiadores estudam o passado, e a física estuda os raios invisíveis, por exemplo.

Os estudos baseados em análise de vestígios, em métodos de interpretação e reconstrução, são tão úteis quanto os métodos de observação empírica. Vigotski (1927/2004) destaca que o estudo de um vestígio não é a ciência deste vestígio, mas do próprio fato, assim como o estudo de um documento histórico da Revolução Francesa não é a ciência deste documento, mas da própria Revolução. A psicologia deve estudar o psíquico, mesmo que este não seja acessível aos órgãos do sentido. A observação científica precisa sair dos limites do visível e buscar seu significado não acessível à percepção direta.

No texto *Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil*³⁷ (1931/1997) Vigotski retoma esta mesma discussão, acrescentando alguns pontos. Escreve o autor:

Da mesma forma se estuda também o inconsciente, isto é, de acordo com algumas de suas impressões, ressonâncias e manifestações naquilo que se tem consciência diretamente. A personalidade humana representa uma hierarquia de atividades das quais muito poucas estão conectadas com a consciência e por isso **a esfera do psíquico é maior que a esfera da consciência** (no sentido da consciência direta). O que foi dito com respeito ao inconsciente é inteiramente aplicável ao lado consciente da personalidade, bem como na autoconsciência raramente tudo se reflete em seu aspecto absolutamente fiel e correspondente a realidade. O investigador, também em seu estudo dos processos conscientes, na determinação de seu verdadeiro nexos, de seus autênticos motivos e de seu curso real, deve passar dos indícios, das manifestações e dos sintomas à essência das coisas, que se encontram nelas. (...) (Vigotski, 1931/1997, p. 318-319, grifos nossos).

Neste trecho Vigotski (1927/2004) deixa claro que psiquismo não é sinônimo de consciência e que a personalidade humana é composta por muitas atividades, nem todas conscientes. O psíquico abarca, assim, tanto os processos conscientes como os inconscientes. Para compreendermos a própria consciência não podemos nos restringir a seus indícios e manifestações, mas ir à essência de seu desenvolvimento, entendendo que seus autênticos

³⁷ Nas notas da tradução russa das Obras Escolhidas (1997) consta que este trabalho foi escrito em 1931. Foi organizado inicialmente como um artigo para uma suposta coleção sobre problemas da infância difícil. Foi publicado após a morte de Vigotski, em 1936, por iniciativa de I. I. Daniushevski e com colaboração de R. E. Levina.

motivos não estão aparentes, não coincidem exatamente com o que se manifesta na observação. Isto também deve ocorrer no estudo dos processos inconscientes. Conclui-se que podemos estudar o inconsciente a partir de impressões, indícios e manifestações, buscando, para além do aparente, compreender sua essência, e que é fundamental a ciência de forma geral estudar os fenômenos objetivando compreender não apenas suas manifestações externas, mas também e fundamentalmente sua essência e seu desenvolvimento.

O que vemos é que, apesar de o autor não se dedicar especificamente ao estudo do inconsciente, ele o considerava um tema fundamental para a psicologia. No texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927/2004) Vigotski **cita um simpósio sobre o inconsciente**, referenciando o ano de 1912, no qual este assunto foi debatido. Infelizmente, o autor não menciona em suas referências ao final do texto, nenhuma indicação a respeito desse simpósio. Também não é possível dizer se o ano referenciado se refere à data de realização do congresso ou de alguma publicação sobre ele. Durante a realização desta dissertação não foi possível localizar nenhum texto ou material referente a este simpósio. Fica para nós a tarefa e o desejo de, futuramente, conseguir acesso a este material.

Discorreremos a seguir sobre as análises de Vigotski (1927/2004) sobre alguns autores que se dedicaram ao estudo do inconsciente. Neste ponto, pedimos licença ao leitor para apresentar algumas longas citações, que consideramos importantes para esclarecer a discussão aqui realizada. Citando Theodor Lipps³⁸ (1851-1914), Vigotski afirma:

Quando T. Lipps, ao falar do subconsciente, diz que não é tanto uma questão psicológica quanto uma questão da psicologia, está se referindo a que o subconsciente é um problema da psicologia geral (1914). Com isto queria apenas significar que a questão do subconsciente não se resolveria como resultado de tal ou qual análise parcial, mas de uma investigação básica com os métodos da ciência geral. Ou seja, comparando amplíssimos dados dos mais diversos setores da ciência: relacionando o problema com algumas das premissas fundamentais do conhecimento científico, por um lado, e com alguns dos resultados mais generalizados de todas as ciências, por outro lado; encontrando o lugar desse conceito dentro do sistema dos conceitos fundamentais da psicologia; realizando uma análise dialética essencial sobre a natureza do conceito e sobre as qualidades da realidade que este abstraiu. Essa análise precede logicamente qualquer análise concreta sobre os aspectos parciais da vida

³⁸ Theodor Lipps (1851-1914). Filósofo e psicólogo alemão.

subconsciente e determina a maneira como as próprias análises devem ser formuladas (Vigotski, 1927/2004, p. 251).

Neste ponto Vigotski (1927/2004) está concordando com Lipps, porquanto este autor entende que **o problema do inconsciente é um problema metodológico**, e só pode ser resolvido pela ciência geral. As análises sobre os aspectos parciais da vida subconsciente devem ser precedidas de uma análise geral, **que incluiria este conceito no sistema de conceitos da psicologia** e determinaria o caminho metodológico para a análise do inconsciente. Continuando esta discussão, Vigotski observa:

O tipo e o revestimento dos materiais que estudemos variarão em função de aceitarmos, junto com Münsterberg³⁹, que o subconsciente é simplesmente fisiológico e não psicológico; ou que convenhamos com outros em considerar os fenômenos temporariamente ausentes da consciência como subconscientes (como toda uma massa de lembranças, conhecimentos e hábitos potencialmente conscientes) ou de que chamemos subconscientes aos fenômenos que não alcançam o limiar da consciência, que são minimamente conscientes, periféricos no campo da consciência, automáticos e irreconhecíveis; ou de que encontremos na base do deslocamento subconsciente, junto com Freud, uma tendência de caráter sexual, ou em nosso segundo *eu* uma personalidade especial; ou que, finalmente, demos a todos esses fenômenos o nome de “in-”, “sub-”, ou superconscientes ou admitamos as três denominações, como faz Stern. Tudo isso fará variar seriamente o tipo, o revestimento, a composição e as propriedades do material a estudar. A pergunta pressupõe em parte a resposta (Vigotski, 1927/2004, p. 252, grifos do autor).

Neste ponto do texto o autor não se posiciona destacando qual ou quais destas formulações sobre o inconsciente seriam mais corretas. O que ele demonstra aqui é a forma como formularmos a pergunta sobre o inconsciente trará consigo a resposta. A própria terminologia que utilizamos para nominar o fenômeno (subconsciente, inconsciente ou superconsciente) já traz consigo a base teórica que elegemos para discutir o assunto.

Diante disso, Vigotski (1927/2004) discute a importância de, no estudo do inconsciente, realizarmos uma distinção entre o problema metodológico e o empírico, entre a hipótese e o fato. O conceito de inconsciente advém da observação empírica, mas a partir disso os autores criaram a hipótese do inconsciente, que vai além da experiência psíquica

³⁹ Hugo Münsterberg (1863 - 1916). Psicólogo alemão. Foi um dos elaboradores da psicologia industrial.

irrefutável. É preciso, então, diferenciar aquilo que faz parte da experiência psíquica do que foi uma construção hipotética ou generalização na tentativa histórica de compreender o fenômeno, em cada tese construída sobre ele. A união de ambos, sem uma análise cuidadosa, produz uma deformação da questão. Para explicar o inconsciente os autores foram além dos limites da investigação empírica, argumentaram e tiraram conclusões a partir de concepções filosóficas. Vigotski pontua que Franz Brentano⁴⁰ (1838-1917), por exemplo, entende que não existe o inconsciente. Para Münsterberg, o inconsciente é somente fisiológico. Freud diz que ele é sexual. Todas estas formulações vão além das investigações empíricas.

Vigotski levanta aqui a questão: no estudo do inconsciente, o que é da experiência psíquica irrefutável? O que realmente existe? O que vemos manifestar-se nos fenômenos psicológicos? Em nossa análise, para o autor a experiência demonstra que: não temos consciência de tudo; alguns conteúdos entram e saem de nossa consciência; a própria consciência dos fenômenos pode se dar em diferentes graus; temos uma consciência mais clara de algumas coisas e uma consciência mais vaga de outras; às vezes o sujeito age conscientemente, mas não tem consciência do motivo pelo qual age. As demais afirmações são tentativas teóricas de compreender estas experiências.

Vigotski (1927/2004) cita E. Dalié⁴¹, analisando que para este autor o conceito de inconsciente permitiu à psicologia permanecer dentro dela mesma, ou seja, permitiu-lhe defender-se das tentativas de reduzir o psiquismo humano a seus componentes fisiológicos. Este conceito traz consigo a exigência de que o psíquico se explique através do psíquico, e não do fisiológico. Sobre a afirmação de Dalié de considera que a vida psíquica transcorre com intervalos, está cheia de lacunas questiona e argumenta:

O que ocorre com a consciência durante o sono, com as lembranças que não reconhecemos aqui e agora? Se queremos explicar o psíquico a partir do psíquico sem recorrer a outro âmbito de fenômenos, sem nos trasladarmos para a fisiologia, se queremos preencher os intervalos, as lacunas, as omissões na vida da psique, temos de supor que esses fenômenos continuam existindo de uma forma especial: como algo que é, ao mesmo tempo, inconsciente e psíquico. Essa interpretação do inconsciente como conjectura necessária, como continuação e complemento hipotético da

⁴⁰ Franz Brentano (1838-1917). Filósofo alemão.

⁴¹ Segundo Vigotski (1927/2004), E. Dalié foi um autor russo que representa os movimentos gnosiológicos que se preocupam com a elaboração do conceito de inconsciente. Não conseguimos localizar mais informações sobre este autor.

experiência psíquica, também é desenvolvida por W. Stern (1924) (Vigotski, 1927/2004, p. 271).

O que Vigotski (1927/2004) está se perguntando aqui é o que ocorre com os conteúdos quando não temos consciência deles, para onde vão as lembranças e memórias que não estão imediatamente em nossa consciência e se elas deixam de estar em nosso psiquismo. O autor responde dizendo que tais conteúdos permanecem em nosso psiquismo de forma especial. Isto faz que seja necessária a análise psíquica do inconsciente, e não apenas a fisiológica.

Neste ponto, assim como na discussão que realizou no texto *A psique, a consciência, e o inconsciente* (1930/2004a), Vigotski (1927/2004) defende a análise metodológica do problema do inconsciente e postula como principal questão compreender se o mesmo é psíquico⁴² ou fisiológico⁴³. Afirma:

(...) Dalié tem toda razão ao dizer que essa questão da natureza psicológica ou fisiológica do inconsciente é a primeira fase e a mais importante de todo o problema. Antes de descrever e classificar psicologicamente o problema do subconsciente, devemos saber se estamos operando neste caso com algo fisiológico ou psíquico, é preciso demonstrar que o inconsciente é, em geral, uma realidade psíquica. Em suma, para resolver psicologicamente o problema do inconsciente é necessário formulá-lo como problema da própria psicologia (Vigotski, 1927/2004, p. 272).

É este o objetivo de Vigotski no texto *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/2004a). Neste texto o autor busca formular o problema destes três termos como problemas da própria psicologia, discutindo a natureza psicofísica do psiquismo humano. Vigotski destaca que os conceitos de *psique, consciência e inconsciente*, mais do que três temas fundamentais para a psicologia, são questões que dizem respeito aos princípios de estruturação desta ciência. Os diversos sistemas psicológicos existentes se desenvolvem de maneiras muito distintas ao tentarem explicar estes três termos, o que demonstra o valor metodológico que eles possuem para qualquer corrente psicológica. Segundo o autor, historicamente, o psiquismo tem sido compreendido por três vias, descritas a seguir.

⁴² Vigotski (1927/2004; 1930/2004a) utiliza o termo psiquismo para se referir a tudo aquilo que é de ordem subjetiva. Seria o que tradicionalmente a psicologia identifica como a mente, a alma ou o espírito.

⁴³ O termo fisiológico se refere a tudo que é da ordem biológica, fisiológica. Abrange o corpo orgânico, os processos cerebrais.

A primeira via é a *reflexologia*, que estuda o comportamento humano a partir de um prisma fisiológico, atendo-se à explicação física do cérebro. Além disso, analisa o comportamento humano a partir das leis de funcionamento do comportamental animal. Ao realizar tal empreitada, esta vertente acaba excluindo de sua investigação os fenômenos psíquicos e renunciando ao estudo da psique (Vigotski, 1930/2004a).

A segunda via é a da *psicologia descritiva*, que considera a psique como uma esfera de realidade totalmente isolada, na qual não atuam as leis da matéria. Partindo desse ponto de vista idealista, esta corrente psicológica compreende que o que se manifesta, o fenômeno, coincide com o que ele é na realidade. Assim, para a psicologia descritiva, a ciência deve deter-se em analisar, classificar e descrever os fenômenos, já que não é preciso explicá-los, porque eles são como aparentam ser (Vigotski, 1930/2004a).

A terceira corrente psicológica é a *psicanálise*, que busca compreender o psiquismo através do inconsciente. Para essa corrente, psiquismo não é sinônimo de consciência. Têm no inconsciente seu conceito central e busca, por meio dele, compreender os fenômenos psíquicos e seus nexos causais. Vigotski (1930/2004a) destaca que a psicanálise freudiana supera o materialismo fisiológico, mas em suas proposições continua existindo um materialismo psicológico, visto que tal teoria compreende que a atração sexual se explica por si mesma e que as outras devem ser compreendidas com base nela.

Sendo assim, esta teoria é dualista, pois inclui duas tendências heterogêneas: tem relação com o idealismo, já que explica os fenômenos a partir deles mesmos, e possui aspectos materialistas, pois introduz uma ideia determinista em todas as manifestações psíquicas, colocando seu alicerce no instinto de conservação da espécie. Por um lado, considera o inconsciente como um sistema de conceitos, um procedimento para analisar os atos, um conceito abstrato; por outro, o vê como uma instância que age sobre o corpo, levando o indivíduo a realizar atos obsessivos, por exemplo, como se houvesse uma consciência oculta determinando a consciência mesma (Vigotski, 1930/2004a). “São, portanto, três as vias que se apresentam: renunciar ao estudo da psique (reflexologia), ‘estudá-la’ através do psíquico (psicologia descritiva) e conhecê-la através do inconsciente (Freud)” (Vigotski, 1930/2004a, p. 143).

Vigotski afirma que em todos estes sistemas psicológicos o problema do desenvolvimento psíquico foi formulado de forma equivocada e por isso é insolúvel. O

problema de a psique ser psíquica (entendimento idealista) ou física (ponto de vista materialista) é algo insuperável para a psicologia metafísica.

O autor defende um enfoque dialético da questão da *psique, consciência e inconsciente*, partindo da unidade dos processos psíquicos e fisiológicos e analisando a totalidade do fenômeno, o que implica em considerar tanto seus aspectos subjetivos quanto os objetivos. Estudá-los de forma separada é torná-los totalmente incompreensíveis. Deve-se ressaltar que isto não significa considerá-los como idênticos: defende-se uma unidade, e não uma identidade destes fenômenos (Vigotski, 1930/2004a).

A psique não é algo imaterial, ela surgiu em um processo de desenvolvimento e está ligada diretamente às funções organizadas de nosso cérebro:

(...) a psique não deve ser considerada como uma série de processos especiais que existem em algum lugar na qualidade de complementos acima e separados dos cerebrais, mas como expressão subjetiva desses mesmos processos, como uma faceta especial, uma característica qualitativa especial das funções superiores do cérebro (Vigotski, 1930/2004a, p. 144).

Assim, o objeto de estudo da psicologia dialética é o processo psicofisiológico integral do comportamento, que une dialeticamente - e não mecanicamente - processos psíquicos e fisiológicos. Vigotski (1930/2004a) propõe que se denominem de processos psicológicos estes processos psicofisiológicos que constituem as formas superiores de comportamento. Veremos que, posteriormente, Vigotski passa a falar de sistemas psicológicos ou neoformações, que são sínteses complexas das funções psicológicas superiores, aprofundando e esclarecendo este entendimento delineado aqui.

Para Vigotski (1930/2004a), alguns autores da velha psicologia, como Franz Brentano, identificam psique e consciência. Para estes autores, o que caracteriza os fenômenos psíquicos é que temos consciência deles, temos experiência direta disto. Assim, seria contraditório existir algo psiquicamente inconsciente. Não obstante, a psicologia foi forçada a introduzir o conceito de inconsciente, pois se via obrigada a explicar situações nas quais o indivíduo faz algo considerando saber a causa, quando na realidade o motivo de suas ações é outro; o sujeito age conscientemente, mas não tem consciência do motivo pelo qual age.

Além disso, a psicologia se viu diante do fato de que a própria consciência dos fenômenos pode se dar em diferentes graus. Podemos viver algo de forma mais consciente e

clara, ou menos consciente. Existem conteúdos que entram e saem de nossa consciência. De algumas coisas temos apenas uma impressão vaga, e existem também impressões vivas ligadas a nosso sistema real de vivências, como os sonhos. Diante desses fatos, os autores passaram a compreender que um fenômeno não se transforma em menos psíquico por ser menos consciente (Vigotski, 1930/2004a):

(...) A vida psíquica, como já foi dito, supõe uma série de fenômenos excessivamente fragmentários, que exigem, naturalmente, admitir que continuam existindo inclusive quando não temos mais consciência deles. Vi algo; depois, passado certo tempo, lembro disso e surge a pergunta: o que aconteceu com a representação desse objeto durante o tempo em que não me lembrava dele? (...) (Vigotski, 1930/2004a, p. 152).

Em meio a este debate, coloca-se então a questão de quando a consciência começa a acompanhar os processos cerebrais. O que acontece com um conteúdo ou memória quando não temos consciência imediata deles? Eles estão em nossos processos cerebrais? Para Vigotski esta pergunta é incoerente porque foi formulada incorretamente. Para ele é absurdo perguntar se uma qualidade pode atuar sobre um objeto do qual é qualidade, pois processos psíquicos e nervosos estão unidos em uma totalidade, em um processo integral complexo. Os processos nervosos não acompanham os psíquicos apenas em determinados momentos, eles formam um processo integral único (Vigotski, 1930/2004a).

Vigotski (1930/2004a) destaca que a psicologia dialética analisa este problema de forma distinta, pois rompe com este dualismo que considera o inconsciente como algo psíquico ou fisiológico. Esclarece o autor:

Para nós é importante formular a pergunta assim: é psicológico o inconsciente e pode ser considerado dentro de outros fenômenos homogêneos como mais um aspecto dos processos de comportamento junto com os processos psicológicos a que nos referimos antes? Também a essa pergunta já respondemos acima ao analisarmos a psique e afirmávamos que é preciso considerar esta [a psique] como parte integrante de um processo complexo que não se limita em absoluto a sua vertente consciente; por isso, consideramos que na psicologia é completamente lícito falar do psicologicamente consciente e inconsciente: **o inconsciente é potencialmente consciente** (Vigotski, 1930/2004a, p. 156, grifos nossos).

O inconsciente é psicofisiológico ou psicológico, como são psicofísicas todas as funções elementares e superiores, a personalidade e a própria consciência. Cumpre lembrar que neste texto Vigotski (1930/2004a) usa o termo psicológico como correspondente de psicofisiológico, referindo-se à atuação conjunta e imbricada dos processos psíquicos e físicos.

É importante destacar que Vigotski (1930/2004a) delinea neste trecho um entendimento importante: para ele, os processos inconscientes são potencialmente conscientes. Em nossa análise, isto quer dizer que **não existe uma instância psíquica inconsciente, totalmente separada da consciência**. Os processos inconscientes são potencialmente conscientes, ou seja, podem ser conscientizados. Voltaremos a esta discussão posteriormente.

O autor discute ainda que, junto com o debate de quando a consciência começa a acompanhar os processos cerebrais, também se discute se o inconsciente pode atuar sobre o corpo, provocando atos obsessivos, por exemplo. Assim como na primeira questão, para Vigotski (1930/2004a) esta pergunta foi formulada de forma equivocada, novamente porque é incoerente perguntar se uma qualidade pode atuar sobre um objeto do qual é qualidade:

(...) A última pergunta pode ser formulada assim: admitamos que o inconsciente é psíquico e goza de todas as suas propriedades, embora não constitua uma vivência consciente. Mas, será que também o fenômeno psíquico consciente pode produzir diretamente ações? Porque, como já dissemos, em todos os casos em que se atribui uma ação aos fenômenos psíquicos, dizemos que esta foi realizada pelo processo psicofisiológico integral e não apenas por sua parte psíquica. Por conseguinte, o próprio caráter do inconsciente, que consiste em influir nos processos conscientes e no comportamento, exige que seja reconhecido como um fenômeno psicofisiológico (Vigotski, 1930/2004a, p. 157).

Não é a parte psíquica ou física da consciência que produz ações, e sim, seu funcionamento integral único. Assim também ocorre com o inconsciente. O fato de agirmos de forma inconsciente, ou seja, de não termos consciência de algumas de nossas ações, já indica que o inconsciente é um fenômeno psicofisiológico.

Finalizando o texto, Vigotski (1930/2004a) afirma que tanto as conquistas da psicologia subjetiva quanto as da psicologia objetiva são incorporadas pela nova formulação da

psicologia dialética. Pedimos novamente licença ao leitor para apresentar este trecho na íntegra. Sobre a psicologia objetiva o autor destaca:

Tomemos outro aspecto do extremo oposto da psicologia, mas que mostra com igual clareza o mesmo. A psicologia objetiva procurou, através da obra de J. Watson⁴⁴ (1926), abordar o problema do inconsciente. Esse autor distingue o comportamento verbalizado e o não-verbalizado e afirma que uma parte dos processos comportamentais desde o princípio acompanhados de palavras pode ser provocada ou substituída por processos verbais. Essa parte é controlada por nós, como diz Békhterev⁴⁵. A outra não é verbal, não mantém relação com as palavras e, portanto, escapa a nosso controle. A conexão do comportamento com a palavra já foi descrita há tempo por Freud, que indicava como inconscientes precisamente aquelas representações alheias à palavra (Vigotski, 1930/2004a, p. 159).

A estreita conexão entre a verbalização e a consciência de tais ou quais processos também foi mencionada por alguns críticos de Freud, que se inclinavam a equiparar o inconsciente com o associal e o associal com o não-verbal. Watson também vê na verbalização a principal diferença do consciente. Afirma categoricamente: tudo que Freud denomina inconsciente é, em essência, não-verbal. Dessa tese, Watson extrai duas conclusões altamente curiosas. Conforme a primeira, não podemos nos lembrar dos acontecimentos mais remotos da infância precisamente porque ocorreram quando nosso comportamento ainda não estava verbalizado e por isso a parte mais precoce de nossa vida será sempre inconsciente para nós. A segunda conclusão assinala o ponto fraco da psicanálise, que consiste precisamente em que por meio da conversa, ou seja, por meio das reações verbais, o médico procura interferir em processos inconscientes, isto é, não-verbais (Vigotski, 1930/2004a, p. 159).

Não queremos dizer agora que essas teses de Watson sejam absolutamente corretas, ou que devam servir de ponto de partida para a análise do problema do inconsciente; gostaríamos apenas de assinalar que o germe positivo encerrado nessa conexão entre o inconsciente e o não-verbal (também apontada por outros autores) só pode ser plenamente desenvolvida com base na psicologia dialética (Vigotski, 1930/2004a, p. 159).

⁴⁴ John Broadus Watson (1878 - 1958). Psicólogo estadunidense. Considerado o fundador da Psicologia Comportamental.

⁴⁵ Vladímir Mikháilovich Békhterev (1867-2927). Fisiólogo e psicológico russo. Criador da doutrina sobre o comportamento como um sistema de reflexos, a partir dos quais se constitui a atividade, tanto psíquica quanto social, das pessoas (Vigotski, 2004, nota do revisor russo).

Apesar de afirmar que não está querendo que tais teses sirvam de ponto de partida, compreendemos que Vigotski (1930/2004a) está expressando os estudos sobre o inconsciente que ele considera como mais interessantes, que são os que relacionam os **conteúdos inconscientes com conteúdos não verbais**. Para o autor, tais estudos encerram um germe positivo, que só poderá ser desenvolvido pela psicologia dialética.

Em nossa análise, a indicação do autor de que esta problemática só pode ser desenvolvida pela psicologia dialética já demonstra que não há um dualismo ou uma cisão absoluta, que compreenderia o não verbal como inconsciente e o verbal como consciente. Lembremos que o fato de um sujeito não verbalizar uma palavra não significa que ele não tenha internalizado esta palavra. Além disso, temos os casos de automatismos verbais, como a Síndrome de Tourette, na qual o sujeito fala palavras involuntariamente. Também muitas vezes as pessoas falam ou escrevem coisas e somente depois se dão conta do que disseram, ou nem chegam a se dar conta. Estes fatos demonstram que a relação entre o verbal e não verbal, entre o inconsciente e a consciência é complexa e deve ser analisada cuidadosamente, por meio do método materialista histórico-dialético.

Apesar de destacar que a relação entre inconsciente e não verbal é um tema importante, Vigotski não se debruça sobre esta discussão em seus demais textos analisados para a elaboração desta dissertação. Assim, não foi possível localizarmos um desdobramento desta ideia na obra de Vigotski para compreendermos como ou se esta hipótese está relacionada com as demais discussões do autor a respeito dos processos psíquicos inconscientes.

2.3 AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES: COMO SE DESENVOLVE A VONTADE?

Vigotski (1927/2004; 1930/2004a) pontua que um dos fatos que obrigou a psicologia a admitir que o inconsciente existe é que, muitas vezes, as pessoas agem e acreditam saber o motivo de suas ações, mas posteriormente se dão conta de que o motivo de suas ações era outro. A partir deste fato observado por Vigotski nós nos perguntamos: um sujeito age ou escolhe baseado em quê? Uma pessoa pode agir com base em um motivo inconsciente? De onde vem ou como se constrói esse motivo inconsciente? Para esclarecer nossas inquietações

nos deteremos agora em compreender o que Vigotski elaborou sobre o tema do desenvolvimento da vontade ou volição.

Este assunto nos remete aos estudos de Vigotski (1931/2000) sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. É no texto em que discute sobre o desenvolvimento das funções superiores que o autor debate sobre o desenvolvimento da vontade ou volição. No texto *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores*⁴⁶ (1931/2000) Vigotski deixa claro que a compreensão de como se desenvolvem as funções psíquicas é fundamental para que possamos compreender o desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Vigotski (1931/2000) inicia esta discussão apontando que as concepções tradicionais da época em que buscavam explicar as funções psíquicas superiores partiam do pressuposto de que o desenvolvimento cultural e o desenvolvimento orgânico do homem são dois aspectos de um fenômeno da mesma ordem e são regidos pelas mesmas leis. O autor analisa que as teorias tradicionais estudam as funções psicológicas superiores com base nos processos naturais que as integram. Tais correntes teóricas reduzem as funções superiores aos seus processos mais elementares e acabam, por isso, desprezando as leis específicas do desenvolvimento cultural do comportamento humano. Confundem, assim, o natural e o histórico, investigando apenas os processos naturais que formam e integram estas funções.

Além disso, tais estudos tradicionais decompõem as funções psíquicas em seus elementos constituintes, entendendo que a soma de suas partes é igual ao todo formado por elas. Neste processo, para Vigotski (1931/2000), perde-se a complexidade do sistema, cujo todo é qualitativamente diferente da soma de suas partes. Este entendimento advém de um princípio metodológico relativo ao funcionamento das funções psíquicas que é utilizado tanto por Vigotski quanto por Luria. É impossível compreender ou mensurar essas funções em separado, uma vez que formam uma unidade. Ao estudar cada função separadamente, não se apreendem as relações entre elas, o nexos entre essas funções e as mudanças que vão ocorrendo na estrutura interfuncional ao longo do desenvolvimento do sujeito, como propõe Vigotski em *Sobre os sistemas psicológicos* (1930/2004c). Em *Pedologia*⁴⁷ *do Adolescente* (1931/1996) o autor sistematiza este entendimento ao dizer que as funções psíquicas formam sínteses complexas - que ele denomina de neofomações -, e que em cada período do

⁴⁶ Este texto foi escrito em 1931. Os primeiros cinco capítulos foram publicados no livro *Desenvolvimento das funções psíquicas superiores*, de Vigotski. Os demais capítulos foram publicados pela primeira vez no tomo III das Obras Escolhidas do autor.

⁴⁷ O termo pedologia se refere ao estudo científico geral e interdisciplinar da criança, a psicologia infantil e pedagógica.

desenvolvimento do indivíduo uma das funções psíquicas é que direciona este desenvolvimento de forma central, como discutiremos no item 2.4.

Para o autor o que diferencia as funções psíquicas elementares das funções superiores é que estas últimas têm origem cultural, pois se formaram ao longo do desenvolvimento histórico dos homens. É a partir da cultura que o homem constrói sua personalidade, mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções psicológicas superiores, como o raciocínio lógico, o pensamento abstrato, a capacidade de planejamento e outras funções. Afirmo Vigotski (1931/2000, p. 151):

(...) Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas de ordem social, são o fundamento da estrutura social da personalidade. Sua composição, estrutura genética e modo de ação, em uma palavra, toda sua natureza é social; (...).

Isto significa que toda função psicológica superior aparece em dois planos, sendo primeiramente intersíquica, presente nas atividades coletivas e sociais, para depois tornar-se intrapsíquica, como propriedade interna do psiquismo. Toda função psíquica superior foi antes externa, social, para depois tornar-se interna (Vigotski, 1931/2000). Explica Vigotski (1931/2000, p. 180):

Podemos formular a lei genética geral do desenvolvimento cultural do seguinte modo: toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e depois no psicológico, no princípio entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica. O que foi dito se refere igualmente à atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos e **ao desenvolvimento da vontade**. Temos pleno direito de considerar a tese exposta como uma lei, porém a passagem, naturalmente, do externo ao interno, modifica o próprio processo, transforma sua estrutura e funções. Por trás de todas as funções superiores e suas relações se encontram geneticamente as relações sociais, as autênticas relações humanas. (...) (grifos nossos).

Vigotski (1931/2000) compreende que a criança aplica a si mesma as formas de comportamento que os outros aplicavam a ela, ou seja, ela assimila as formas sociais da conduta e as transfere para si. Os signos são inicialmente um meio de relação social, para posteriormente transformarem-se em um meio de influência do sujeito sobre si mesmo. Em outras palavras, o sujeito se relaciona consigo mesmo da mesma forma como as pessoas se

relacionam com ele, assim como o pensamento verbal é a internalização da linguagem e a reflexão é a internalização da discussão:

Cabe dizer, portanto, que passamos a ser nós mesmos através dos outros. Esta regra não se refere unicamente à personalidade em seu conjunto e sim a história de cada função isolada. Nela radica a essência do processo de desenvolvimento cultural expresso de forma puramente lógica. A personalidade vem a ser para si o que é em si, através do que significa para os demais. Este é o processo de formação da personalidade. (...) (Vigotski, 1931/2000, p. 149).

Além disso, Vigotski (1931/2000) analisa que nenhuma das funções psíquicas se desenvolve por si mesma ou isoladamente, independente das outras funções. Todas as funções psíquicas superiores estão intimamente relacionadas e se desenvolvem em um processo de estreita conexão. O que o autor discute aqui é que a personalidade se desenvolve como um todo, assim como ele já havia proposto em *Sobre os sistemas psicológicos* (1930/2004c).

Para Vigotski (1931/2000), o que há em comum no desenvolvimento das funções psíquicas superiores é o processo de domínio de nossas próprias reações com ajuda de signos mediadores. Isto está presente no desenvolvimento de cada função psíquica em particular, inclusive no desenvolvimento da volição ou vontade.

Tais pressupostos teóricos são fundamentais para podermos compreender como se dá o desenvolvimento da vontade. Vigotski (1931/2000) inclui a vontade no conjunto das funções psicológicas superiores e entende que estas funções foram antes intersíquicas para depois tornarem-se intrapsíquicas; ou seja, a vontade se desenvolve socialmente, como algo presente na coletividade, para depois tornar-se internalizada pelo sujeito, constituindo-se como vontade individual.

Para esclarecermos este processo, discutiremos agora a temática da vontade a partir da conferência *O problema da vontade e seu desenvolvimento na idade infantil*⁴⁸ (1932/2001). Esta conferência foi ministrada pelo autor em 1932. Naquela oportunidade Vigotski destacou que tradicionalmente, na Psicologia, o problema da vontade é explicado por duas tendências antagônicas: a teoria heterônoma e a teoria autônoma. O autor analisa que o ponto de vista heterônimo engloba as teorias associacionistas e a reflexologia e considera importante destacar os avanços que estas teorias trouxeram. Para o autor, as teorias heterônomas avançam

⁴⁸ As Conferências Sobre Psicologia foram ministradas por Vigotski no Instituto Pedagógico de Leningrado em 1932, e publicadas no mesmo ano, no tomo II da edição russa das Obras Escolhidas.

no sentido de que fazem frente às teorias idealistas que creditam a vontade à “força do espírito”. Apesar desta contribuição, tais teorias não conseguem explicar o caráter volitivo dos atos, a liberdade que o indivíduo tem ao tomar uma decisão, que é precisamente o que distingue um ato volitivo de um ato não volitivo.

Por sua vez, os autores das teorias autônomas compreendem que para explicarmos a vontade devemos nos referir não ao afeto ou ao intelecto, mas à própria vontade. A vontade estaria regida por um princípio sobre-humano. Para estas teorias, a volição é explicada pela existência de uma atividade universal que atua sobre as forças humanas. O autor afirma que Schopenhauer⁴⁹ é um dos representantes destas teorias autônomas. Para Vigotski (1932/2001, p. 442, grifos nossos), o conceito de inconsciente geralmente remete a estas teorias:

Junto com essa interpretação da vontade penetrou na psicologia o conceito de inconsciente. Nele consiste o fato que há muito tempo tem freado o desenvolvimento adicional da vontade. (...) Quase todos os representantes da doutrina do inconsciente são, em maior ou menor grau, schopenhaueristas, quer dizer, partem de uma interpretação voluntarista da natureza da psique humana, ao que ultimamente chegam também cientistas como Freud.

O que Vigotski (1932/2001) discute é que as teorias autônomas pertencem à corrente filosófica idealista. O autor destaca duas tendências dentro destas teorias autônomas:

(...) Em primeiro lugar, o reconhecimento da vontade como algo primário, algo que permanece fora do aspecto consciente da personalidade humana, que constitui determinada força inicial, que move em igual grau o aspecto materialista e espiritual da vida. Em segundo lugar, no outro polo se encontra a teoria dos espiritualistas, cujos representantes estão relacionados historicamente como a filosofia de Descartes⁵⁰ e através dele com a filosofia medieval cristã. Como se sabe, a teoria cartesiana toma como fundamento o princípio espiritual, que, ao que parece, é capaz de dirigir toda a alma humana e, portanto, todo o comportamento do homem (Vigotski, 1932/2001, p. 442-443).

Assim, dentro das teorias autônomas temos estes dois tipos de teorias, as schopenhaueristas e as cartesianas. Segundo Vigotski (1932/2001), para os schopenhaueristas a vontade é *algo a priori*, que está fora da consciência e que determina o comportamento do

⁴⁹ Arthur Schopenhauer (1788-1860). Filósofo alemão.

⁵⁰ René Descartes (1596 -1650). Filósofo, físico e matemático francês.

homem. Seria um princípio sobre-humano, uma atividade universal que subordinaria o comportamento, independentemente do intelecto do homem.

Por sua vez, os autores espiritualistas, que se baseiam na noção cartesiana de separação entre mente e corpo, entendem que há um princípio espiritual que move o homem. Vigotski (1932/2001) cita Willian James como um representante desta vertente. James criou uma teoria sobre a vontade que denominou com uma palavra latina, advinda da Bíblia, pela qual Deus criou o mundo, a qual significa *haja*⁵¹. James cita o exemplo de um paciente que se encontra na mesa de operações e está sentindo muitas dores. O paciente sente desejo de gritar, mas permanece quieto para que o médico possa dar continuidade aos procedimentos. James destaca que o desejo de gritar do paciente é maior que o desejo de permanecer calado, mas mesmo assim ele toma a linha de maior resistência e escolhe ficar quieto. Para James, a relação existente entre os fenômenos espirituais e os fenômenos físicos é inexplicável e só pode demonstrar a existência de um fluxo de energia espiritual, que é capaz de fazer que o estímulo mais fraco seja vitorioso sobre um estímulo muito forte.

Vigotski (1932/2001) analisa que as teorias shopenhauristas e as baseadas nos princípios cartesianos se assemelham, pois ambas entendem que a vontade é algo primário, que se constitui como uma exceção dos demais processos da psique humana, e que não admite uma explicação causal.

O que Vigotski (1932/2001) discute aqui é que muitas das teorias que tradicionalmente trabalham com o conceito de inconsciente podem ser incluídas no grupo das teorias autônomas, consideradas por ele como teorias idealistas. Tais teorias entendem que existe algo *a priori*, inconsciente, que determina o comportamento humano.

A partir desta análise sobre as teorias autônomas e das discussões realizadas pelo autor no texto *O significado histórico da crise da psicologia* (1927) sobre as filosofias idealistas, entendemos que, para Vigotski (1932/2001), não existe algo *a priori* que determine as ações humanas. As funções psicológicas superiores, entre elas a volição, são construídas socialmente nas e pelas relações sociais. **Não existe algo dado *a priori* que domine o comportamento humano, como uma força oculta, seja este algo consciente ou inconsciente.** Assim, concluímos que o que move o homem, o motivo de sua ação, é construído na sua atividade social. Nem sempre temos consciência do motivo de nossas ações,

⁵¹ Com o sentido da expressão: *Que haja a luz!*

mas nem por isso este motivo foi dado *a priori*. **Também os motivos inconscientes são construídos nas relações sociais.**

Para Vigotski (1932/2001), os autores de sua época tinham como desafio: estudar a vontade sem cair em um desses dois polos (heterônomo ou autônomo) e sem precisar recorrer a uma explicação religiosa. Destaca que algumas investigações experimentais da época sobre a volição são interessantes, trazem germes positivos e colaboram para esta discussão, como os experimentos de Kurt Lewin⁵².

Vigotski (1932/2001) analisa que Lewin consegue expor a estrutura do ato volitivo. Lewin conclui que, em situações sem sentido, o indivíduo busca um ponto de apoio externo através do qual determina o próprio comportamento. Por exemplo, em um dos experimentos de Lewin, o experimentador demorava muito para retornar à sala de experimentação e a pessoa que realizava a prova ficava sozinha. O experimentador ficava observando, em outra sala, através do espelho, a reação do experimentando. Após um longo tempo, a pessoa ficava indecisa e vacilante, sem saber se deveria ir embora ou esperar. De forma geral, as pessoas reagiam de diferentes maneiras a esta situação, mas foi possível observar um traço comum entre todas estas reações: todas as pessoas buscavam um ponto de apoio externo para tomar sua decisão. Para exemplificar, Vigotski cita que uma das pessoas que foram submetidas ao experimento decidiu que iria embora quando o ponteiro do relógio chegasse a um determinado horário. No momento em que isso aconteceu, ela levantou-se e foi embora, quase automaticamente. Isto demonstra que em caso como esse, com o auxílio de mediadores externos, a pessoa cria sentido em uma ação que antes não tinha sentido.

Sobre este tema, no capítulo 12 do texto *História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores*, intitulado *Domínio da própria conduta*, Vigotski (1931/2000) tenta compreender experimentalmente como se dá o processo de escolha livre entre duas opções. O que ele obteve foi que, quando a criança que participava do experimento se via diante de uma situação na qual deveria escolher entre duas opções que tinham para ela o mesmo valor, ela recorria à sorte para realizar a escolha. Isto significa que a criança atribuía a estímulos neutros a força de motivos, ao introduzir na situação a sorte como um motivo auxiliar. Vigotski conclui que é o próprio homem quem cria os estímulos que determinam seu comportamento.

Para o autor, os experimentos de Lewin, também discutidos por Vigotski (1931/2000) no texto citado acima, demonstram este autodomínio através dos estímulos externos:

⁵² Kurt Lewin (1892-1947). Psicólogo alemão, mudou-se para os Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial.

Talvez o mais interessante que possa dizer agora um psicólogo sobre a vontade seja o seguinte: **a vontade se desenvolve, é um produto do desenvolvimento cultural da criança.** O autodomínio, os princípios e meios deste domínio não se diferenciam, fundamentalmente, do domínio sobre a natureza circundante. O homem é parte da natureza, seu comportamento é um processo natural, a dominação do homem se estrutura como qualquer domínio da natureza segundo o princípio de Bacon⁵³ “a natureza se vence obedecendo-a”. Não é em vão que Bacon equipara a dominação da natureza com a dominação do intelecto. A mão despida e a razão, disse Bacon, deixados a sua maneira, não valem grande coisa; as ferramentas e os meios auxiliares são os fundamentos da atividade humana (Vigotski, 1931/2000, p. 300, grifos nossos).

É importante compreender que estas conclusões demonstram que o livre-arbítrio não consiste em estar livre dos motivos, mas sim, em tomar consciência da situação em que é necessário escolher. No exemplo do experimento realizado por Vigotski (1931/2000) com crianças, estas não anulam as leis que regem a situação, elas as dominam, orientando sua conduta por meio de estímulos auxiliares. Vigotski destaca que Marx e Engels⁵⁴ definiram esta ideia com precisão. Para os autores, o livre-arbítrio se desenvolve no processo de desenvolvimento histórico da humanidade:

(...) **a liberdade não consiste em uma independência imaginária com relação às leis da natureza, senão no conhecimento dessas leis** e na possibilidade, baseada em tal conhecimento, e obrigar sistematicamente que estas leis da natureza atuem para determinados fins. Isto se refere tanto as leis da natureza exterior como as que regem a existência física e espiritual do próprio homem. São duas classes de leis que só mentalmente podemos dissociar, porém não na realidade. O livre arbítrio, portanto, não significa mais que a capacidade de tomar decisões com conhecimento do assunto. (...) (Marx e Engels citado por Vigotski, 1931/2000, p. 300, grifos nossos).

Em nossa análise, o que está sendo discutido é que o livre-arbítrio, a ação humana livre, não consiste em uma ação livre dos determinantes da natureza. O homem livre não é aquele que não tem necessidades, mas aquele que as conhece e age com base neste conhecimento. O homem sempre age por um determinado motivo; **ser livre é conhecer o motivo que impulsiona nossas ações, seja este motivo consciente ou inconsciente.** Isto é

⁵³ Francis Bacon (1561-1626). Filósofo e político inglês. É considerado o fundador da ciência moderna.

⁵⁴ Friedrich Engels (1820-1895).

possível porque, como afirma Vigotski (1930/2004a), o inconsciente é potencialmente consciente.

Um ponto interessante - discutido de forma breve pelo autor em *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores* (1931/2000) - que nos dá pistas para compreender por que existem motivos inconscientes, são as afirmações de Vigotski sobre como se dá o processo de escolha. Segundo o autor, no processo de escolha existem duas partes. A primeira delas é a tomada de decisão propriamente dita, quando se forma o aparato funcional e a subsequente conexão reflexa, a abertura de uma nova via nervosa, e a segunda, a execução da escolha. Algumas vezes estas duas partes parecem desconectadas uma da outra porque o sujeito não se dá conta de qual foi a decisão que o levou a realizar uma determinada ação. O autor afirma que o segundo momento, o de execução, muitas vezes é pouco consciente: “O ‘eu’ consciente, ou participa muito pouco destas reações, ou não participa em absoluto. A reação se produz automaticamente.” (Vigotski, 2000, p. 292). **Isto ocorre porque o momento em que tomamos a decisão, que dá origem a uma nova conexão nervosa, nem sempre vem acompanhado do momento em que agimos.** Às vezes tomamos a decisão em um determinado momento e vamos agir somente muito tempo depois, quando se apresenta alguma situação em que aquela ação é necessária. Isto significa que

(...) a luta dos motivos é deslocada no tempo: move-se para um momento mais inicial. A luta dos motivos geralmente ocorre muito antes de que se produza a situação na qual é necessário atuar. Como regra geral, a luta dos motivos e a decisão relacionada a ela só são possíveis se precedem temporalmente a luta dos estímulos, já que, caso contrário, a luta dos motivos torna-se simplesmente a luta pelo campo motor geral (Vigotski, 1931/2000, p. 296).

Assim, o sujeito toma a decisão e a batalha “termina” antes mesmo que comece a luta real. “Portanto, o paradoxo da vontade radica em que formamos, graças a sua ajuda, um mecanismo que não atua voluntariamente” (Vigotski, 1931/2000, p. 291). Em nossa análise, isto pode explicar alguns casos nos quais uma pessoa age e não sabe a causa de sua ação: ocorre que, em certos momentos, o que nos leva a agir são acontecimentos e decisões tomadas muito antes, os quais não estão em nossa consciência imediata no momento em que agirmos. **Nestes casos, o motivo destas ações seria inconsciente naquele momento, mas não no sentido de ser algo inacessível à consciência.** O motivo é inconsciente porque o sujeito não

se recorda das decisões que tomou em momentos anteriores as quais o levaram a agir; mas estes motivos podem se tornar conscientes, caso o sujeito reflita sobre sua ação.

Apesar destas considerações, a discussão de Vigotski (1931/2000) sobre o assunto é breve, tanto que o próprio autor aponta a necessidade de estudos futuros que comprovem e desenvolvam estas hipóteses. No texto *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores* Vigotski (1931/2000) aponta que o assunto do controle voluntário do comportamento está apenas esboçado e que gostaria de retomá-lo posteriormente, a partir de uma análise filosófica sobre o assunto, discutindo a questão a partir do entendimento de liberdade e autodomínio em Spinoza⁵⁵. Sabemos que o autor iniciou este debate no texto *Teoria das emoções: um estudo histórico-psicológico*⁵⁶ (1933/2004), que deixou inacabado.

No epílogo do tomo II das *Obras Escolhidas*, Luria (1934/2001) comenta esta conferência proferida por Vigotski (1932/2001). Para Luria, esta conferência é apenas um esboço do tema, no qual o autor faz uma exposição teórica breve e apresenta suas inquietações e propostas futuras para seu desenvolvimento. Nesta oportunidade Vigotski mostra as limitações das teorias autônomas e heterônomas. Segundo Luria (1934/2001), na época ainda não existia uma teoria que superasse esta dicotomia posta por estas teorias, e Vigotski estava trabalhando para encontrar uma saída para esta crise. A partir da teoria de Lewin, Vigotski compreende que o sujeito subordina sua ação a um estímulo criado artificialmente. Explica o autor:

(...) Como resultado disso, o individuo subordina sua ação a esse estímulo criado condicionalmente do tipo: “Quando o ponteiro do relógio marcar doze, me levantarei”. É característico, no entanto, que neste exemplo, Vygotski viu a manifestação de um mecanismo geral: a utilização por parte do indivíduo sobre si mesmo dos meios que emprega com outra pessoa. **A indicação da fonte social do ato volitivo consiste por isso em um dos princípios mais importantes de Vygotski** (Luria, 1934/2001, p. 468-469, grifos nossos).

Os comentários de Luria (1934/2001) apontam o que Vigotski obteve de mais importante: a compreensão de que a vontade se desenvolve socialmente, a partir da mediação dos signos, como as demais funções psíquicas superiores.

⁵⁵ Baruch de Spinoza (1632-1677). Foi um dos grandes racionalistas do século XVII e da Filosofia Moderna.

⁵⁶ Texto produzido entre os anos de 1931 e 1933. Este trabalho é considerado um texto incompleto. Alguns pesquisadores apontam que Vigotski não o concluiu devido aos problemas de saúde que já apresentava na época (Silva, 2011).

Sobre o inconsciente, a partir desta discussão, compreendemos que não existem conteúdos dados *a priori*, inconscientes “em si e por si”, que determinam o comportamento humano. A volição, o que move o sujeito no mundo, não é algo místico ou espiritual. A vontade é desenvolvida socialmente a partir da Lei da Internalização. Passamos a ser nós mesmos pelos outros, ou seja, o que queremos ou desejamos advém da cultura, de nossa inserção social, tendo sempre em vista a forma como o universal, o particular e o singular estão imbricados.

Oliveira (2001) compreende que a **singularidade** (o indivíduo) se constrói na **universalidade** (o gênero humano), ao mesmo tempo em que a universalidade se concretiza na singularidade, por meio das relações sociais específicas do contexto em que este indivíduo está inserido, relações que ela denomina de **particularidade**. A universalidade é uma abstração que tem como base a realidade concreta, mas que só existe quando se concretiza no singular. Por sua vez, o singular também não pode ser compreendido em si mesmo, mas somente em sua relação intrínseca com o universal, relação que se dá através de mediações (o particular).

Assim, minha forma singular de agir no mundo, meus desejos específicos estarão **sempre em conformidade com as condições particulares da minha existência histórica**, mas sua referência máxima é **a forma universal de o homem (o gênero humano) agir no mundo**. Em uma última palavra, **o desejo, a vontade é, ao mesmo tempo, universal, singular e particular**.

Em nossa análise, Vigotski (1930/2004a) considera que podemos agir em decorrência de motivos inconscientes. Nem sempre temos consciência do que impulsiona nossas ações, e esses motivos inconscientes geram estas ações, já que tanto os processos conscientes como os inconscientes agem sobre o comportamento do sujeito precisamente porque são processos psicofisiológicos integrais. Além disso, podemos concluir, a partir dos textos discutidos acima, que para Vigotski (1931/2000; 1932/2001) os motivos inconscientes não foram criados *a priori* nem vieram de um impulso espiritual do sujeito. Os motivos inconscientes são criados da mesma forma que os conscientes, ou seja, socialmente, a partir da mediação com os signos.

Outro importante tema relacionado ao estudo das funções psicológicas superiores e ao inconsciente se refere ao conceito de memória⁵⁷. No texto *História do desenvolvimento das funções psicológicas superiores*, Vigotski (1931/2000), comentando os estudos de Freud sobre as memórias reprimidas, afirma que somente um estudo realizado pela psicologia dialética pode desenvolver esta questão. Também mostra a diferença existente entre as funções naturais e orgânicas da memória e as funções desenvolvidas culturalmente, e dá a cada uma delas uma explicação científica.

Ao discutir a memória, Vigotski (1931/2000) trata da importância de realizarmos um estudo mais detalhado sobre os processos de memória e esquecimento a partir da psicologia dialética. Compreendemos que este estudo é importante para explicarmos de forma mais abrangente o conceito de inconsciente, já que, para Freud, autor que tradicionalmente se ocupou deste conceito, o inconsciente contém memórias recalçadas. Apesar desta consideração, Vigotski não discute esta temática nos textos⁵⁸ que analisamos para a elaboração desta dissertação.

Vigotski (1931/2000) comenta brevemente que o fato de não nos recordarmos de nossos primeiros anos de vida ainda não foi devidamente explicado pela psicologia. Aponta que na psicologia moderna existem algumas explicações para isto, como a proposta de Freud e a de Watson. Para Freud, estas primeiras lembranças da infância foram recalçadas da consciência, visto que elas estão relacionadas com o comportamento infantil, que difere da estrutura de comportamento do sujeito em sua vida posterior. Sobre o segundo autor citado, Vigotski escreve:

(...) Watson identifica o inconsciente de Freud com a conduta não verbal e o explica pelo fato de que as primeiras impressões foram acumuladas sem a participação da linguagem. A memória, segundo Watson, é o resultado do aspecto verbal do comportamento.

A explicação de Watson é, em nossa compreensão, muito correta, e podemos deduzir dela que no desenvolvimento infantil, o primeiro ano de vida vem a ser uma época pré-histórica que não nos recordamos em absoluto, pelo mesmo motivo que não nos

⁵⁷ Para se compreender o conceito de inconsciente de forma mais ampla é fundamental que também se realize uma discussão a respeito de sua relação com a memória e o esquecimento, a partir da psicologia materialista histórico-dialética. Sobre o conceito de memória e esquecimento, indicamos ao leitor a tese *Psicologia Histórico-Cultural da memória*, na qual Almeida (2008) faz um exaustivo percurso para compreender a memória em uma perspectiva Histórico-Cultural; mas o autor não tem como objetivo principal de seu trabalho relacionar o conceito de memória com o conceito de inconsciente, apesar de tecer importantes comentários sobre este assunto. Destacamos, assim, a importância de serem realizados estudos futuros especificamente sobre a relação entre memória, esquecimento e inconsciente.

⁵⁸ Textos descritos no anexo 1 deste trabalho.

recordamos da época pré-histórica da humanidade que não deixou testemunhos escritos. Nossa linguagem é, por tanto, uma espécie de escrita peculiar de nosso passado. Em todo caso, o fato fundamental de que não nos recordamos nada sobre o primeiro ano de nossa vida, juntamente como o fato de que precisamente a memória do passado seja a base da consciência de nossa personalidade, nos permite dizer o seguinte: o primeiro ano de vida guarda, em certo sentido, a mesma relação com a vida posterior que o desenvolvimento uterino com o pós-uterino. É uma fase distinta e pré-história no desenvolvimento cultural da criança. O exemplo do desenvolvimento dos conceitos volta a demonstrar até que ponto o caráter natural desta etapa que estamos analisando, está vinculada com a ausência de linguagem de modo que os objetos se dividem para a criança em coisas para tocar, agarrar, etc. quer dizer, se distribuem pelos diversos órgãos sensoriais (Vigotski, 1931/2000, p. 334-335).

Neste ponto resgatamos as considerações de Vigotski (1930/2004a) no texto *A psique, a consciência e o inconsciente* sobre estes estudos de Watson. Em nossa análise, este trecho deixa claro o que Vigotski quis dizer quando afirmou que os estudos de Watson sobre a relação entre inconsciente e não verbal contêm um germe positivo que deve ser analisado pela psicologia dialética. Para Vigotski, estes estudos apontam que não nos recordamos das primeiras impressões vividas na infância porque estas foram acumuladas sem a participação da linguagem, temática trabalhada de forma mais detalhada pelo autor em *Pensamento e linguagem* (1934/2001).

No texto *Pedologia do adolescente* (1931/1996) Vigotski aponta o fato relatado por alguns autores de que o período da maturação sexual é tão esquecido como os primeiros anos da infância. Afirma o autor:

Na memória é muito menor a lembrança da vida interna destes anos, em seu autêntico ritmo, do que da vida interior de outras épocas e idades. É um fenômeno realmente notável. Sabemos que a memória é aquilo que os psicólogos podem definir como unidade e identidade da personalidade. A memória é a base da autoconsciência. A ruptura da memória indica quase sempre que se passou de estado para outro, de uma estrutura pessoal para outra. É muito significativo, por tanto, que nos recordemos mal de nossos estados patológicos, de nossos sonhos (Vigotski, 1931/1996, p. 246-247).

Vigotski (1931/1996) aponta que este fenômeno pode ser explicado de duas maneiras. Referindo-se à amnésia que afeta a primeira infância, o autor afirma que, em parte, ela pode

ser explicada pelo fato de que nesse período a memória não está relacionada com a palavra e com os signos, atuando, assim, de maneira diferente da memória do adulto. Por outro lado, o autor destaca também que a estrutura da personalidade do bebê é totalmente distinta da estrutura do adulto, o que torna impossível a indissolubilidade no desenvolvimento da personalidade.

Para Vigotski (1931/1996), é isto que ocorre na adolescência, embora de uma forma um pouco diferente. A amnésia que acomete os anos de maturação sexual ocorre porque assim que supera a idade de transição o indivíduo desenvolve uma nova estrutura de personalidade, que possui um outro sistema de conexões entre as diversas funções psicológicas superiores, que é o pensamento por conceitos. A estrutura de personalidade do adulto é diferente da estrutura da personalidade da criança (ou pré-adolescente). Na idade de transição esta estrutura está se desenvolvendo, por isto é instável e está em constante transformação.

Na idade de transição ocorre uma mudança tanto no conteúdo como na forma do pensamento do adolescente, como explicaremos melhor no item 2.4 deste trabalho. O desenvolvimento do pensamento por conceitos reestrutura todas as demais funções psicológicas superiores, inclusive a memória. Esta reestruturação do pensamento provoca uma mudança na estrutura da personalidade do sujeito, o que, para Vigotski, pode explicar por que o sujeito adulto não tem uma memória tão vívida deste período de transição, no qual estavam ocorrendo estas mudanças (Vigotski, 1931/1996).

2.4 A DIFERENÇA ENTRE INCONSCIENTE E NÃO-CONSCIENTE: O PENSAMENTO POR CONCEITOS E A TOMADA DE CONSCIÊNCIA

Em *Psicologia da arte* (1925/1972), em *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/2004a) e em outros textos já analisados neste trabalho Vigotski utiliza o termo *inconsciente*; já em *Pedologia da adolescência*⁵⁹ (1931/1996) e em *Pensamento e linguagem*⁶⁰

⁵⁹ Esta obra foi escrita entre 1930 e 1931. Entre 1928 e 1931 Vigotski publicou diversos manuais para serem utilizados em centros de ensino a distância, como *Pedologia da idade escolar* (1928), *Pedologia da idade juvenil* (1929) e *Pedologia do adolescente* (1930-1931). Este último era organizado em partes e cada parte incluía alguns capítulos. As primeiras duas partes foram publicadas em 1930 com o título *Sessão de ensino a distância adjunta da faculdade de Pedagogia da 2ª Universidade Estatal de Moscou*. A terceira e quarta partes foram publicadas juntas, em 1931, com o título *Instituto Central de aperfeiçoamento pedagógico. Cursos de ensino a distância*. Todos os capítulos eram acompanhados por um plano de estudo e continham as referências de leitura recomendada, material que foi suprimido da edição das Obras Escolhidas.

⁶⁰ Esta obra foi publicada originalmente em 1934. *Pensamento e linguagem* é uma coleção de artigos escritos por Vigotski que foram reunidos pelo autor com o objetivo de constituírem-se como um resumo de suas principais conclusões, obtidas através das suas investigações

(1934/2001), vemos uma predominância do termo *não consciente*. Isto nos levou a buscar compreender se, para o autor, os dois termos se referem ao mesmo fenômeno ou se estão denominando processos diferentes. Será que o que antes Vigotski denominou de inconsciente, agora ele está denominando de não consciente (o que implica uma mudança teórica no entendimento do conceito)? Será que os dois termos se referem ao mesmo fenômeno? Ou será que antes o autor se referia a uma classe de fenômenos (inconscientes), e agora está discutindo outros (não conscientes)?

Tendo em vista estes questionamentos, discorreremos a seguir sobre as considerações do autor nos últimos dois textos citados, especificamente no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento por conceitos e ao processo de tomada de consciência. Ao discutir estas temáticas, Vigotski (1931/1996; 1934/2001) fala sobre os processos não conscientes do psiquismo.

Em *Pensamento e linguagem* (1934/2001) Vigotski analisa que para que se possa explicar o desenvolvimento do pensamento e da linguagem é preciso que se compreenda que estas funções estão interligadas, conectadas e considerar a relação interfuncional existente e como estas funções se organizam em uma estrutura integral.

Para o autor, pensamento e linguagem possuem diferentes raízes genéticas. No início do desenvolvimento da criança o pensamento e a linguagem se desenvolvem em linhas diferentes e independentes uma da outra. Em determinado momento as curvas de desenvolvimento de ambas se cruzam, originando uma nova forma de comportamento na criança. Neste momento, a fala se torna intelectual e o pensamento, verbalizado. Isto significa que o pensamento verbal não é uma forma natural de comportamento, mas sim, uma forma sócio-histórica, que se distingue por propriedades e leis específicas do desenvolvimento histórico-social (Vigotski, 1934/2001).

Vigotski (1934/2001) expõe que a idade de transição marca uma dupla transformação no desenvolvimento intelectual do adolescente – no conteúdo e na forma do pensamento – e marca a transição para o pensamento por conceitos. Em *Pedologia do adolescente* (1931/1996) o autor analisa que **o pensamento por conceitos é a chave de todo o desenvolvimento do pensamento do adolescente**. O pensamento por conceitos desempenha

e de seu grupo de colaboradores. O texto *Raízes genéticas do pensamento e da linguagem*, que se constitui como o quarto capítulo de *Pensamento e Linguagem*, foi escrito em 1929. O segundo capítulo, *O problema da linguagem e do pensamento da criança na teoria de J. Piaget*, era originalmente o prefácio do livro de Piaget *A linguagem e o pensamento da criança*. O quinto capítulo, *Investigação experimental do desenvolvimento dos conceitos*, foi apresentado por Vigotski em 1933 no Instituto Pedagógico de Leningrado. Os demais capítulos foram escritos especialmente para o volume *Pensamento e Linguagem*, como o próprio Vigotski descreve no prefácio do texto, concluído em 1934.

um papel decisivo na idade de transição, que permite que o adolescente compreenda o mundo e suas próprias vivências.

O desenvolvimento do pensamento possui um significado central para o desenvolvimento de todas as demais funções psíquicas (atenção, memória, percepção, vontade), e o processo de formação de conceitos define todas as mudanças que ocorrem na psicologia do adolescente. **Todas as demais funções psíquicas se intelectualizam e se reestruturam por influência do desenvolvimento do pensamento por conceitos**, e é a partir deste desenvolvimento que se formam a personalidade e a concepção de mundo do adolescente (Vigotski, 1931/1996). Explica o autor:

Toda a história do desenvolvimento psíquico na idade de transição está constituída pela ascensão das funções e a formação de sínteses superiores, independentes. Nesse sentido, na história do desenvolvimento psíquico do adolescente predomina uma estrita hierarquia. As diversas funções (atenção, memória, percepção, vontade, pensamento) não se desenvolvem umas ao lado das outras como um monte de ramos postos em um recipiente, nem sequer crescem como diversos ramos de uma mesma árvore unidos por um tronco comum. No processo de desenvolvimento todas essas funções constituem um complexo sistema hierárquico onde a função central ou organizadora é o desenvolvimento do pensamento, a função de formação de conceitos. Todas as restantes funções se unem a essa formação nova, integram com ela uma síntese complexa, se intelectualizam, se reorganizam sobre a base do pensamento por conceitos (Vigotski, 1931/1996, p. 119).

A este processo Vigotski (1931/1996) denomina de **neoformação**. Para o autor, em cada idade se formam novas e complexas combinações entre as funções elementares, originando novas sínteses complexas a partir do desenvolvimento de uma função diretriz. O que se modifica não são isoladamente as funções, mas as relações entre as funções psíquicas, como o autor já havia esboçado em *Sobre os sistemas psicológicos* (1930/2004c). Em *Pedologia do adolescente* Vigotski (1931/1996) sistematiza este entendimento expondo que as funções particulares se integram em uma nova síntese complexa e que o desenvolvimento do pensamento se constitui como a função central que impulsiona o surgimento dessas novas relações na adolescência.

Para Vigotski (1931/1996), é a partir do desenvolvimento do pensamento por conceitos que o adolescente sistematiza, conhece e regula o mundo de suas próprias vivências

e avança **no desenvolvimento e estruturação de sua consciência**. No adolescente ocorre a **tomada de consciência** de seus próprios processos de comportamento, os quais ele passa a dominar. As formas de conduta, que antes eram sociais e faziam parte da vida coletiva do adolescente, agora são esferas internas da personalidade e geram uma mudança em seu comportamento.

A **autoconsciência desenvolve-se a partir do pensamento por conceitos**. “(...) Por isso, tão somente com a formação de conceitos se chega ao desenvolvimento intenso da auto percepção, da auto observação, ao conhecimento profundo da realidade interna, do mundo das próprias vivências. (...)” (Vigotski, 1931/1996, p. 71). Assim, a autoconsciência não é algo inerente à consciência desde o início do desenvolvimento desta. O pensamento por conceitos possibilita a compreensão da realidade, dos demais e de nós mesmos.

Em *Pensamento e linguagem*, Vigotski (1934/2001) conclui que os conceitos começam a desenvolver-se na infância, mas só se constituem plenamente na puberdade. O primeiro estágio de formação de conceitos, o **sincretismo**, é o pensamento típico da criança pequena. Caracteriza-se por uma pluralidade não informada e não ordenada, uma extensão difusa do significado da palavra. É um encadeamento formado a partir de uma única impressão associada a elementos diversos. Caracteriza-se pela carência de nexos objetivos e pela presença de muitos nexos subjetivos. É o momento no qual a criança significa as palavras a partir das impressões subjetivas que elas causam (Vigotski, 1934/2001).

Tivemos a oportunidade de observar esta formação sincrética em situações de nosso cotidiano. Uma criança pequena estava brigando com seu irmãozinho e o chamando de idiota. Sua mãe lhe deu uma bronca, dizendo que a palavra idiota é ofensiva e que deveria ser usada apenas para ofender as formigas. Na próxima situação na qual os irmãozinhos brigaram, o irmão menor disparou: “*Seu formiga!*” Percebemos aqui que a criança, com base no vínculo emocional que estabeleceu a partir do que sua mãe lhe dissera, compreendeu que a palavra *formiga* também significava algo ofensivo.

Assim, este é o momento no qual a criança atribui significado às palavras a partir do impacto emocional que estas criam nela, pela sonoridade, por exemplo. Em outra situação observada, uma criança passou a chamar todos os seus familiares de imbecis (*Oi seu imbecil!*). Ao ser questionada sobre isso, a criança destacou que *imbecil* lhe parecia uma palavra muito linda e que era isso que ela queria dizer para as pessoas.

O segundo momento é a **formação de complexos**. Neste período a criança busca unificar diferentes objetos concretos em grupos comuns. Para isso, estabelece vínculos entre os objetos. O pensamento da criança complexifica objetos particulares que ela percebe, combinando-os em determinados grupos. Esta generalização se dá a partir de vínculos objetivos que efetivamente existem entre os objetos. Assim, a criança dá os primeiros passos no sentido da generalização dos elementos da experiência e supera o egocentrismo, a marca das impressões subjetivas. O que une os objetos não são mais as impressões subjetivas que eles causam, mas os vínculos objetivos que eles possuem. A criança não mais confunde suas próprias impressões com as relações objetivas entre os objetos (Vigotski, 1934/2001).

Neste estágio de formação de complexos a criança agrupa os objetos em “famílias” interligadas (nomes de família). O vínculo não é abstrato e lógico (como nos conceitos), mas é concreto e factual, baseado em fatos que se revelam na experiência da criança. Para a criança, por exemplo, uma palavra só pode designar copos, facas, pratos e garfos, porque tais objetos formam um “conjunto para o almoço”, num tipo de complexo que Vigotski (1934/2001) denomina de *coleção*. Neste caso, uma mesma palavra pode abranger significados diferentes, desde que os elementos estejam associados por algum traço objetivo, relacionado à experiência da criança mediada por palavras.

O complexo também pode ser do tipo *em cadeia*, que ocorre quando cada novo objeto incluído neste complexo tem algum atributo em comum com o objeto anterior. O autor exemplifica citando que uma criança pode utilizar a palavra *quá* para designar um pato que está nadando em um lago depois usá-la para nomear qualquer tipo de líquido. Na sequência, a criança vê uma moeda com o símbolo de uma águia e a chama de *quá*, depois pode passar a chamar de *quá* qualquer objeto redondo.

O passo seguinte é a formação dos **pseudoconceitos**. Para Vigotski (1934/2001), no pseudoconceito a generalização formada é semelhante ao pensamento por conceitos, mas em muito difere do conceito propriamente dito no que diz respeito à essência e à natureza psicológica. Em sua aparência, o pseudoconceito praticamente coincide com os significados das palavras, mas no seu interior difere profundamente delas:

(...) a criança constrói um complexo com todas as particularidades estruturais, funcionais e genéticas típicas do pensamento em complexos, mas seu conteúdo é, na prática, uma generalização que poderia ter sido construída igualmente com base no pensamento por conceitos (Vigotski, 1934/2001, p. 148).

Isto ocorre porque a criança não cria sua própria linguagem, mas a assimila da linguagem dos adultos que a rodeiam. O pseudoconceito possui uma natureza funcional, pois é a transição, o elo, entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceitos. A criança aplica os conceitos na prática, antes de assimilá-los, de internalizá-los. Esta é a forma predominante de pensamento das crianças na idade pré-escolar (Vigotski, 1934/2001).

Uma criança pode, por exemplo, compreender o que são animais vertebrados, e ao ser questionada sobre isso, ela apresenta a definição correta deste conceito; mas quando lhe perguntamos se um determinado animal é ou não vertebrado, a criança não sabe responder. Isso demonstra que o conceito *animais vertebrados* está ainda em nível de pseudoconceito. Tal pseudoconceito se assemelha ao verdadeiro conceito, porque ao conversamos com a criança ela reproduz corretamente o enunciado aprendido de *animais vertebrados*, porém não consegue aplicá-lo ao real o que indica que tal conceito ainda não se tornou instrumento de seu pensamento, ou seja, a criança ainda não consegue operar com ele na realidade.

Vigotski (1934/2001) trata disso quando discute a diferença entre a oralidade e a escrita. A criança aprende a falar a partir do uso que os adultos fazem da linguagem. Assim, a criança aprende a falar conectivos, verbos ou adjetivos de forma aparentemente muito bem-elaborada; mas se ela não sabe por que usa estes conectivos, não tem consciência da função de tais palavras. Isso ela aprenderá quando desenvolver a escrita, que partirá das definições lógico-verbais e da classificação das palavras e seus componentes. Deste modo, após a apropriação da escrita, a criança terá consciência e organizará voluntariamente não só a escrita, mas também a fala, que se reestruturará.

Já o verdadeiro **conceito** se caracteriza pela combinação de impressões dispersas no sentido de generalização. Um verdadeiro conceito se baseia nos processos de análise e síntese, sendo que a decomposição e a vinculação são momentos necessários em sua construção. “A função genética do terceiro estágio de evolução do pensamento infantil é o desenvolvimento da decomposição, a análise, a abstração”. (...) (Vigotski, 1934/2001, p. 166). O conceito pressupõe a discriminação, combinação e a generalização de elementos concretos da experiência, e também a capacidade de abstração, de considerar separadamente estes elementos, abstraídos do círculo concreto e factual em que são dados na experiência. O conceito propriamente dito é aquele em que num enunciado verbal são sintetizadas as funções sociais e características fundamentais de um objeto.

Vigotski (1934/2001) aponta que estas fases de desenvolvimento dos conceitos não ocorrem forçosamente de forma cronológica, uma após outra. Por exemplo, o pensamento cotidiano dos adultos frequentemente é realizado mais por noções gerais das coisas do que por verdadeiros conceitos. O pensamento habitual dos adultos pode conter complexos e pseudoconceitos, que são formas transitórias baseadas na experiência cotidiana.

Podemos afirmar que, embora o pensamento do adulto escolarizado já tenha alcançado a condição de operar com conceitos, o funcionamento integral do pensamento não é inteiramente preenchido por tais operações. Podemos citar o exemplo de um adulto que, em um diálogo com uma pessoa em seu trabalho, relata as dificuldades encontradas para legalizar a sua empresa junto à prefeitura, descrevendo os inúmeros formulários e documentações que necessitou reunir para encaminhar o processo. Ao finalizar toda a sua descrição conclui sua fala com a seguinte ênfase: *“É muita democracia! Tudo fica difícil neste país com tanta democracia para fazermos as coisas!”*. O interlocutor, então, surpreso, indaga se o colega estava se referindo a *burocracia*, o que causa uma reação de espanto e uma confirmação por aceno de cabeça e verbal por parte do sujeito. Este exemplo, relatado de situações cotidianas, esclarece que mesmo um adulto, que pode ter desenvolvido com algumas palavras conceitos propriamente ditos, pode operar com outras palavras em nível sincrético, em forma de complexos ou pseudoconceitos.

Se observarmos as formas de pensamento que se manifestam nos sonhos, por exemplo, veremos que eles são caracterizados pelos mecanismos do pensamento por complexos, pela fusão de elementos, condensação e deslocamentos de imagens. O estudo dos sonhos mostra que a generalização do pensamento não opera somente por conceitos em sua forma mais desenvolvida, mas opera ainda por complexos mesmo no adulto. No pensamento por complexos os vínculos entre as palavras se modificam. Uma leve semelhança ou um contato superficial entre os atributos é, às vezes, suficiente para se estabelecer uma conexão. Para Vigotski (1934/2010), é o pensamento por complexos que pode explicar por que, nos sonhos, temos um descolamento de imagens, de forma que um objeto pode representar outro que aparentemente não tem relação com o primeiro^{61 62}.

⁶¹ No que tange ao tema da formação de conceitos, é importante comentar ainda os estudos de Vigotski sobre a afasia, a histeria e a esquizofrenia. Tanto em *Pedologia do Adolescente* (1931/2996) e em *Pensamento e linguagem* (1934/2001) quanto no texto *O pensamento na esquizofrenia*⁶¹ (1931/1994), o autor aponta que na esquizofrenia ocorre uma deterioração do pensamento por conceitos. O que caracteriza o pensamento do adolescente é a mudança do pensamento por complexos para o pensamento por conceitos. Em um processo inverso, na esquizofrenia ocorre um prejuízo da função da formação de conceitos, e uma fragmentação da parte do psiquismo que é organizada por esta função (a personalidade e a autoconsciência, por exemplo). Ressaltamos a importância de compreendermos os escritos sobre psicopatologia de Vigotski, para que possamos explicar de forma mais ampla a problemática do inconsciente. Sobre o assunto, indicamos a dissertação de Silva (2014).

Vigotski (1934/2001) define duas classes de conceitos: os espontâneos e os científicos. Os **conceitos espontâneos** desenvolvem-se de forma “ascendente” no cotidiano da criança, de forma espontânea, como o nome já diz. São conceitos baseados na realidade empírica da criança, indo do concreto para o abstrato. São conceitos concretos e assistemáticos. O conceito espontâneo nasce e se desenvolve na relação prática da criança com os objetos, relação que é mediada pela linguagem e por ações compartilhadas com os adultos em seu meio social. A criança aprende a usar os objetos a partir de sua experiência com eles e da imitação do que o adulto faz e como ele utiliza estes objetos. Do mesmo modo, a criança aprende a nomear os objetos e parcialmente seus atributos, a partir desta mesma relação cotidiana.

Já os **conceitos científicos** são generalizações do pensamento e se desenvolvem de forma “descendente”, do abstrato para o concreto, a partir de um processo sistemático de ensino. O desenvolvimento de um conceito científico começa com uma definição verbal do conceito, a partir de aplicações não espontâneas. Posteriormente o conceito científico desce para a experiência, reestruturando e dando nova significação aos conceitos espontâneos; porém a possibilidade de realizar este processo descendente depende da organização do ensino, do modo como este está organizado para que a criança possa converter o enunciado abstrato em instrumento para pensar a realidade concreta. Pelo fato de ser abstrato, o conceito científico possui diferentes graus de generalidade e se insere em um sistema conceitual.

Em *Pedologia do adolescente*, Vigotski (1931/1996) afirma que sem o pensamento por conceitos é impossível o desenvolvimento pleno da consciência do ser humano. É graças ao pensamento por conceito que se estrutura a **consciência interna da personalidade**, e que se desenvolve o que o autor denomina de **livre arbítrio**.

Para Vigotski (1931/1996), conforme Marx e Engels, a liberdade é o conhecimento da necessidade. A liberdade não consiste na independência das leis naturais, mas no conhecimento destas leis, que abre a possibilidade de fazê-las atuar de acordo com fins determinados, como já discutimos anteriormente. Isto diz respeito tanto às leis da natureza exterior quanto às leis espirituais do homem (para os autores, estas duas classes de leis podem ser separadas apenas na imaginação, mas não na realidade). Explica Vigotski (1931/1996, p. 200):

⁶² O texto *O pensamento na esquizofrenia* foi escrito em 1931 e publicado em inglês em 1934 como *Vigotsky, L. S. 1934: Thought in schizophrenia. Archives of Neurology and Psychiatry*. O tradutor para o inglês, Jacob Kasanin, aponta que o artigo foi escrito no citado ano por sua solicitação.

Esta definição nos permite ver até que ponto se relaciona o livre arbítrio com o pensamento por conceitos, já que tão somente o conceito aumenta o conhecimento da realidade, faz você passar do nível das vivências para o nível de compreensão das leis. E somente esta compreensão da necessidade, quer dizer, das leis, subjaz no livre arbítrio. **A necessidade se converte em liberdade através do conceito** (grifos nossos).

Sem a formação de conceitos não é possível compreender a realidade e as necessidades de forma ampla e, conseqüentemente, não é possível a liberdade humana. O homem possui a capacidade de não permanecer no abstrato e incompleto *em si* e de converter-se em um ser *para si*, livre e racional.

Os entendimentos analisados até agora sobre o processo de formação de conceitos são importantes para podermos compreender o que Vigotski discute a respeito dos processos não conscientes. Em *Pedologia do adolescente* (1931/1996) o autor analisa as investigações de Jean Piaget⁶³ a respeito do desenvolvimento do pensamento. Para Piaget, há uma mudança radical entre o pensamento da criança e o do adolescente. Suas investigações demonstram que **a criança em idade escolar não é consciente de suas próprias operações mentais** e por isso não consegue dominá-las plenamente. Na infância há uma ausência da voluntariedade do pensamento e da tomada de consciência das próprias operações lógicas, ou seja, há uma ausência do pensamento lógico. Somente ao término da idade escolar a criança passa a ser capaz de tomar consciência de suas operações intelectuais e de compreender que as palavras são signos ou meios auxiliares do pensamento, e não propriedades do objeto.

Em *Pensamento e linguagem* (1934/2001), Vigotski pontua que é fundamental compreendermos por que o escolar não tem consciência de seus conceitos para podermos compreender como se dá a **tomada de consciência**. Sobre isso, Piaget aponta que a não consciência dos processos do pensamento, característica das crianças na idade escolar, é um resíduo de seu egocentrismo. Seria consequência residual do mundo inteiramente não conscientizado da criança pequena e da insuficiente socialização de seu pensamento. Piaget compreende que a tomada de consciência se deve ao deslocamento dos remanescentes do egocentrismo verbal para o pensamento social maduro, num processo em que um modo de agir descola o outro.

⁶³ Jean William Fritz Piaget (1896 - 1980). Epistemólogo suíço, fundador da Epistemologia Genética.

Vigotski (1934/2001) destaca que a tese de Piaget sobre o porquê de os escolares não serem conscientes de seus conceitos é duvidosa, e a rejeita. Segundo ele, se rejeitarmos a primeira tese, necessariamente iremos rejeitar também a segunda, que explica como ocorre a tomada de consciência. O autor entende que não é possível explicar a não consciência dos conceitos pelas crianças como decorrente de seu egocentrismo, pois, segundo o autor, nesta idade já estão em processo de desenvolvimento as funções psicológicas superiores, as quais se caracterizam pela tomada de consciência e arbitrariedade. Por exemplo, o escolar já está desenvolvendo a atenção arbitrária e a memória lógica, ambas funções psíquicas superiores.

Por outro lado, Piaget tem razão quando diz que o escolar não tem consciência de seus conceitos. Para Vigotski (1934/2001), esta tese é correta. Nesta idade a criança é capaz de realizar a tomada de consciência no campo da memória, da percepção e da atenção, mesmo que ainda pautada no concreto-visual e na combinação deste com a linguagem, mas não é capaz de apreender os processos do próprio pensamento, fenômeno aparentemente paradoxal. Para explicar esse fenômeno contraditório, Vigotski retoma as leis do desenvolvimento psicológico. Lembra-nos que o desenvolvimento psíquico é antes **uma mudança nos vínculos e relações interfuncionais** do que um aperfeiçoamento de determinada função, como discutimos acima. Explica o autor:

(...) A consciência se desenvolve como um todo, modificando a cada nova etapa a sua estrutura interna e o vínculo entre as partes, e não como uma soma de mudanças parciais que ocorrem no desenvolvimento de cada função isolada. O destino de cada parte funcional no desenvolvimento da consciência depende da mudança do todo e não o contrário (Vigotski, 1934/2001, p. 209).

A consciência é um todo único e suas funções particulares são interligadas. É uma unidade funcional e há um vínculo indissolúvel entre as modalidades de sua atividade. Os vínculos e as relações funcionais não são constantes ao longo do desenvolvimento do sujeito: “(...) *a mudança das conexões interfuncionais, quer dizer, as mudanças da estrutura funcional da consciência é o que constitui o aspecto central de todo o processo de desenvolvimento psicológico*” (Vigotski, 1934/2001, p. 210-211, grifos do autor).

Para Vigotski (1934/2001), este entendimento de que no processo de desenvolvimento do sujeito modifica-se a estrutura da consciência, ou seja, ocorre uma mudança nos vínculos e relações interfuncionais, é fundamental para compreendermos por que, na idade escolar, a

memória e a atenção são conscientizadas e arbitrárias, em um determinado grau ou qualidade, e os próprios processos do pensamento ainda não o são. A tomada de consciência é um processo superior em qualquer função, e surge tardiamente, devendo ser necessariamente precedida por um estágio de funcionamento **não consciente** e involuntário, não arbitrário, daquela função, daquele tipo de atividade da consciência. “(...) Para tomar consciência é necessário haver o que deve ser conscientizado. Para dominar, é necessário dispor daquilo que deve ser subordinado à nossa vontade” (Vigotski, 1934/2001, p. 211).

Na infância, a percepção e a memória são as funções que dominam o sistema de relações interfuncionais. Assim, ao chegar ao limiar da idade escolar a criança já possui estas funções bem-desenvolvidas. Ela já possui aquilo de que deve se conscientizar e assimilar. É por isso que neste período as funções conscientizadas da memória e da atenção são projetadas ao centro. A aprendizagem está sempre adiante do desenvolvimento, o que significa que a criança adquire certos hábitos e habilidades específicas antes de aprender a aplicar estas habilidades de forma consciente e intencional (Vigotski, 1934/2001). Explica o autor:

Compreende-se igualmente por que os conceitos do escolar **não são conscientes nem voluntários**. Para tomar consciência e dominar algo é necessário, antes de tudo, possuí-lo, como dissemos mais acima. Mas os conceitos – ou, melhor dizendo, os pré-conceitos, como preferiríamos denominar mais exatamente estes conceitos do escolar de caráter não-consciente e que não alcançaram um caráter superior de desenvolvimento – surgem pela primeira vez precisamente na idade escolar e amadurecem no transcurso dela. Até então, a criança pensa por ideias gerais ou complexos, tal como denominamos em outro lugar esta estrutura mais precoce de generalização, predominante na idade pré-escolar. Mas tendo em conta que os pré-conceitos surgem unicamente na idade escolar, seria um milagre que a criança pudesse tomar consciência deles e dominá-los, já que isso significaria que a consciência é capaz não somente de tomar consciência e dominar suas funções, mas de criá-las a partir do nada, recriá-las, muito antes que elas tivessem se desenvolvido (Vigotski, 1934/2001, p. 211-212, grifos nossos).

Vigotski (1934/2001) afirma que as considerações acima explicam por que o escolar não é consciente de seus processos de pensamento, mas ainda é preciso explicar como se dá o processo de **tomada de consciência**. Sobre esta questão, o autor aponta que no fundamento da tomada de consciência está a **generalização dos próprios processos psíquicos**, e isto

conduz ao domínio voluntário de cada função psíquica. É **no campo dos conceitos científicos que a tomada de consciência surge primeiro**. Os conceitos científicos constituem um sistema hierárquico interno de relações mútuas e é neles que surge pela primeira vez um **sistema** de generalização e domínio. Sendo assim, os conceitos científicos pressupõem a tomada de consciência, e é somente dentro de um sistema que um conceito adquire caráter voluntário e consciente; ou seja, a tomada de consciência pressupõe sistematização dos conceitos. Os conceitos infantis são espontâneos, não sistemáticos - portanto, não conscientes. Para Vigotski, uma vez que a estrutura de generalização surge em uma esfera do pensamento por conceitos, ela se transfere para as demais. “(...) Deste modo, *a tomada de consciência vem pela porta dos conceitos científicos*” (Vigotski, 1934/2001, p. 214, grifos do autor), entendendo-se que a formação de conceitos científicos é o processo de formação do pensamento teórico.

Os conceitos científicos são conscientes deste o primeiro momento e dispõem desde o início de um sistema. É a organização em um sistema que diferencia os conceitos científicos dos conceitos espontâneos. Para Vigotski (1934/2001), dizer que um conceito é espontâneo e não consciente é o mesmo que dizer que o conceito carece de um sistema de enlaces conceituais. O caráter não consciente significa que falta a generalização, o desenvolvimento do sistema de relação entre os diversos conceitos.

Por outro lado, Vigotski (1931/1996) destaca que os conceitos científicos estão estritamente relacionados com os conceitos espontâneos. É preciso que a criança tenha desenvolvido seus conceitos cotidianos para que ela possa assimilar e tomar consciência dos conceitos científicos. O autor exemplifica apontando que para a criança compreender o conceito científico de *história* é necessário que ela tenha desenvolvido o conceito espontâneo de *passado*, que ela e as pessoas à sua volta já tenham vivido o suficiente para perceberem que existe um *antes* e um *agora*.

E é em meio a esta discussão sobre a tomada de consciência que Vigotski (1934/2001) traz o que considera ser **a diferença essencial entre os processos inconscientes e os não conscientes**. Pedimos licença ao leitor para reproduzirmos na íntegra o trecho no qual o autor discute esta diferença:

A investigação mostra que a tomada de consciência é um processo totalmente específico, que trataremos agora de esclarecer em suas linhas gerais. É necessário levantar a primeira e principal questão: o que significa “tomar consciência”? Esta

expressão tem dois significados. Precisamente por ter dois significados e precisamente porque Claparède e Piaget confundem a terminologia de Freud e da psicologia geral surge este equívoco. Quando Piaget se refere ao caráter não-consciente do pensamento infantil, não leva em consideração que a criança não é consciente do que ocorre em sua consciência, que seu pensamento é inconsciente. Supõe que a consciência participa do pensamento da criança, mas não até o final. A princípio, o pensamento inconsciente – o solipsismo da criança, ao final, o pensamento socializado consciente, no meio, uma série de etapas, caracterizadas por Piaget como a diminuição gradual do egocentrismo e o incremento das formas sociais de pensamento. Cada etapa intermediária representa um determinado compromisso entre o pensamento inconsciente autista da criança e o pensamento consciente social do adulto. O que significa que o pensamento da criança não é consciente? Significa que o egocentrismo desta última implica certa inconsciência, o que por sua vez significa que **o pensamento é consciente**, mas não até o final, que encerra elementos conscientes e não conscientes. O próprio Piaget disse a este respeito que o conceito de “raciocínios inconscientes” é muito escorregadio. Se se considera o desenvolvimento da consciência como a transição paulatina do inconsciente (no sentido freudiano) a consciência total, este raciocínio é correto. Porém, como resultado das investigações de Freud foi estabelecido que o inconsciente como algo reprimido da consciência surge tarde e é, em certo sentido, uma grandeza derivada do desenvolvimento e da diferenciação da consciência. Por isso existe uma grande diferença entre o inconsciente e o não consciente. **A não-consciência não é, de modo algum, uma parte do inconsciente, nem uma parte da consciência. Não significa um grau de consciência, mas sim uma tendência diferente da atividade da consciência.** Dou um nó. O faço conscientemente. Contudo, não consigo explicar como o fiz. Resulta que não tenho consciência do meu ato consciente, porque minha atenção está orientada para o ato da própria execução e não para como eu faço. A consciência é sempre um determinado fragmento da realidade. O objeto de minha consciência é o ato de dar o nó, o próprio nó e tudo que acontece com ele, porém não consiste nas ações que realizo ao fazê-lo nem em como eu faço. Mas o objeto da consciência pode ser precisamente isso, em cujo caso se tratará da **tomada de consciência**. A tomada de consciência é um ato da consciência, o objeto da qual é a própria atividade da consciência (Vigotski, 1934/2001, p. 212-213, grifos nossos).

Em nossa análise, o que Vigotski (1934/2001) discute neste trecho é que quando Piaget fala do caráter não consciente do pensamento da criança e o chama de pensamento inconsciente, ele não compreende que o pensamento é absolutamente inconsciente, mas sim, que a consciência da criança participa do pensamento, embora não até o final; ou seja, a criança pensa, tem consciência *do que* está pensando, mas não tem consciência de *como* está pensando; seu *processo* de pensamento não está conscientizado.

Para Piaget, o pensamento da criança pequena seria egocêntrico (centrado em suas experiências pessoais) e inconsciente, enquanto o pensamento do adulto seria socializado e consciente. Vigotski critica este entendimento, apontando que ele provém da lógica formal. Para o autor russo, o pensamento socializado não é sempre consciente e o pensamento egocêntrico não é necessariamente inconsciente. O egocentrismo infantil implica certa inconsciência, o que não quer dizer total falta de consciência. Por isso o próprio Piaget aponta que o termo *raciocínios inconscientes* é escorregadio, pois se a criança raciocina, se ela pensa, como este pensamento não faria parte de sua consciência? Na verdade, a criança tem consciência do *objeto* de seu pensamento, mas não do *processo* pelo qual ela pensa.

Vigotski discute que, para Freud, o inconsciente é, de certa forma, uma grandeza proveniente do desenvolvimento da consciência, é uma instância constituída pelos conteúdos reprimidos, e sendo assim, o inconsciente surge tarde. Além disso, em nossa análise, para Freud, o inconsciente é uma instância psíquica que continua presente no psiquismo do adulto, o que contradiz o entendimento de Piaget de que o pensamento socializado do adulto é necessariamente consciente.

É por isso que, para Vigotski, existe uma grande diferença entre o *inconsciente* e o *não consciente*. O não consciente não é uma parte do inconsciente ou uma parte da consciência, não é um grau de consciência. Os conteúdos não conscientizados são, na verdade, **uma tendência da atividade da consciência**.

Quando o sujeito dá um nó, ele tem consciência do que está fazendo. Ele define consciente e intencionalmente, que irá dar um nó; mas ao dar o nó, o sujeito foca sua consciência *no que* está fazendo, e não em *como* está fazendo. Não volta sua atenção para cada detalhe do movimento e por isso não toma consciência de cada ato; mas o sujeito pode tornar este *como* o objeto de sua atenção, ou seja, pode focar a sua atenção no *processo* pelo qual pensa ou age, pode “transferir” sua atividade consciente para o processo - caso em que se

terá a **tomada de consciência**. A tomada de consciência ocorre quando o objeto do pensamento é a própria atividade da consciência.

Em nossa análise, o que Vigotski (1934/2001) discute é que existe uma diferença metodológica entre utilizar o termo *inconsciente* e o termo *não consciente*⁶⁴. O termo *não consciente*, para o autor, refere-se a uma tendência diferente da atividade da **própria consciência**; já o termo *inconsciente* remete ao que tradicionalmente a psicanálise compreende sobre este conceito, ou seja, que o inconsciente é uma instância psíquica separada da consciência, um termo que denomina os processos que estão **fora da consciência**.

No texto *Pensamento e Linguagem* (1934/2001) Vigotski conclui que a consciência é um todo único, um sistema psicológico composto pelo conjunto das funções psíquicas superiores, que estão imbricadas umas nas outras. Assim, como poderia haver processos psíquicos que estejam absolutamente fora da consciência?

Em *Psicologia da arte* (1925/1972) e em *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/2004a), Vigotski discorda da explicação dada por Freud ao conceito de inconsciente, que define que os processos inconscientes estão apartados da consciência. Em nossa análise, o que Vigotski está discutindo em *Pensamento e linguagem* (1934/2001) é que o que existe empiricamente são os processos **não conscientes** do pensamento, e que os processos tradicionalmente denominados pelo termo *inconsciente* são, na verdade, uma tentativa teórica de explicar os fenômenos não conscientes, o que acaba por confundir o material sensível com as hipóteses de explicação do fato, como ele discute em *A psique, a consciência e o inconsciente* (1930/2004a). Diante destas considerações, concluímos que Vigotski opta por utilizar o termo *não consciente* a partir de um novo entendimento teórico dos processos psíquicos tradicionalmente denominados de *inconscientes*.

⁶⁴ Apesar de Vigotski (1934/2001) afirmar, neste trecho citado de *Pensamento e linguagem*, que existe uma diferença entre o termo *inconsciente* e o termo *não consciente*, em outros momentos deste mesmo manuscrito e em outros textos Vigotski utiliza os dois termos de forma simultânea. Em alguns momentos o autor denomina de *processos inconscientes* os processos de pensamento do escolar definidos como *não conscientizados*, como no seguinte trecho: “(...) Porém a criança aprende na escola e concretamente graças à linguagem escrita e a gramática a tomar consciência do que faz e, por tanto, opera voluntariamente com os seus próprios hábitos. Seus hábitos passam de **inconscientes**, do plano automático para o plano voluntário, intencional e consciente” (Vigotski, 1934/2001, p. 234, grifos nossos). Apesar de o autor utilizar os dois termos ao mesmo tempo, percebemos que o sentido dado por ele ao conceito que estes termos expressam não se altera. Isto significa que mesmo nos momentos em que Vigotski utiliza o termo *inconsciente*, como no trecho citado, o significado deste conceito permanece o mesmo do que no conceito de *não consciente*.

Sobre isto temos duas hipóteses. É necessário considerar que tivemos acesso aos textos de Vigotski traduzidos para o espanhol e para o português, e que no processo de tradução podem ter ocorrido alterações destes termos, que foram traduzidos ora pela palavra *inconsciente*, ora pela expressão *não consciente*. Neste sentido, estudos futuros das obras originais em russo contribuirão para esclarecer esta discussão. Outro ponto importante é que o autor não discutiu sobre a diferença entre *inconsciente* e o *não consciente* em outros textos aos quais tivemos acesso, apenas no trecho citado de *Pensamento e Linguagem* (1934/2001). Isto nos leva a considerar a hipótese de que Vigotski ainda estivesse em processo de elaboração de sua análise sobre a diferença entre utilizar um termo ou o outro.

Além disso, é importante considerar que não temos acesso, no Brasil, a muitos dos textos escritos por Vigotski. Assim, é fundamental explicarmos que o autor não discute a diferença entre o termo *inconsciente* e o termo *não consciente* em nenhum dos outros textos lidos para a elaboração dessa dissertação, listados no anexo I deste trabalho; o que não significa que não possa haver outros textos escritos sobre isso aos quais não tenhamos tido acesso.

Sendo assim, compreendemos que o autor traz considerações fundamentais que nos permitem pensar sobre a **consciência/não consciência** dos fenômenos, em *Pedologia do adolescente* (1931/1996) e em *Pensamento e linguagem* (1934/2001). Desta discussão podemos concluir que é a partir do desenvolvimento do pensamento por conceitos e da tomada de consciência dos seus próprios processos de pensamento que o adolescente regula o mundo de suas próprias vivências e toma consciência delas, desenvolvendo assim sua autoconsciência. Isto significa que o pensamento não consciente é caracterizado pela falta dessa autoconsciência das próprias vivências.

Os conceitos do escolar **não são conscientes nem voluntários**, ou seja, o pensamento não consciente é involuntário e não está sob o seu domínio pleno. O pensamento não consciente não é livre, já que a necessidade se converte em liberdade por meio do conceito. Sendo assim, é somente através do pensamento por conceitos e do desenvolvimento da autoconsciência que o sujeito desenvolve o controle voluntário do comportamento e o livre arbítrio; é somente a partir deste processo que ele pode tomar consciência de suas próprias ações, dos seus motivos, de sua própria personalidade.

Para Vigotski (1931/1996), nós nos comportamos em relação a nós mesmos do mesmo modo que o fazemos em relação aos demais. Nossa visão de mundo está estreitamente relacionada com a forma como a sociedade compreende o mundo, produz e reproduz a vida material; “Mas a subordinação das próprias ações ao próprio poder exige necessariamente, como premissa, a tomada de consciência destas ações” (Vigotski, 1931/1996, p. 230); ou seja, é necessário que tomemos consciência de nosso próprio pensamento, de nossos motivos, de nossas ações, de nossa história pessoal e social, para podermos decidir livremente o curso que desejamos imprimir às nossas vidas e à sociedade como um todo.

2.5 A UNIDADE DIALÉTICA ENTRE INTELECTO E AFETO E A PROBLEMÁTICA DAS UNIDADES DE ANÁLISE

Vigotski analisa a consciência humana a partir do método materialista histórico-dialético. A partir dessa análise o autor compreende que intelecto e afeto formam uma unidade dialética e que para compreendermos a consciência humana não podemos separar os aspectos cognitivos dos aspectos afetivos que compõem o psiquismo.

Na obra *Teoria das emoções: um estudo histórico-psicológico* (1933/2004) Vigotski busca fazer uma crítica às concepções correntes sobre as emoções, com destaque para a teoria de James⁶⁵ e de Lange⁶⁶; porém o autor não elaborou sua própria concepção a respeito das emoções, empreitada que ficou inconclusa. Para Shuare (1990), é possível supor que Vigotski daria continuidade ao assunto com base na análise da teoria de Spinoza.

Neste texto Vigotski (1933/2004) aponta como um ponto fundamental compreender como a consciência se constitui a partir dos seus vínculos com nossa existência real e viva. **Não podemos compreender a consciência humana sem compreender as emoções.** Tradicionalmente, a psicologia não consegue explicar esta unidade dialética, analisando este tema de forma mecanicista - entendendo que as emoções são inatas - ora de forma idealista, entendendo as emoções como independentes, como expressão do espírito. Para Vigotski (1933/2004), é preciso analisar esta problemática a partir da psicologia dialética.

Shuare (1990) destaca que Vigotski deu importância ao tema das emoções tanto no início de sua obra, nos textos *Psicologia da arte* (1925/1972) e *Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator*⁶⁷ (1932/1999), como no final, em *Pensamento e linguagem* (1934/2001). Sobre este último texto, a autora elege alguns trechos nos quais Vigotski deixa clara a importância do estudo sobre as emoções:

(...) O pensamento não é a última instância nesse processo. O próprio pensamento não tem origem em outro pensamento, senão na esfera motivacional da nossa consciência, a que abarca nossos desejos e necessidades, nossos interesses e motivos, nossos afetos e emoções. Depois do pensamento se encontra uma tendência afetiva e volitiva, a última que pode dar resposta ao último “por que” na análise do pensamento (Vigotski, 1934 citado por Shuare, 1990, p. 80).

No primeiro capítulo de *Pensamento e linguagem*, intitulado *O problema e o método de investigação*, Vigotski (1934/2001) aponta que para compreendermos a relação entre pensamento e linguagem e os demais aspectos da consciência é preciso explicarmos como o intelecto e o afeto estão vinculados. O autor afirma que separar o pensamento do afeto fecha a possibilidade de compreendermos as causas do pensamento, porque a análise “(...) pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o

⁶⁵ William James (1842-1910). Médico e professor norte-americano. Desenvolveu estudos experimentais aplicados à Fisiologia e à Psicologia.

⁶⁶ Carl Georg Lange (1834 - 1900). Fisiologista dinamarquês. Desenvolveu sua teoria sobre as emoções de forma independente de William James, mas, posteriormente, as duas teorias foram associadas pelas suas semelhanças.

⁶⁷ Texto escrito em 1932 e publicado pela primeira vez no livro de I. M. Jakobson *Psicologia dos sentimentos cênicos do ator*, em 1936.

movimento do pensamento em um ou outro sentido” (Vigotski, 1934/2010, p. 25). Da mesma maneira, no sentido inverso, compreender o afeto sem o pensamento retira a possibilidade de explicarmos como o pensamento influencia o plano afetivo e volitivo do homem, reduzindo o pensamento a um apêndice inútil do comportamento. Afirma ainda o psicólogo russo:

A primeira questão que se apresenta quando falamos da relação entre pensamento e linguagem e os restantes aspectos da consciência é a da conexão entre *intelecto* e *afeto*. Como se sabe, a separação entre o aspecto intelectual da nossa consciência e seu aspecto afetivo, volitivo, constitui um dos defeitos mais graves de toda a psicologia tradicional. Essa separação permite que o pensamento se transforme inevitavelmente em um fluxo autônomo de ideias que se pensam a si mesmas, separando-o de toda a plenitude da vida, dos impulsos, dos interesses e das inclinações vitais do sujeito que pensa e, ou resulta em um epifenômeno completamente inútil, incapaz de modificar a vida e o comportamento da pessoa, ou o transforma em uma força primitiva, autônoma e imprevisível, que, ao interferir na vida da consciência e na vida da personalidade, as influencia de forma inexplicável (Vigotski, 1934/2010, p. 24-25, grifos do autor).

Vigotski (1934/2001) considera que é fundamental explicarmos como as funções psíquicas se relacionam e como o afeto e a cognição se conectam, para compreendermos como se dá o desenvolvimento do pensamento e da linguagem e como se processa sua relação com a consciência. Afirma o autor que explicar **a relação entre pensamento e palavra é o ponto de partida**, o aspecto central de todo o problema, uma vez que as outras questões são subordinadas a esta última.

Para o autor, não podemos considerar o pensamento e as emoções de forma totalmente independente, porque eles estão dialeticamente imbrincados. Em *Sobre os sistemas psicológicos*, Vigotski (1930/2004c) discute que os sentimentos mantêm relação com o pensamento. Esta relação se evidencia quando compreendemos que não experimentamos os sentimentos de maneira pura, pois estamos conscientes de suas conexões conceituais (nós os nomeamos, por exemplo). Estas conexões se alteram ao longo da vida, conforme o sujeito se desenvolve. Elas são dinâmicas, e não uma grandeza constante⁶⁸.

Além disso, Vigotski (1930/2004c) afirma que as emoções humanas estão em conexão com a autoconsciência da personalidade e com a consciência da realidade. O conhecimento de

⁶⁸ Para compreender melhor esta relação indicamos a dissertação de R. Silva (2011), que discute sobre a periodização do desenvolvimento das emoções, a partir da Psicologia Histórico-Cultural.

nossos afetos, a autoconsciência deles, transforma-os de um estado passivo para um estado ativo. **Pensar sobre os afetos e situá-los em outras relações do intelecto são fatores que alteram a vida psíquica do sujeito.** Para o autor, **os afetos atuam em um sistema complexo junto com os conceitos.** O que eu sinto está relacionado com a forma como eu compreendo o mundo. Assim, os afetos e emoções são desenvolvidos histórica e culturalmente (vejamos que em algumas culturas, por exemplo, não há a palavra saudade). **Os afetos são históricos e se alteram de acordo com o contexto ideológico e psicológico de cada grupo social.**

Martins (2011) nos explica que, para Vigotski, o sistema de conceitos inclui os sentimentos, sendo que, em sentido inverso, o próprio pensamento abrange também os sentimentos:

A significação imbrica pensamento e linguagem, e, também, razão e afeto. Todo e qualquer sentimento carrega consigo um complexo sistema de ideias por meio dos quais possa se expressar. Portanto, tal como não há ideia sem pensamento não há, igualmente, ideia alheia à relação da pessoa com a realidade. Da mesma forma, não há relação com a realidade que possa ser independente das formas pelas quais ela afeta a pessoa. Assim, toda ideia, diga-se de passagem, conteúdo do pensamento, contém a atividade afetiva do indivíduo em face da realidade que representa (Martins, 2011, p. 57).

De acordo com a autora, a sensação, a percepção, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento e a imaginação estão a serviço da formação da imagem psíquica da realidade objetiva; porém esta dinâmica é apenas parte do processo, que também inclui a relação particular do sujeito com o objeto, já que nenhuma imagem psíquica se institui na ausência dessa relação (Martins 2011).

Diante destas considerações sobre o conceito de inconsciente nos perguntamos se existe uma relação entre os conteúdos não-conscientes e a vida emocional do homem. Podemos pressupor uma resposta positiva para esta pergunta, já que tanto o intelecto quanto o afeto estão relacionados com a formação da consciência humana. Como os processos inconscientes - agora denominados de *não conscientes* por Vigotski (1934/2001) - são uma tendência da atividade da consciência, os processos não conscientes também estariam relacionados tanto com o intelecto quanto com os afetos. Entendemos, assim, que trabalhos que discutam as emoções em Vigotski nos ajudarão a elucidar também a problemática do inconsciente.

Por ora podemos pensar que, muitas vezes, compreendemos apenas algumas determinações de nossos sentimentos e emoções porque não fazemos, por exemplo, a análise de quanto tais sentimentos estão relacionados com as características da nossa cultura e se constroem a partir das relações sociais de produção da vida material. Muitas vezes vivenciamos nossas emoções de forma passiva e não consciente. Como citamos acima, o conhecimento de nossos afetos fá-los passar de um estado passivo para um estado ativo, sendo que pensar sobre os afetos altera nossa vida psíquica, uma vez que estes estão imbrincados com o sistema de conceitos. Em resumo, o curso de desenvolvimento se daria tal como em relação às outras funções: de um funcionamento involuntário para um funcionamento voluntário.

Esta discussão sobre a unidade entre intelecto e afeto nos leva a outra questão, que diz respeito às unidades de análise. Para Vigotski (1934/2001), ao estudarmos um fenômeno devemos procurar a unidade que contém as características e propriedades do objeto estudado. Ao estudarmos o pensamento e a linguagem, não devemos decompô-los em elementos e estudá-los de forma separada, mas procurar a unidade mínima destes dois fenômenos. As unidades de análise, em oposição aos elementos, não perdem as propriedades inerentes ao todo que se procura explicar.

A unidade que não se deixa decompor e contém as propriedades inerentes ao pensamento verbalizado como uma totalidade é o **significado da palavra**. O significado da palavra tem na sua generalização um verdadeiro ato do pensamento. Ao mesmo tempo o significado da palavra é parte inalienável da palavra, pertencendo, então, ao pensamento e à linguagem ao mesmo tempo. Sem significado a palavra é um som vazio, que não pertenceria mais ao reino da linguagem. O significado da palavra é ao mesmo tempo pensamento e linguagem, é uma unidade do pensamento verbalizado (Vigotski, 1934/2001).

Compreendemos que o significado é uma unidade social e individual, pois há nele dois aspectos inerentes: o sentido e o significado. O sentido se refere às experiências e vivências do sujeito singular que se “ligam” à palavra. Já o significado é o conceito que passa também por um percurso de desenvolvimento e não se mantém o mesmo desde sua apreensão individual. No significado da palavra, estas duas esferas se mesclam a todo o momento (Vigotski, 1934/2001).

No primeiro capítulo de *Pensamento e linguagem* Vigotski (1934/2001) discute a unidade existente entre intelecto e afeto, como discutimos acima. O autor afirma:

A análise que segmenta o conjunto complexo em unidades nos assinala uma vez mais o caminho para resolver esta questão de vital importância para a teoria que nos ocupa. Revela a existência de um sistema semântico dinâmico, representado pela *unidade dos processos afetivos e intelectuais*. Mostra como qualquer ideia encerra, transformada, a atitude afetiva do indivíduo sobre a realidade representada nessa ideia. Permite também descobrir o movimento direcional que parte das necessidades e impulsos do indivíduo para uma determinada intenção de seu pensamento e, no movimento inverso, parte da dinâmica do pensamento para a dinâmica do comportamento e da atividade concreta da personalidade (Vigotski, 1934/2010, p. 25, grifos do autor).

O autor afirma que não se deterá neste problema imediatamente, mas que apontará, no último capítulo, o que considera serem as perspectivas que se abrem para o estudo deste assunto. Acrescenta que o método por unidades não permite apenas compreender a unidade interna do pensamento e da linguagem, mas também a posição que ocupa o pensamento verbal no conjunto da atividade da consciência (Vigotski, 1934/2001).

No último capítulo, *Pensamento e palavra*, Vigotski (1934/2001) afirma que a problemática do desenvolvimento do pensamento leva a um problema mais amplo: o problema do desenvolvimento da consciência. O autor aponta que buscou estudar a relação da palavra com a realidade. A palavra se constitui como um reflexo generalizado da realidade. Isto demonstra um aspecto da natureza da palavra que extrapola os limites do pensamento e nos leva a um aspecto mais geral, que é a relação entre palavra e consciência. Como explica o autor,

(...) o pensamento e a linguagem são a chave para compreender a natureza da consciência humana. Se a linguagem é tão antiga como a consciência, se a linguagem é a consciência que existe na prática para os demais e, por conseguinte, para uma pessoa, é evidente que a palavra tem um papel destacado não somente no desenvolvimento do pensamento, mas também no da consciência em seu conjunto: as investigações empíricas mostram a cada passo que a palavra desempenha esse papel central no conjunto da consciência e não somente em suas funções isoladas. A palavra representa na consciência, em termos de Feuerbach⁶⁹ o que é absolutamente impossível para uma pessoa, mas é possível para duas. É a expressão mais direta da natureza histórica da consciência humana.

⁶⁹ Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872). Filósofo alemão.

A consciência se reflete na palavra como o som em uma pequena gota de água. A palavra é para a consciência o que é o microcosmo para o macrocosmo, o que é a célula para o organismo, o átomo para o universo. É o microcosmo da consciência. **A palavra significa o microcosmo da consciência humana** (Vigotski, 1934/2001, p. 346-347).

Assim, Vigotski (1934/2001) define que o significado da palavra é a unidade entre pensamento e linguagem. Mais do que isso, o autor conclui que o significado da palavra é a **unidade da consciência**, e esta unidade engloba tanto os aspectos cognitivos quanto os afetivos, pois o sistema semântico composto pelo significado das palavras engloba as ideias do sujeito e a atitude afetiva dele sobre a realidade que está representada nesta ideia. O autor considera que o entendimento de que o significado da palavra é o microcosmo da consciência se abre como uma nova perspectiva de estudo da relação entre intelecto e afeto.

Estas considerações foram elaboradas por Vigotski no texto *Pensamento e Linguagem* (1934/2001), escrito já nos últimos anos de sua vida. Além disso, sabemos que as análises de Vigotski a respeito das emoções ficaram inacabadas. Shuare (1990) destaca que podemos supor que Vigotski estava organizando outro ciclo de estudos sobre a consciência humana, envolvendo a problemática das emoções e afetos, e que possivelmente estes aspectos dariam uma nova dimensão ao estudo do significado e da linguagem; mas é preciso considerar que no texto *A crise dos sete anos*⁷⁰ (1934/1996) Vigotski delineia que a *vivência* também seria uma unidade de análise. Aponta o autor que a análise por unidades indica que a unidade entre a linguagem e o pensamento é o significado da palavra, e que a unidade entre a personalidade e meio é a vivência:

Podemos assinalar também a unidade para o estudo da **personalidade e do meio**. Em psicologia e psicopatologia essa unidade se chama vivência. A vivência da criança é aquela simples unidade sobre a qual é difícil dizer o que representa a influência do meio sobre a criança ou uma peculiaridade da própria criança. (...) Toda vivência é uma vivência de algo. Não há vivências sem motivo, como não há ato consciente que não seja ato de consciência de algo. Contudo, cada vivência é pessoal. A teoria moderna introduz a vivência como **unidade de consciência**, quer dizer, como unidade na qual as propriedades básicas da consciência figuram como tais, enquanto que na atenção, no pensamento não se dá esta relação. A atenção não é uma unidade da

⁷⁰ Este texto é a estenografia da conferência proferida por Vigotski no curso do Instituto Pedagógico de Herzen de Leningrado, ocorrido entre 1933 e 1934.

consciência, senão um elemento da consciência, carente de outros elementos, com a particularidade de que a integralidade da consciência como tal desaparece. A verdadeira **unidade dinâmica da consciência**, unidade plena que constitui a base da consciência **é a vivência** (1934/1996, p. 383, grifos nossos).

Vigotski (1934/1996) afirma ter observado que o essencial não é a situação - por si mesma e de forma absoluta - que a criança vive, mas também o modo como a criança vive esta situação. Além disso, um mesmo meio ambiente tem significados diferentes para uma criança de um, três, sete e doze anos. O autor aponta que a vivência é uma unidade de análise porque ela abarca tanto a personalidade da criança quanto o meio em que ela vive. A vivência demonstra quanta influência o meio exerce sobre a criança e como esta criança vivencia esta situação. Mais do que isso, neste trecho o autor afirma que a vivência é a **unidade dinâmica da consciência**.

No texto *Quarta aula: a questão do meio na pedologia*⁷¹ (1935/2010) Vigotski afirma que a vivência demonstra como o meio influencia o desenvolvimento da personalidade consciente da criança. Escreve o autor:

Com a ajuda desse exemplo eu gostaria apenas de esclarecer a ideia de que se a *pedologia*, à diferença de outras ciências, estudar não o meio enquanto tal, sem referência à criança, mas sim estudar o papel e a influência do meio ao longo do desenvolvimento infantil, então ela deverá sempre saber encontrar aquele prisma que reflete a influência do meio na criança, isto é, *a pedologia deverá saber encontrar a relação existente entre a criança e o meio, a vivência da criança*, isto é, de que forma ela toma consciência e concebe, de como ela se relaciona afetivamente para com certo acontecimento. Esse é o *prisma* que determina o papel e a influência do meio no desenvolvimento do – digamos – caráter da criança, do seu desenvolvimento psicológico e assim por diante (Vigotski, 1935/2010, p. 686, grifos do autor).

Por outro lado, é importante observar também que nestes textos o autor aponta a existência de uma íntima relação entre o pensamento, a linguagem, o significado das palavras e a vivência da criança. No texto *A crise dos sete anos* (1934/1996) Vigotski afirma que a

⁷¹ Segundo Valsiner (1994) esta conferência foi publicada em 1935 no livro *Fundamentos da pedologia*, por M. A. Levina, orientanda de Vigotski. O texto original foi nomeado apenas pelo número 4. Em português, recebeu o nome de *Quarta aula: a questão do meio na pedologia* (1935/2010). Em inglês, foi traduzida pelo título *The problem of the environment* (1935/1994). Não se sabe com certeza quando Vigotski escreveu ou ministrou esta palestra. Também não se sabe se foi o próprio autor quem redigiu o texto, ou se ele é resultado das anotações de seus alunos. O que se sabe é que este texto foi publicado pelo Instituto Pedagógico Herzen de Leningrado, local onde Vigotski ministrou conferências entre 1933 e 1934.

linguagem não contém apenas os nomes dos objetos, mas também o significado destes objetos. A criança expressa pela linguagem os significados dos objetos e expressa também suas ações e estados internos, seus sentimentos. O texto *Quarta aula: a questão do meio na pedologia* (1935/2010) deixa claro que a criança pensa por complexos, diferentemente do adulto, que pensa por conceitos. Quando o pensamento da criança se desenvolve e ela começa a desenvolver o pensamento por conceitos, “(...) então, o desenvolvimento do pensamento por si próprio, o significado das palavras das crianças determina uma nova relação que pode existir entre o meio e os processos individuais de desenvolvimento” (Vigotski, 1935/2010, p. 691).

Isto significa que a criança generaliza seu pensamento de formas diferentes em cada nível de desenvolvimento e, conseqüentemente, compreende a realidade circundante e seu meio de forma diferente em cada uma destas fases. “Conseqüentemente, o próprio desenvolvimento do pensamento infantil, o próprio desenvolvimento da generalização infantil também se liga à influência do meio sobre a criança” (Vigotski, 1935/2010, p. 690). Ainda no mesmo texto o autor destaca:

De maneira mais reduzida e simples, eu poderia dizer que a influência do meio no desenvolvimento da criança será avaliada juntamente com demais influências, bem como com o nível de compreensão, de tomada de consciência, da apreensão daquilo que ocorre no meio. Se as crianças tomarão consciência disso de formas distintas, então uma mesma ocorrência terá para elas sentidos completamente diferentes. (...) Um mesmo acontecimento recaindo em crianças com idades diferentes, refletindo-se na sua consciência de modo absolutamente diferente, tem para a criança um significado diferente (Vigotski, 1935/2010, p. 688-689).

O que vemos é que, tanto em *Pensamento e linguagem* (1934/2001) como no texto *A crise dos sete anos* (1934/1996) e nos demais textos citados ao longo desta discussão, o autor deixa claro que não existe uma separação entre intelecto e afeto. A forma como eu vivencio uma situação está intimamente relacionada com a forma como eu compreendo esta situação, com o que eu penso sobre ela e com os *processos* de pensamento pelos quais eu penso.

Em nossa análise, a vivência não é outra unidade de análise da consciência, e sim, um aspecto importante que está atrelado ao significado da palavra⁷². A forma como uma criança

⁷² É fundamental destacar que outros pesquisadores da Psicologia Histórico-Cultural compreendem esta questão de outra forma. Toassa (2009), por exemplo, considera que a vivência é uma unidade de análise da consciência.

toma consciência e se relaciona afetivamente com certo acontecimento e o vivência está intimamente atrelada à forma como ela compreende esta situação. A vivência da criança depende fundamentalmente de sua situação social de desenvolvimento, de sua idade, do desenvolvimento da linguagem e das demais funções psicológicas superiores.

Destacamos que a **situação social de desenvolvimento** se refere à relação que se estabelece entre a criança e o meio que a rodeia. Esta situação é peculiar e específica em cada etapa do desenvolvimento e o ponto de partida de todas as mudanças que se desenvolverão no decorrer de cada idade, as quais culminarão em novas propriedades da personalidade. No texto *O problema da idade*, Vigotski (1932/1996) deixa claro que a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento, que permite à criança adquirir novas propriedades da personalidade, tornando individual o que é social. A situação social de desenvolvimento é o sistema de relações da criança com a realidade e com os demais.

A unidade de análise que dá condição para entender todos esses aspectos é o **significado da palavra**. O significado da palavra se desenvolve ao longo da vida. Muda a partir da situação social de desenvolvimento, do acesso aos instrumentos e signos. O significado da palavra está unido ao instrumento, pois nasce a partir do fabrico de instrumentos no processo de trabalho em termos filogenéticos e vincula-se à apropriação dos instrumentos culturais dispostos à criança em termos ontogenéticos. Assim, a relação entre instrumento e signo proporciona à criança condições para qualificar de uma forma ou outra suas vivências, nas quais ambos estão inseridos em atividades tipicamente humanas e direta ou indiretamente compartilhadas.

No texto de 1925 *A consciência como problema da psicologia do comportamento* Vigotski (1925/2004) destaca que é preciso construir uma hipótese de trabalho que explique a consciência e esclareça os problemas relacionados a ela, e também os processos psíquicos não-conscientes. O autor deixa claro que tal hipótese explicativa deve elucidar qual a gênese da consciência, seu processo de desenvolvimento, suas características e sua unidade. Com base nestas considerações e nas análises empreendidas pelo autor em *Pensamento e linguagem* (1934/2001), compreendemos que o **significado da palavra** é a **unidade de análise da consciência**, que nos permite estudar a problemática da consciência e também do **inconsciente**. A partir disso se abrem **novas perspectivas de análise**.

2.6 SÍNTESE FINAL: O CONCEITO DE INCONSCIENTE PARA VIGOTSKI - CAMINHOS POSSÍVEIS

A seguir elencaremos, em forma de síntese, nossas principais conclusões obtidas a partir do estudo dos textos de L. S. Vigotski, sobre o que este autor elaborou a respeito do conceito de consciência e, principalmente, sobre o conceito de inconsciente, discutidas ao longo da seção II do presente trabalho.

2.6.1 Sobre o conceito de consciência

- Vigotski (1925/2004) destacou a importância da construção de uma hipótese explicativa da consciência que elucidasse como a consciência se desenvolveu, quais são suas características e atributos e qual é sua unidade, além explicar sua relação com o inconsciente. Em nossa análise, é esta empreitada que o autor realiza ao longo de sua obra.
- No início de nossa discussão analisamos que Vigotski (1924/2004) considerava a consciência como um sistema de mecanismos transmissores de reflexos de um sistema para outro. O processo de tomada de consciência de algo seria análogo ao processo de transmissão de certos reflexos a outro grupo ou sistema de reflexos. O autor já esboça nesse período o entendimento de que a consciência não é uma soma de reflexos, mas sim, um processo integral único.
- Posteriormente, em suas análises Vigotski (1930/2004; 1930/2007) passou a entender que a linguagem e o uso dos signos reconstróem o psiquismo humano e que as funções psíquicas superiores são produto do desenvolvimento histórico da humanidade. As funções psíquicas superiores formam sistemas psicológicos funcionais integrados. Isso indica uma mudança no entendimento inicial da consciência como um sistema de reflexos para o entendimento de que ela é composta por um sistema de funções psicológicas.

- Conforme a sistematização de Vigotski (1931/2000), nenhuma função psíquica se desenvolve de forma independente, mas sim, em estreita conexão com o conjunto das funções psicológicas. Além disso, estas funções são o fundamento da estrutura social da personalidade. As funções psíquicas superiores são relações sociais internalizadas em ações, representações e palavras. Concluimos, assim, que “passamos a ser nós mesmos através dos outros” (Vigotski, 1931/2000, p. 149).
- No final de sua obra Vigotski (1931/1996; 1934/2001) define que a consciência se desenvolveu ao longo do processo histórico de desenvolvimento da humanidade. A consciência é um todo único, um sistema psicológico composto pelo conjunto das funções psíquicas superiores, que estão imbrincadas umas nas outras. A consciência se desenvolve a partir da modificação geral de sua estrutura e da mudança entre os vínculos de seus elementos, sendo que a relação entre a consciência e as funções psíquicas deve ser compreendida a partir da relação dialética entre uma parte e seu todo.
- A unidade de análise da consciência é o significado da palavra.

2.6.2 Sobre o conceito de inconsciente

- Psiquismo não é sinônimo de consciência. A personalidade humana é composta por muitas atividades, nem todas conscientes.
- Nos textos de 1924 e 1925 Vigotski define que o inconsciente seria baseado na não transmissão de alguns reflexos para outros sistemas. O que o autor chamou de sistema de reflexos nestes textos iniciais, ele delineou posteriormente como sistema de funções psíquicas. Assim, em nossa análise, inicialmente Vigotski compreende que os conteúdos inconscientes seriam aqueles que estão restritos a uma ou algumas funções psíquicas, mas não ao seu conjunto. Um conteúdo seria inconsciente quando estivesse só na esfera da percepção, sensação ou memória, o que faz com que não se tenha uma consciência integral do fenômeno. Posteriormente, o autor supera este entendimento.

- Não existe uma barreira intransponível que separe os conteúdos conscientes dos conteúdos inconscientes; o que existe é uma relação dinâmica entre estas esferas, sendo os conteúdos inconscientes potencialmente conscientes.
- Não podemos considerar que seja o inconsciente o que determina a consciência. É a consciência que caracteriza o psiquismo humano, sendo que o homem desenvolveu historicamente a capacidade de controlar conscientemente seu próprio comportamento.
- O inconsciente não é somente psíquico, no sentido idealista do termo, nem estritamente fisiológico. Ele é psicofisiológico, ou psicológico, como o são todas as funções elementares e superiores, a personalidade e a própria consciência. O inconsciente não é algo imaterial ou místico, ele é psicofisiológico e está atrelado às nossas funções cerebrais.
- Nem sempre temos consciência do motivo que impulsiona nossas ações. Os motivos inconscientes geram ações, já que tanto os processos conscientes quanto os inconscientes agem sobre o comportamento do sujeito precisamente porque são processos psicofisiológicos integrais.
- Não existe algo dado *a priori* que determine o comportamento humano, seja este algo consciente ou inconsciente. As funções psicológicas superiores, entre elas a volição, são construídas nas e pelas relações sociais. O que move o homem, o motivo de sua ação (seja ele consciente ou inconsciente) é construído na atividade social do sujeito, advém da cultura, tendo-se sempre em vista a forma como o universal, o particular e o singular estão embrincados.
- Para Vigotski, alguns comportamentos que tradicionalmente são denominados pela psicologia como comportamentos inconscientes são, na verdade, comportamentos impulsivos, não voluntários. Tais comportamentos são caracterizados pela falta de capacidade do sujeito para pensar antes de agir e tomar consciência deste movimento impulsivo. Isto ocorre porque, em certas situações complexas, a barreira funcional que separa o impulso da ação se desfaz e faz com que a ligação entre o sistema sensorio e o sistema motor também se refaça e que o sujeito tenha reações impulsivas e não consiga eleger conscientemente qual o comportamento mais adequado àquela situação.

- Algumas vezes não temos consciência do motivo de nossas ações porque o que nos levou a agir em um determinado momento foram acontecimentos e decisões tomadas muito antes desse momento em que a ação foi necessária, motivos estes que não estavam em nossa consciência imediata no momento em que agirmos. O motivo destas ações é inconsciente naquele momento, mas não no sentido de ser algo inacessível à consciência. Estes motivos podem se tornar conscientes se o sujeito refletir sobre sua ação.
- Vigotski opta por utilizar o termo *não consciente* a partir de um novo entendimento teórico dos processos psíquicos tradicionalmente denominados de *inconscientes*.
- Existe uma diferença metodológica entre utilizar o termo *inconsciente* e o termo *não consciente*. O termo *não consciente* se refere a uma tendência diferente da atividade da **própria consciência**, enquanto o termo *inconsciente* remete ao que tradicionalmente a psicanálise compreende sobre este conceito: uma instância psíquica que é **separada** da consciência (algo fora da consciência) e que age sobre ela.
- Os conteúdos não conscientes não são nem uma parte do inconsciente nem uma parte da consciência, tampouco um grau de consciência. Os conteúdos não conscientizados são, na verdade, uma tendência da atividade da própria consciência. O não consciente é uma característica dos conteúdos da consciência.
- A consciência é um todo único, um sistema psicológico composto pelo conjunto das funções psíquicas superiores, que estão imbricadas umas nas outras. Assim, não existem processos psíquicos absolutamente fora da consciência.
- É somente através do pensamento por conceitos e do desenvolvimento da autoconsciência que o sujeito desenvolve o controle voluntário do comportamento e o livre-arbítrio. O pensamento por conceitos possibilita a compreensão da realidade dos demais e de nós mesmos.
- A tomada de consciência vem pela porta dos conceitos científicos, mediante a formação do pensamento teórico, e ocorre quando o objeto do pensamento é a própria atividade da consciência.

- O pensamento não consciente é involuntário, não está sob o domínio pleno do sujeito e não é livre, já que a necessidade se converte em liberdade por meio do conceito.
- O homem sempre age por um determinado motivo; ser livre é conhecer o motivo que impulsiona nossas ações, seja ele consciente ou não consciente; e é o pensamento por conceitos que possibilita a compreensão da realidade e das necessidades de forma ampla. É necessário que tomemos consciência de nosso próprio pensamento, de nossos motivos, de nossas ações, de nossa história pessoal e social, para que possamos decidir livremente o curso que desejamos imprimir às nossas vidas e à sociedade como um todo.

3 CONTRIBUIÇÕES DE LEONTIEV E LURIA PARA O ESTUDO DOS PROCESSOS NÃO-CONSCIENTES DO PSIQUISMO HUMANO

Ao longo do estudo empreendido até aqui procuramos analisar os textos de Vigotski e sistematizar o que o autor elaborou a respeito do conceito de inconsciente. Concluímos que Vigotski apresenta contribuições fundamentais para compreendermos esta temática, mas ainda deixa questões em aberto ao discutir o que é o inconsciente e como ele se relaciona com a consciência.

O autor deixa claro, ao longo dos textos discutidos na segunda seção de nosso trabalho, que tanto a consciência como o inconsciente se desenvolveram historicamente, porém ainda é preciso esclarecer por que foi necessário, ao longo do desenvolvimento do psiquismo, não termos consciência de alguns fenômenos.

Para Vigotski, o inconsciente é parte integrante do psiquismo humano e tem o mesmo caráter psicofísico da consciência, existe uma dinâmica entre a esfera consciente e a esfera inconsciente, de forma que os conteúdos inconscientes são potencialmente conscientes e o que é consciente pode tornar-se inconsciente. Mas ainda é preciso esclarecer algumas questões, a saber: como se dá essa relação dinâmica; que tipo de conteúdo se torna inconsciente e por quê; como os conteúdos inconscientes podem se expressar no comportamento; como tornar conscientes conteúdos inconscientes; como se acessa o inconsciente; e qual a relação entre inconsciente e alienação.

Diante disso, na terceira seção de nosso trabalho objetivamos analisar textos dos outros dois elaboradores da Psicologia Histórico-Cultural - Alexei Nikolaevich Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977) -, discorrendo sobre algumas das considerações teóricas desses autores que contribuem para compreendermos os processos inconscientes do psiquismo humano, no sentido de buscar respostas às problemáticas deixadas em aberto nos escritos vigotskianos. Discutiremos também os processos de alienação da sociedade capitalista, procurando compreender a relação da alienação com a consciência humana e com processos não conscientes do psiquismo.

Não pretendemos, contudo, nesse momento, realizar uma revisão mais completa da obra desses autores, assim como fizemos com os textos de Vigotski, na seção II desta dissertação. Nosso objeto agora é analisar apenas alguns conceitos elaborados por Luria e

Leontiev que contribuem para ampliarmos nosso entendimento a respeito do inconsciente. Destacamos, assim, a importância da realização de um estudo mais amplo sobre o tema a partir destes autores, e também a partir dos continuadores da Psicologia Histórico-Cultural, para podermos aprofundar nosso entendimento a respeito dos processos não conscientes do psiquismo e preencher as lacunas deixadas por Vigotski sobre o tema.

3.1 LEONTIEV: A ESTRUTURA DA ATIVIDADE CONSCIENTE DO HOMEM

Leontiev foi, junto com Vigotski, um dos elaboradores da Psicologia Histórico-Cultural. O autor elaborou a teoria da atividade e buscou estudar, entre outras temáticas, o desenvolvimento histórico da consciência humana. Demonstrou que só podemos **compreender a estrutura da consciência** mediante a **análise da produção histórica da vida material do homem**.

Discorreremos a seguir sobre as considerações teóricas do autor expostas em dois livros: *Atividade, consciência e personalidade* (1975/1984) e *O desenvolvimento do psiquismo* (2004) - este último, uma compilação de diferentes textos. Tal escolha se deu porque nestes dois momentos o autor tece considerações fundamentais sobre a teoria da atividade, a respeito do desenvolvimento da consciência e sobre o que motiva a atividade humana.

Em *Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo* (1947/2004) Leontiev discute que as relações reais do homem com o mundo **criam as particularidades estruturais da consciência humana**:

Uma psicologia que ignorasse que as particularidades do psiquismo humano dependem do caráter geral da consciência, ele próprio determinado pelas condições da vida real do homem, acabaria inevitavelmente por negar a natureza histórica dos traços psicológicos. (...) Por este fato, inverte todos os elementos: para ela, o determinado é o determinante, a consequência é a causa. Acaba mesmo por encontrar os motivos da atividade humana nos sentimentos subjetivos, nos sentimentos e emoções do interesse ou do desejo. Prosseguindo sua análise nesta direção, acaba por encontrar a fonte

destes sentimentos nas emoções e desejos inatos do homem, isto é, nas particularidades dos seus instintos.

A via aberta pela análise histórica mostra que, pelo contrário, as propriedades do psiquismo humano são determinadas pelas relações reais do homem com o mundo, relações que dependem das condições históricas objetivas da sua vida. São estas relações que criam as particularidades estruturais da consciência humana, e que por ela são refletidas. Assim se caracteriza o psiquismo humano na sua verdadeira essência social (Leontiev, 1947/2004, p. 146-147).

A consciência humana depende essencialmente da atividade dos homens, das relações sociais existentes e do lugar que o indivíduo ocupa nestas relações. A consciência se transforma qualitativamente à medida que a qualidade das condições sociais da existência se modifica, ao longo do desenvolvimento histórico e social da humanidade; ou seja, as particularidades do psiquismo humano dependem das particularidades das relações sociais de produção, e é no bojo dessas relações que se constroem os motivos da atividade humana (Leontiev, 1947/2004).

Luria, no volume I do livro *Curso de Psicologia Geral* (1967/1991), também discute o desenvolvimento histórico da consciência humana, como apresentaremos melhor no item 3.2 deste trabalho. Em consonância com os estudos de Leontiev (1975/1984), Luria (1967/1991) propõe que a atividade consciente humana se formou no processo de trabalho social, com o emprego dos instrumentos de trabalho e por meio do surgimento da linguagem. A atividade de preparação dos instrumentos de trabalho provocou uma mudança radical no comportamento do homem. Essa atividade requer uma série de procedimentos, de operações e ações dirigidas pelo objeto consciente da atividade, que constituem a **estrutura da atividade consciente do homem**.

Em *Atividade, consciência e personalidade* (1975/1984), Leontiev analisa que o que constrói as particularidades da **atividade humana** são as particularidades estruturais da **consciência**. A atividade humana, o trabalho e a forma como esta atividade esta estruturada determinam a ocorrência de modificações nas propriedades da consciência humana, por isso o autor discorre sobre a estrutura da atividade.

Para o autor, atividades são os atos pelos quais o sujeito se firma na realidade objetiva e ao mesmo tempo a transforma em realidade subjetiva. O conceito de atividade está sempre relacionado ao conceito de **motivo** (gerador da atividade). **Toda atividade tem um motivo**,

que pode ser externo (material) ou ideal (existente na ideia do sujeito), entendendo-se que mesmo o que é ideal (subjetivo) decorre da materialidade, da relação com a realidade objetiva. Para Leontiev (1975/1984), quando uma atividade é **aparentemente** não motivada, na verdade ela possui um **motivo oculto**.

Leontiev (1975/1984) discute que o motivo é o que impulsiona a atividade a um **objetivo**. Os objetivos não surgem arbitrariamente, mas são dados dentro da circunstância objetiva na qual o sujeito vive e são gerados a partir da atividade do indivíduo.

Dando sequência à análise da estrutura da atividade, o autor denomina de **ações** os componentes da atividade. Toda ação é consciente e se forma no interior de uma atividade do indivíduo que determina suas particularidades psicológicas. Esta atividade se desenvolve dentro da esfera das relações sociais. As ações estão subordinadas ao objetivo a ser alcançado. As ações realizadoras de uma atividade são estimuladas por seu motivo (por que eu quero), mas são dirigidas por um objetivo (o que eu quero). Assim, uma mesma ação pode fazer parte de atividades distintas e, em sentido inverso, um mesmo motivo pode se concretizar em diferentes objetivos e gerar diferentes ações. Isso significa que a formação de ações subordinadas ao objetivo final produz um desmembramento das funções que antes estavam consolidadas com o motivo (Leontiev, 1975/1984).

Em outras palavras, a atividade é sempre mais complexa, sendo composta de uma cadeia de ações. O sujeito, ao estabelecer um objetivo a ser alcançado, projeta-se para o futuro e articula mentalmente as ações necessárias para que ele atinja esse objetivo. Tal encadeamento de ações, que se dirige ao objetivo final e que é impulsionado pelo motivo que gera a atividade, pode perder seus nexos com o sujeito. A atividade humana pode decompor-se em diversas e diferentes ações, cujo sentido não está posto nelas mesmas, mas na relação com o objetivo geral e o motivo da atividade. Isso possibilita que o sentido e o significado das ações possam se dissociar, como discutiremos melhor ao longo do texto.

As formas pelas quais a ação se realiza são denominadas de **operações**. O autor discute que uma operação, depois de exercida várias vezes, pode se tornar automática, saindo da esfera dos processos conscientizados; mas em caso de necessidade estas operações podem, a todo o momento, ser de novo conscientizadas (Leontiev, 1947/2004). Explica Leontiev:

A ação e seu fim, quando entram na composição de outra ação, não se “apresentam” diretamente na consciência. Isto não significa que deixem de ser conscientes. Ocupam

apenas outro lugar na consciência; são igualmente, por assim dizer, controlados, conscientemente, o que significa que, em certas condições *podem* ser conscientes. (...) (Leontiev, 1947/2004, p. 111, grifos do autor).

Por exemplo, quando leio um texto, tenho em minha consciência o significado deste texto, as ideias presentes nele, e não presto atenção na escrita, na gramática. Caso a escrita contenha algum erro, por exemplo, minha consciência se volta para a gramática do texto, e a operação que eu realizava antes (ler as letras) se torna agora uma ação, e se torna consciente.

Vemos que aqui Leontiev (1974/2004; 1975/1984) faz uma diferenciação entre **motivos não conscientes** e **operações não conscientes**. Uma operação pode tornar-se automática, não consciente; mas essa mesma operação pode ser conscientizada, caso o sujeito necessite. Por sua vez, o motivo não consciente é algo que gera a atividade, mas uma atividade da qual o sujeito não consegue tomar consciência de imediato. O sujeito só toma consciência dos motivos de sua atividade se realizar uma análise desta atividade, conforme discutiremos ao longo do texto. Isto demonstra que os processos não conscientes do psiquismo humano não são homogêneos, ou seja, não dizem respeito sempre ao mesmo tipo de fenômeno. Temos um amplo número de fenômenos não conscientes, como os motivos não conscientes e as operações automatizadas, caracterizados de diferentes formas e procedentes de diferentes origens.

A **estrutura da atividade** é assim resumida por Leontiev (1975/1984, p. 89):

E assim, do fluxo geral da atividade que forma a vida humana em suas manifestações superiores mediadas pelo reflexo psíquico, se desprendem principalmente, diferentes – especiais – atividades segundo o motivo que as impulsiona; depois se desprendem as ações – processos – subordinadas à objetivos conscientes; e, finalmente, as operações que dependem diretamente das condições para alcançar o objetivo concreto dado.

Na citação acima fica evidente que, para o autor, o **objetivo** da atividade é **sempre consciente**. Em contrapartida, Leontiev (1975/1984) explica que o sujeito **nem sempre tem consciência dos motivos de sua atividade**. Quando realizamos determinadas ações, no momento de sua execução regularmente não nos damos conta dos motivos que as originaram; mas mesmo nestes casos os motivos não estão separados da consciência. Para o autor, os motivos não conscientes também se encontram no reflexo psíquico do homem, sob uma forma especial: em forma de **matiz emocional** das ações realizadas. Explica Leontiev:

O fato da existência de motivos não conscientizados, escondidos no mais recôndito do psiquismo, não expressa em si um princípio especial. Os motivos não conscientizados apresentam a mesma determinação que todo reflexo psíquico: **o ser real, a atividade do homem no mundo objetivo**. O conscientizado e o não conscientizado não se contrapõem mutuamente, senão que constituem somente **distintas formas e níveis do reflexo psíquico**, que se encontram em correspondência estrita com o lugar que ocupa o refletido na estrutura da atividade, no movimento de seu sistema. Se os objetivos e as ações que a eles respondem, necessariamente se conscientizam, não ocorre o mesmo com a conscientização de seu motivo: aquele, para cujo logro se apresenta e se alcança os objetivos dados. (...) (Leontiev, 1975/1984, p. 167, grifos nossos).

Os motivos não conscientes se manifestam subjetivamente de forma indireta: em forma de vivências, desejos, aspirações para atingir um objetivo. Isso cria a impressão de que tais desejos surgem de maneira endógena e de que são forças que regulam o comportamento, mas eles se desenvolvem a partir do motivo da atividade, dentro da própria atividade. Em nossa análise, essa discussão de Leontiev (1975/1984) está em consonância com o que Vigotski (1932/2001) entende por desenvolvimento da vontade, como já explanamos anteriormente. Para Vigotski, a vontade, vivenciada como experiências de desejo e interesse, é desenvolvida socialmente, a partir das relações sociais do sujeito.

Leontiev (1975/1984) compreende que o homem possui uma **hierarquia de motivos**. Esta hierarquia não se estrutura de forma inata, biológica ou universal, como propôs Maslow⁷³ em sua pirâmide de necessidades. Estas relações hierárquicas se estabelecem a partir dos enlaces que se formam na atividade do sujeito. São, assim, relativas para cada sujeito, em cada grupo social, sujeitas ao influxo das ideologias.

Conforme a atividade do sujeito se torna mais complexa, quanto mais se ampliam as relações dele com o mundo, mais essas relações se entrelaçam. Tais relações vão gerando novos motivos, que não podem ser apenas somados uns aos outros, visto que muitos deles são contraditórios ou não coincidentes. Isso exige o surgimento de uma orientação dentro do sistema de relações. Por isso a consciência faz um movimento vertical, de correlacionar os motivos entre si. Neste processo alguns motivos tornam-se hegemônicos e outros se subordinam a eles. A gênese desse movimento expressa a origem do sistema de vínculos entre os sentidos pessoais, que é a própria gênese da personalidade (Leontiev, 1975/1984).

⁷³ Abraham Maslow (1908 -1970). Psicólogo americano, conhecido pela proposta da hierarquia de necessidades.

Um elevado grau de hierarquização se manifesta quando o homem possui um motivo fundamental, que o autor denomina de **motivo vital**. Este motivo vital pode ter diversas significações, mas é ele quem cria a justificativa psicológica para a existência do sujeito, que ele acredita constituir o sentido e a felicidade da vida (Leontiev, 1975/1984).

Leontiev (1975/1984) destaca que o homem nem sempre é consciente de seus motivos vitais. A conscientização dos motivos em forma de conceitos, de ideias, não se produz espontaneamente, mas através de um movimento da consciência, de reflexão do indivíduo sobre seu mundo interno, que ocorre através do sistema de significações e conceitos apreendidos por ele. Além disso, dentro da sociedade existem os processos de alienação que impedem que o sujeito conscientize os motivos de sua atividade, conforme discutiremos no item 3.1.1.

Os motivos **se tornam conscientes** apenas mediante a **análise da atividade** e de sua dinâmica. Para Leontiev (1975/1984) a conscientização dos motivos é um fenômeno secundário. As crianças, por exemplo, não são conscientes de seus motivos. Querem ir para a escola, mas não sabem por quê. Para conscientizar os motivos da atividade o sujeito necessita de um “desvio”, que é orientado pelas vivências e pelos sinais emocionais dos acontecimentos. É necessário um trabalho interno singular para completar esta tarefa.

A **conscientização** é a **compreensão** da criança sobre os fenômenos da realidade. Em cada estágio do desenvolvimento esta compreensão está ligada diretamente à esfera da atividade da criança, ou seja, depende da atividade dominante que caracteriza este estágio, e como tal atividade se organiza dentro da própria vida da criança a partir do lugar que ela ocupa no sistema das relações sociais. A criança compreende sua realidade a partir de sua atividade dominante, e por isso esta atividade caracteriza o estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra (Leontiev, 1947/2004).

A **atividade dominante** não é aquela à qual a criança dedica a maior parte do seu tempo, mas sim, aquela sob a qual aparecem e se diferenciam novos tipos de atividade; é a atividade a partir da qual se reorganizam os processos psíquicos particulares da criança, provocando mudanças psicológicas e na personalidade. São as condições históricas presentes no contexto do indivíduo que possibilitam que um determinado conteúdo esteja presente em uma determinada atividade. São estas mesmas condições históricas que determinam qual atividade virá a se tornar dominante em um determinado estágio do desenvolvimento da criança (Leontiev, 1947/2004).

Quando uma criança passa de um estágio de desenvolvimento para outro, modificando sua atividade dominante, ela não muda apenas seu lugar no sistema de relações sociais, mas também sua consciência sobre estas relações, sua compreensão sobre elas. Conforme tais mudanças ocorrem, a criança vai tomando consciência do novo lugar que ocupa nas relações e de que como se dão estas relações. A motivação de sua atividade se modifica com esta tomada de consciência. Com o surgimento de novos motivos a criança reflete e reinterpreta suas antigas ações; ela passa a ver o mundo de forma diferente e passa também a avaliar sua vida de forma diferente (Leontiev, 1947/2004).

Esta conscientização à qual se refere o autor consiste também do sentido pessoal que um dado aspecto da realidade tem para a criança, e não apenas no conhecimento que esta tem sobre a realidade. É por isso que, muitas vezes, por algum motivo, um indivíduo dá um sentido totalmente novo para um fenômeno, apesar de seu conhecimento sobre este determinado fenômeno permanecer o mesmo (Leontiev, 1947/2004).

O autor esclarece que a **significação** é a generalização da realidade, da experiência e da prática social, cristalizada na linguagem, em forma de conceitos, sendo a forma sob a qual o homem assimila a experiência humana generalizada. As significações refletem os objetos, independentemente das relações pessoais do sujeito com eles, de suas necessidades ou motivos, relacionando a consciência do homem com o mundo objetivo (Leontiev, 1947/2004; 1975/1984); já o **sentido pessoal** relaciona a consciência com a própria vida do sujeito, com suas motivações e a forma como ele vivencia a realidade exterior. Assim, o sentido pessoal origina a particularidade da consciência humana. O sentido pessoal se refere à forma como o sujeito particularmente se apropriou de uma dada significação, do grau em que a assimilou e do que ela se tornou para aquele sujeito, para sua personalidade. O sentido é criado pela relação entre o que motiva o sujeito a agir e o objetivo de sua ação (Leontiev, 1947/2004; 1975/1984).

Leontiev (1947/2004) exemplifica dizendo que podemos conhecer um acontecimento histórico (II Guerra Mundial, por exemplo), compreender o que ele significa e sua importância histórica, mas tal acontecimento terá sentidos diferentes para um adolescente que o estuda na escola e para outro adolescente que está indo para o campo de batalha. Neste segundo caso, o conhecimento deste soldado sobre tal evento não mudou, não se alargou. Mas tal lembrança lhe vem à mente e sua consciência se ilumina, descobre-o em sua plena

significação. O que muda é a sentido pessoal que tal acontecimento adquire, agora, para aquele sujeito.

Com base nas considerações teóricas de Leontiev, Martins (2007) afirma que nem sempre os indivíduos têm consciência do motivo de sua atividade, ou seja, a existência de motivos e a consciência deles são fenômenos diferentes. Destaca que “os motivos não conscientes, porém, possuem a mesma determinação que qualquer outro, só podendo ser reconhecidos pela pessoa com o auxílio de sua relação com o mundo exterior” (Martins, 2007, p. 112). O inconsciente se radica nas relações sociais, na produção de vida material dos homens.

Para ela, deve-se tratar a questão da consciência/inconsciência das vivências partindo-se do entendimento de que a consciência é um *continuum* estruturado por relações objetivas de produção da vida material. “Como o número dessas relações é em princípio infinito, impossível se torna que tenhamos total consciência delas, ou seja, nenhuma vivência se torna absolutamente consciente em todas as suas relações objetivas” (Martins, 2007, p. 114); no entanto, é importante considerar que toda vivência mantém necessariamente alguma relação objetiva, portanto não pode ser absolutamente inconsciente. Sendo assim, a consciência de um fenômeno é a unidade que engloba aquilo que se tem consciência e os aspectos que estão inconscientes.

Em nossa análise, Leontiev (1947/2004; 1975/1984) deixa claro que toda atividade tem um motivo, mesmo que o sujeito não tenha consciência dele. Os motivos não conscientes não estão fora da consciência. Estes motivos se encontram no reflexo psíquico da realidade, mesmo que na forma especial de matiz emocional. Tanto os processos conscientes do psiquismo como os não conscientes são formas distintas e níveis do reflexo psíquico, que estão em consonância com o lugar que os conteúdos refletidos pela consciência ocupam na estrutura da atividade. Os motivos não conscientes são determinados pelas relações sociais, construídos na atividade do sujeito e em sua vida, e pelas formações ideológicas, socialmente constituídas e internalizadas.

Conscientizar-se de algo significa compreender algo. Esta conscientização depende da esfera de atividade do sujeito em sua própria vida, do lugar que ele ocupa no sistema de relações sociais. Quando o sujeito altera sua atividade, altera sua posição no sistema de relações, sua consciência sobre estas relações também se modifica.

A conscientização dos motivos em forma de ideias ou conceitos só se dá a partir da relação do sujeito com o mundo exterior, de um processo de reflexão do indivíduo sobre seu mundo interno, que ocorre a partir do sistema de significações e conceitos apreendidos por ele. As emoções auxiliam neste processo, porque se constituem como sinais internos, refletem as relações entre a atividade e o motivo e possibilitam que o sujeito conheça o motivo e o sentido pessoal de sua atividade.

Em nossa análise, tal entendimento de Leontiev (1947/2004; 1975/1984) está em consonância com o que Vigotski (1934/2001) expõe em *Pensamento e Linguagem*. Para Vigotski, o processo de conscientização passa pela apropriação, por parte da criança, das significações sociais, significações estas que são apropriadas em forma de conceitos. O desenvolvimento do pensamento por conceitos possibilita ao sujeito compreender a realidade e a si mesmo. Conforme o sujeito se apropria das significações, desenvolvendo os conceitos espontâneos e posteriormente os conceitos científicos, ele altera sua consciência sobre o mundo circundante e sobre as relações sociais nas quais está inserido. Sua atividade social provoca mudanças em sua consciência, que, por sua vez, provoca mudanças em sua atividade social.

Por outro lado, é importante compreender que, ao se apropriar das significações sociais, o sujeito também se apropria das ideias e ideologias contidas em tais significações. Sendo assim, o processo de conscientização também está diretamente relacionado ao processo de alienação social, conforme discutiremos a seguir.

3.1.1 A alienação e os processos não conscientes do psiquismo humano

Leontiev (1947/2004; 1961/2004) busca compreender como a consciência humana se desenvolveu ao longo da história, e demonstra as mudanças ocorridas na estrutura interna da consciência a partir da constituição da divisão social do trabalho e da sociedade de classes. Em *O homem e a cultura* (1961/2004), Leontiev expõe que o homem precisa se apropriar das aquisições construídas pela humanidade para desenvolver faculdades verdadeiramente humanas. Para que o homem se humanize, é preciso que ele se aproprie dos objetos e conhecimentos construídos pelas gerações anteriores; contudo, **na sociedade capitalista**, tais aquisições estão **apartadas dos homens**.

Em *Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo* (1947/2004) o autor afirma que, com a divisão social do trabalho e a criação da propriedade privada, destrói-se a ligação do homem com seu produto, com os instrumentos de trabalho e com o próprio homem. Com isto os trabalhadores separaram-se dos meios de produção e as relações entre os homens transformaram-se em relações entre coisas, **relações alienadas em relação ao próprio homem**.

Como consequência da alienação da vida do homem ocorre a **separação do resultado objetivo do trabalho** e o seu **motivo**, o seu conteúdo subjetivo. Em sua atividade, o homem produz ferramentas e objetos, mas na organização capitalista, o que o homem produz para si mesmo não é o objeto que ele está fabricando, e sim um salário, uma quantidade de dinheiro para sua subsistência. O sentido do trabalho para o operário não coincide com a sua significação objetiva (Leontiev, 1947/2004).

Leontiev (1947/2004) afirma que na sociedade em que imperam os meios privados de produção tudo possui um aspecto duplo. Apesar de o trabalhador possuir o conhecimento de como fabricar um objeto, o sentido que este ato de produção tem para este indivíduo não é o ato de fabricação deste objeto em si, mas sim, o sentido pessoal que tem para este trabalhador em suas ações de trabalho. Como o sentido pessoal depende do motivo (o que incita o sujeito a trabalhar), na sociedade capitalista o sentido pessoal desta atividade não é fabricar um objeto que possa ser útil às pessoas, mas sim, ganhar um salário. Assim, o conteúdo do trabalho se torna estranho ao trabalhador (Leontiev, 1947/2004).

A penetração na consciência destas relações traduz-se psicologicamente pela “desintegração” da sua estrutura geral, que caracteriza o aparecimento de uma relação de alienação entre os sentidos e as significações, nas quais o mundo e a sua própria vida se refratam no homem (Leontiev, 1947/2004, p. 133).

Sobre o processo de alienação, Newton Duarte (1999) analisa que o homem constrói sua individualidade na relação entre sua vida particular e a história social humana, ao se apropriar dos produtos materiais e intelectuais que constituem o mundo no qual vive. A construção do indivíduo singular depende de que este se aproprie dos resultados da história e faça dessas objetivações *órgãos de sua individualidade*, conforme a metáfora utilizada por Marx (1944/1987) nos *Manuscritos de 1844*. A formação da individualidade humana é a formação do homem singular enquanto ser genérico, ou seja, enquanto pertencente ao gênero humano.

A relação entre objetivação e apropriação é humanizadora. Contudo, à medida que se realiza sob relações sociais de dominação, esta relação também é alienante. Sob relações sociais alienadas, liberdade e universalidade não se efetivam na vida de todos os indivíduos particulares à altura do grau alcançado pelo gênero humano (Duarte, 1999).

Para o autor, a alienação é um processo objetivo no qual as relações sociais limitam as possibilidades dos indivíduos, ou impedem que alguns atinjam as potencialidades máximas da vida humana, já alcançadas historicamente. Duarte (1999) considera que existe alienação quando não se efetivam, na vida individual do sujeito, as condições historicamente produzidas de objetivação **consciente, social, livre e universal**.

Neste processo de alienação os homens assumem as formas de produção da vida construídas historicamente não como passíveis de transformação, mas como se fossem naturais, dadas *a priori* e imutáveis. Adaptam-se à forma como a atividade social está organizada não porque assim decidiram coletivamente e **conscientemente**, mas porque ela assim está posta, existe. Os indivíduos vivem, trabalham e objetivam o gênero humano em sua atividade, apropriam-se daquelas objetivações que estiverem disponíveis de acordo com a classe à qual pertencem. Em um processo de autorreprodução do sistema, das forças sociais que foram objetivadas e que assumiram, ao longo da história, a forma alienada de forças naturais (Duarte, 1999).

Este processo também ocorre com as relações sociais. A forma pela qual os homens se relacionam foi construída historicamente e objetivada no mundo; contudo, em uma sociedade alienada os homens não reconhecem estas relações como produto da história social humana (Duarte, 1999).

Agnes Heller (1977/1991) compreende que a objetividade do gênero humano se realiza na forma de estruturação das objetivações genéricas em dois níveis principais. Estes dois níveis seriam as objetivações genéricas *em-si* e as objetivações genéricas *para-si*. Para Heller (1977/1991), o ***ser-em-si*** caracteriza a genericidade que se dá sem que o indivíduo tenha uma relação consciente com ela. O ***ser-para-si*** se define pela ascensão dessa genericidade ao nível da **relação consciente**⁷⁴.

Para viver em sociedade o homem precisa se apropriar de um mínimo, determinado historicamente, de objetivações *em-si* (utensílios, costumes, linguagem). A apropriação destas

⁷⁴ É importante compreender que essas características expressam tendências, e não estados puros, isto é, algo que é *em-si* em um determinado momento pode vir a tornar-se *para-si*.

objetivações *em-si* se dá na cotidianidade do sujeito, sem que ele tenha necessariamente consciência disso (o que não significa que não possa vir a ter consciência deste processo em outro momento). É por meio da apropriação dessas objetivações que se inicia o processo de formação de todo ser humano. Na vida cotidiana, simultaneamente o indivíduo se apropria e se objetiva nestas objetivações *em-si* (Heller, 1977/1991).

Por sua vez, as objetivações genéricas *para-si* (ciências, moral, filosofia, arte, etc.) representam as relações dos homens com a própria genericidade humana. São objetivações do pensamento humano e da atividade social dos homens *sobre* a genericidade e *com* a genericidade. Tais objetivações representam o grau de liberdade alcançado pela prática social humana. A apropriação das objetivações genéricas *para-si* exige **conscientização** destas relações, demandando a superação do caráter espontâneo. Assim, a categoria de indivíduo *para-si* é tomada pela autora como síntese das **possibilidades máximas de desenvolvimento livre e universal do indivíduo** (Heller, 1977/1991).

Em nossa análise, este entendimento está de acordo com o que Vigotski propõe em *Pensamento e linguagem*. Para Vigotski (1934/2001), a apropriação dos conceitos científicos (entendidos por Heller (1977/1991) como objetivações *para-si*) permite que o homem desenvolva sua consciência e a autoconsciência, o que possibilita seu desenvolvimento máximo em relação com a genericidade e a universalidade.

Para Duarte (1999), o indivíduo se forma como um ser pertencente ao gênero humano no processo de apropriação e objetivação. O que ocorre é que, sob as relações sociais alienadas, a maioria dos indivíduos não ultrapassa a esfera das objetivações genéricas *em-si*, não se tornando indivíduos *para-si*, isto é, não constroem sua individualidade por meio de uma relação consciente, de liberdade e universalidade com o gênero humano.

Duarte (1999) entende que, na sociedade capitalista, mesmo o indivíduo *para-si* não eliminou a alienação de sua vida, pois a superação total da alienação só seria possível se fossem superadas as relações sociais de produção alienadas; contudo, o indivíduo *para-si* pode manter uma relação **cada vez mais consciente** com as formas pelas quais reproduz sua vida, tanto objetiva quanto subjetivamente, e estará constantemente tentando superar as formas de reprodução da alienação das quais já tenha tomado consciência. Os processos de objetivação e apropriação no indivíduo *para-si* estão em constante questionamento e desfeticização. Em outras palavras, o indivíduo está sempre se posicionando diante das objetivações de que se apropria e das objetivações que pode vir a fazer.

Duarte (1999) faz uma defesa de outra forma de organização social que possibilite ao homem compreender que as formas de produção da vida e as relações sociais decorrentes dela são produções históricas, pois entende que para a realização plena da liberdade do gênero humano, para o desenvolvimento da individualidade humana enquanto individualidade livre e universal, é indispensável que o homem submeta as relações sociais objetivadas ao seu controle coletivo consciente.

Em seu livro *A alienação como fenômeno social* (1977/1979), Adam Schaff, filósofo marxista, realiza uma reconstrução do conceito de alienação na obra de Marx, procurando também fazer uma análise das investigações sociológicas e psicológicas sobre o assunto. Em nossa análise, tais estudos sobre a alienação contribuem para compreendermos a dimensão não consciente do psiquismo humano e o grau em que esta esfera passa a atuar sobre o psiquismo na sociedade de classes.

Segundo Schaff (1977/1979), Marx distingue dois conceitos: a **alienação** e a **alienação de si mesmo**. A **alienação** se refere ao processo de estranhamento do homem em relação aos resultados de sua atividade produtiva (sejam eles materiais, espirituais ou sociais). A alienação é uma separação do homem e da realidade criada por ele mesmo. Neste sentido, a alienação é uma relação objetiva.

Já o termo **alienação de si mesmo** se refere à alienação da relação do homem com os demais homens, com a sociedade e suas instituições e com ele mesmo. Trata-se de uma relação subjetiva: “(...) o homem se aliena do mundo socialmente criado por ele, ou de seu próprio eu, e a alienação reside nos sentimentos, vivências e atitudes do homem, portanto, em suas reações subjetivas, se bem que socialmente condicionadas (...)” (Schaff, 1977/1979, p. 93).

Para o autor, a alienação de si mesmo pode se expressar por uma perda da identidade do sujeito com relação a si mesmo. Na neurose, por exemplo, o sujeito se aliena de seus próprios sentimentos, desejos e convicções. Em sua configuração extrema, esta alienação se apresenta sob a forma de psicopatologias como, por exemplo, a esquizofrenia; mas não é apenas nas psicopatologias que esta forma de alienação se expressa, até porque, segundo Schaff (1977/1979), não existe uma linha definida que separe o normal do patológico. Esta forma de alienação se expressa também na vida cotidiana do sujeito.

Outra expressão da alienação de si mesmo se dá quando o sujeito estranha seu próprio eu, quando em comparação com um modelo social, que dita como a pessoa deve ser. Ao se comparar com este modelo e observar que não se assemelha a ele ou que não consegue atingi-lo, o sujeito se autodeprecia. O sujeito sente-se “fora de lugar”, experiencia um sentimento de não pertencimento. Segundo Schaff (1977/1979), é fundamental compreendermos que tais padrões ou modelos, tanto os individuais como os sociais, possuem caráter histórico, foram construídos historicamente. Não existe uma imagem da personalidade apartada da história. Nesta forma de alienação, aqueles indivíduos que fogem à norma social experimentam sentimentos negativos e frustrações, porque percebem que não correspondem ao que a sociedade espera que eles sejam ou façam.

Uma terceira forma de alienação de si mesmo ocorre quando o sujeito percebe seus atributos e capacidades como estranhos a ele mesmo, no sentido de que tais capacidades se tornam uma mercadoria. O autor cita como exemplo artistas, como os pintores, que para sobreviver precisam vender sua arte na sociedade capitalista. Assim, acabam produzindo sua arte de acordo com a demanda da sociedade, com o que está na moda, com o que vende, e não com o que gostariam de pintar. Sua arte se torna uma mercadoria, e não uma expressão de suas intenções e reflexões. Na maioria das vezes o sujeito faz isso de forma inconsciente, ou seja, não se dá conta deste processo (Schaff, 1977/1979).

Schaff (1977/1979) destaca ainda que, em um tipo extremo de alienação do próprio eu, o sujeito busca se parecer com alguém que considere um modelo, com um ídolo (atores, cantores, pessoas famosas), buscando copiar suas vestimentas e seu jeito de falar e agir. O sujeito nega a si mesmo e busca imitar um modelo idealizado socialmente.

O desenvolvimento da vida humana é o desenvolvimento da atividade que a pessoa realiza e o modo como ela se humaniza ou não por meio dessa atividade. Quando a atividade humana se converte em mercadoria e é regida pelas leis do mercado, o homem se aliena de sua própria atividade. Em muitos casos o sujeito experimenta uma sensação de vazio interior, de falta de sentido. Para Schaff (1977/1979), neste processo de alienação o homem experimenta sua atividade vital como sendo sem sentido, como algo alheio em comparação com o que acredita que deveria fazer de sua vida. O autor destaca que, por sentido da vida, ele quer dizer a meta da vida de uma pessoa:

(...) A vida tem para nós um sentido se reconhecemos claramente a meta de nossa atividade vital e internalizarmos – de maneira nítida – esta meta. A vida não tem, em

contrapartida, nenhum sentido para nós, se não temos nenhuma meta reconhecível e internalizada para nossa atividade vital (...) (Schaff, 1977/1979, p. 252).

Na alienação o indivíduo perde a compreensão de que é sujeito de sua própria vida, de que é uma força ativa que determina sua própria história e a vida social. Os homens não se dão conta de que são eles que constroem a história e de que esta pode ser modificada pelos próprios homens, coletivamente (Schaff, 1977/1979).

Entre os escritos de Marx há um texto que se intitula *Sobre o suicídio* (1846/1996), publicado originalmente em 1846. Este documento é composto em grande parte por excertos das memórias de Jacques Peuchet, um arquivista policial. Em suas memórias, Peuchet relata e analisa alguns dos inúmeros casos de suicídio que chamavam a atenção no período de seu trabalho na polícia, os quais o levaram a realizar uma análise do comportamento das pessoas que viviam naquela época. Marx faz uso destas notas e acrescenta a elas suas próprias críticas e considerações.

Para Michael Löwy (2006), nessa oportunidade Marx demonstra que muitos dos casos de suicídio são causados pelos males da sociedade capitalista, não somente no que diz respeito aos problemas econômicos (baixos salários, desemprego, miséria), mas também à vida privada dos homens, independentemente de sua classe social. Em *Sobre o suicídio* Marx realiza uma crítica à sociedade burguesa e às condições de vida da época, no que tange às relações familiares e às relações privadas de propriedade.

Löwy (2006) destaca que, para Marx, a crítica à sociedade burguesa não deve se restringir à questão da exploração econômica, embora esta questão seja fundamental, mas deve incluir também os profundos aspectos opressivos dessa forma de organização social, demonstrando como a sociedade capitalista, em sua natureza desumana, fere todos os indivíduos de todas as classes sociais. Löwy compreende que, na sociedade capitalista, tal como está organizada atualmente,

(...) Cada indivíduo está isolado dos demais, é um entre milhões, numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio (Löwy, 2006. p. 16).

O tradutor do texto para o português, Rubens Enderle, analisa que, no texto citado, Marx (1846/1996) evidencia que as causas do suicídio não devem ser procuradas apenas nos fatores psicológicos individuais, mas na própria vida do ser social. O suicídio é a expressão extrema da alienação do homem sob o capital, uma espécie de renúncia do indivíduo a viver de forma inautêntica, em uma existência apartada do gênero humano.

Com base nos princípios vigotskianos, das considerações de Leontiev e da discussão sobre a alienação, expostos até aqui, compreendemos que a internalização das contradições da sociedade de classes, sem a condição de análise de que tais contradições emergem da materialidade (das relações objetivas), pode ser experimentada como sofrimento psíquico. O sujeito não consegue compreender a origem deste sofrimento, e mesmo que o compreenda em algum grau, não consegue eleger com clareza os objetivos e ações que possibilitem a transformação desta realidade. Isso produz sofrimento, vivenciado pelo sujeito como um profundo desamparo.

A consciência é estruturada pelas relações objetivas de produção da vida material, mas os processos de alienação impossibilitam que o homem tenha consciência dessas relações. A alienação impede que o sujeito tenha consciência de que as formas de produção da vida material e as relações sociais decorrentes dela são produções construídas historicamente e passíveis de transformação. Em relações sociais alienadas, o sujeito acaba por não ultrapassar a esfera das objetivações *em-si*, não conscientes e espontâneas, e não se apropriar das objetivações genéricas *para-si*, de forma consciente e livre.

Em nossa análise, existem conteúdos que não estão acessíveis à consciência humana por características histórico-sociais e por conta dos processos de alienação. O indivíduo se constitui na relação indivíduo-sociedade, dinâmica na qual está diretamente implicado o que eu conscientizo e que eu não conscientizo, a condição de entender o que me move ou não (meus motivos), de que a sociedade e minhas relações permitem que eu me conscientize ou não. A tomada de consciência sempre esbarra em obstáculos de caráter ideológico e de alienação que, a todo o momento, nos impedem de desvelarmos a realidade.

Consciente e não consciente referem-se a características da própria atividade humana. O indivíduo é constituído, ao mesmo tempo, por aquilo que sabe e pelas escolhas que faz com base nesses conhecimentos; pela produção da vida material, mas também por aquilo de que não tem consciência, e pelas escolhas que faz de forma alienada e não voluntária, pela reprodução alienada das ações e práticas sociais.

Martins (2007) discute que a alienação tem como consequência o escamoteamento da verdadeira essência humana, que é a realização do indivíduo em sua genericidade, o que acaba por dissolver a coerência psicológica necessária entre o indivíduo, sua personalidade e sua vida, em relação ao mundo e aos outros homens. Como consequência da alienação da vida do homem ocorre a **separação** do resultado **objetivo do trabalho** e o seu **motivo**, o seu conteúdo subjetivo. A inexistência da unidade entre atividades e motivos na personalidade cria as condições internas para que o homem viva fragmentariamente.

Entretanto, a **tomada de consciência** destes **motivos** em forma de **conceitos**, de ideias, não se opera por si mesma, mas no controle exercido pela consciência sobre as atividades que colocam o indivíduo em relação com suas condições objetivas de existência. Pressupõe, portanto, que o homem possa refletir-se a partir dos conceitos e significados de que se vai apropriando, objetivando-os para além dos limites de sua existência individual, isto é, sua objetivação como ser genérico. (...) (Martins, 2007, p. 122, grifos nossos).

Os homens precisam ter consciência de suas determinações, e da forma como a sociedade está constituída, para poderem imprimir na história o curso que desejam. É imprescindível que o homem submeta as relações sociais objetivadas ao seu controle coletivo consciente, para que os indivíduos possam se desenvolver enquanto individualidade livre e universal.

A liberdade, assim entendida, não comporta uma ausência absoluta de determinações, outrossim, representa a possibilidade humana para o conhecimento, domínio e transformação da natureza, pelos quais pode o homem se mover mais livremente na direção da realização de suas finalidades, firmando-se como ser consciente, menos aprisionado por determinações naturais, enfim, firmando-se genericamente (Martins, 2007, p. 53-54).

A superação da alienação demanda uma relação consciente do homem com a genericidade que lhe possibilitará ter uma relação consciente com as formas como tanto subjetiva quanto objetivamente ele reproduz a vida. O pleno desenvolvimento do homem implica uma transformação radical das relações sociais que, na sociedade capitalista, são marcadas pela alienação (Martins, 2007).

3.2 LURIA: A ESTRUTURA SISTÊMICA E SEMÂNTICA DA CONSCIÊNCIA

Discorreremos a seguir sobre as considerações teóricas de Luria apresentadas nos seguintes textos: *A natureza dos conflitos humanos* (1920/1932); *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais* (1974/1990); *Diferenças culturais de pensamento* (1974/2010); *O cérebro humano e atividade consciente* (1970/2010); *Curso de psicologia geral* (1967/1991) e; *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* (1979/2001). Selecionamos os textos citados porque eles nos dão um panorama geral da obra do autor e das diversas temáticas trabalhadas por ele.

3.2.1 O controle voluntário do comportamento

Como exposto no item 2.1.2 de nosso trabalho, na década de 1920 Luria (1920/1932) dedicou-se ao estudo dos conflitos humanos. Nessa época, em suas pesquisas, o autor procurou investigar os afetos humanos e compreender os mecanismos de desorganização do comportamento que se manifestam em situações afetivas intensas. Queria compreender o papel das reações afetivas nas situações de conflito, e como ou se o sujeito pode controlar seu comportamento nestas situações.

No texto *A natureza dos conflitos humanos* (1920/1932) o autor compreende que na criança existe uma unidade entre a atividade verbal e a atividade motora; já no adulto existe uma **barreira funcional** entre o sistema receptor e o sistema efetor. No adulto o sistema receptivo está isolado da área motora, de forma que uma excitação só se transmite para o aparelho motor após um processo elaborado. Com o desenvolvimento da barreira funcional, o sujeito passa a ser capaz de pensar antes de agir, aumentando sua condição de conter sua atuação impulsiva. A barreira funcional possibilita o controle voluntário do comportamento, e é histórica e culturalmente constituída (Luria, 1920/1932). Para Tuleski (2007), neste texto Luria propõe que existe no adulto um isolamento entre a área receptora e efetora que impede uma transferência direta da excitação captada pela área receptora para a área motora/efetora. Isso permite que o sujeito se prepare para a atividade.

Posteriormente, Luria passa a estudar com Vigotski e, juntos, elaboram o texto *O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança* (1930/2007), no qual discutem o **controle voluntário do comportamento**, o que analisamos como uma superação das análises de Luria (1920/1932) sobre a barreira funcional. No texto citado os autores discutem que o fato de a criança adquirir os signos mediadores provoca o rompimento da fusão existente inicialmente entre o campo sensorial e o sistema motor. Cria-se uma barreira funcional entre a recepção do estímulo e a ação, que impede que a criança aja impulsivamente. O sujeito progressivamente aumenta sua capacidade de conter seu comportamento impulsivo pela mediação do pensamento verbal. Passa, então, a ser capaz de controlar o próprio comportamento e **conscientizar-se de suas ações**, pensando antes de agir. Os autores discutem que a consciência das ações só é possível mediante esta separação da percepção e do movimento (Vigotski e Luria, 1930/2007).

Tanto Luria (1920/1932) quanto Vigotski (1930/2004c) destacam que, em situações de tensão emocional, pode se restabelecer a conexão direta entre os impulsos motores e os sensoriais. Nestes casos a barreira funcional se desfaz e o sujeito volta a agir impulsivamente. Nestas situações, o sujeito age sob a influência dessa reação afetiva, e não se dá conta do que está fazendo e de por quê o faz.

Em nossa análise, tais estudos de Luria, em consonância com os estudos de Vigotski (1934/2001) e Leontiev (1975/1984), demonstram que o sujeito, historicamente, adquiriu a capacidade de controlar voluntariamente seu comportamento, por meio do desenvolvimento da linguagem e da barreira funcional. Como demonstrado no decorrer de nossa discussão, tal capacidade é desenvolvida historicamente, na história social e pessoal de cada sujeito, e não dada naturalmente. Sendo assim, **tal capacidade pode não se desenvolver por completo, ou se desintegrar**.

O sujeito tem capacidade de pensar antes de agir, mas sob condições afetivas intensas, **pode voltar a um comportamento não voluntário e agir impulsivamente**. Condições afetivas intensas, como perda de emprego, rompimento de um relacionamento ou morte de um familiar podem fazer o sujeito perder momentaneamente a capacidade de pensar antes de agir e passar a ter comportamentos impulsivos, dos quais não tem consciência. A partir do exposto, compreendemos que muitas vezes o sujeito age impulsivamente, movido por um impacto emocional, de forma não voluntária e não consciente.

3.2.2 A consciência é um sistema estrutural com função semântica

Luria (1974/2010; 1974/1990) e Vigotski fizeram uma pesquisa intercultural experimental com indivíduos que viviam em regiões remotas da União Soviética, como o Uzbequistão. Essas regiões estavam vivenciando um momento de reestruturação radical de seu sistema econômico e cultural, por conta da revolução. Antes da revolução estes povos viviam em uma economia pouco desenvolvida, não tecnológica, e eram majoritariamente analfabetos. Os autores tiveram a oportunidade de entrevistar e pesquisar indivíduos de comunidades que ainda viviam nessas condições, assim como outros que estavam em processo de mudança e comunidades que já estavam organizadas a partir do trabalho coletivo da nova organização social, para as quais já estavam disponíveis cursos de educação pré-escolar, de agronomia elementar e posteriormente de educação tecnológica mais avançada.

A partir dessas pesquisas, Luria (1974/2010; 1974/1990) demonstrou que as mudanças na forma prática da atividade, principalmente a que ocorre na escolarização formal, produzem **alterações qualitativas nos processos de pensamento**. Os modos de generalização do pensamento das pessoas que vivem em sociedades nas quais suas atividades são dominadas por práticas rudimentares são diferentes da generalização do pensamento de indivíduos que passaram pela educação formal. Isso significa que os processos de generalização e abstração variam conforme os estágios de desenvolvimento sociocultural (Luria, 1974/2010). Por exemplo, à medida que o pensamento lógico se desenvolve, os sujeitos passam a ser capazes de realizar operações de dedução e inferência, sem precisarem ter contato com a situação de forma imediata. Luria (1974/2010) exemplifica este processo relatando suas experiências com os silogismos.

No silogismo um conjunto de juízos individuais dá origem a conclusões objetivas. Os adultos escolarizados não veem as duas frases do silogismo como sentenças individuais, mas percebem a relação lógica entre elas; já os adultos que vivem em sociedades menos desenvolvidas, não conseguem estabelecer essa relação. Luria (1974/2010, p. 55-56) relata suas conclusões a partir do seguinte silogismo:

No extremo norte, onde há neve, todos os ursos são brancos / Novaya Zemeya está no extremo norte / Qual a cor dos ursos nesse lugar?

Dentre as respostas obtidas com adultos não escolarizados, temos as seguintes:

“Há diferentes tipos de ursos.”

“Eu não sei. Eu vi um urso castanho, eu nunca vi outro... Cada lugar tem seus próprios animais; se é branco, eles serão brancos; se é amarelo, eles serão amarelos.”

Mas que tipo de ursos há em Novaya Zemeya?

“Nós sempre falamos só daquilo que vimos; nós não falamos daquilo que não vimos.”

“Mas o que minhas palavras sugerem?”

O silogismo foi repetido.

“Bem, a coisa é assim: nosso czar não é como o seu, e o seu não é como o nosso. Suas palavras podem ser respondidas apenas por alguém que tenha estado lá, e se uma pessoa não esteve lá não pode dizer coisa alguma com base em suas palavras.”

Podemos observar que o sujeito não foi capaz de inferir sobre a cor dos ursos de Novaya Zemeya a partir da informação exposta na premissa do silogismo. Não há ainda um pensamento abstrato constituído que possibilite ao sujeito realizar deduções. O desenvolvimento do pensamento abstrato possibilita que o sujeito tire conclusões a partir do que foi obtido historicamente, do conhecimento construído, e não apenas da sua experiência imediata individual. Isso demonstra que **os processos cognitivos de generalização e abstração são desenvolvidos socialmente**, a partir das condições materiais de vida dos indivíduos.

Nesta pesquisa intercultural, Luria (1974/1990) também estudou a autoanálise e a **autoconsciência**. Concluiu que a autoconsciência é construída na atividade social humana, em colaboração com os outros homens. Neste processo de desenvolvimento, a reflexão sobre realidade social surge primeiro; depois, através da influência mediadora, surge a autoconsciência.

Em suas pesquisas experimentais, Luria (1974/1990) estudou como os sujeitos descreviam a si próprios, as características de sua personalidade, e tomavam consciência de suas características psicológicas. O autor tinha como hipótese que o processo de percepção das próprias qualidades e defeitos, a autoanálise, é moldado pelas condições sociais. O sujeito primeiro se torna capaz de realizar um julgamento sobre os outros, para depois analisar o que os outros julgam sobre ele, e apenas posteriormente torna-se capaz de formular um julgamento sobre si próprio.

Na pesquisa, ao longo de uma conversa, Luria (1974/1990) perguntava ao sujeito como ele avaliava a si próprio, buscando compreender sua capacidade de analisar e estar consciente de suas próprias características. O autor observou a existência de três grupos distintos. O primeiro grupo era constituído principalmente de sujeitos que viviam em vilas remotas e eram analfabetos ou pouco alfabetizados; não conseguiam analisar suas características, recusavam-se a fazê-lo ou mencionavam aspectos concretos e materiais de sua vida. Por exemplo, foi feita a seguinte pergunta a uma mulher de 18 anos, moradora de um vilarejo remoto e pouco alfabetizada: *Quais são as suas próprias dificuldades que você conhece, e o que você gostaria de mudar em você mesma?* E ela respondeu:

S: Tudo está bem comigo. Eu mesma não tenho nenhuma dificuldade, mas se os outros têm, eu as indico... Quanto a mim, eu tenho apenas um vestido e dois mantos, e essas são todas as minhas dificuldades.

S: Eu gostaria de ser boa, mas eu sou má; eu tenho poucas roupas, então eu não posso ir a outros vilarejos dessa forma.

E: E o que ser boa significa?

S: Ter mais roupas. (Luria, 1974/1990, p. 197).

Percebe-se que a mulher se refere a circunstâncias materiais externas quando questionada sobre suas dificuldades pessoais. Mesmo quando Luria (1974/1990) explicava a ela que deveria falar sobre características pessoais, ela parecia não entender do que se tratava.

Em um segundo grupo observado, composto principalmente por sujeitos que se envolviam na vida coletiva da comunidade, percebeu-se que tais sujeitos eram capazes de julgar e analisar os colegas de trabalho. Nesse estágio de desenvolvimento o sujeito avalia o comportamento do grupo ao qual pertence, e já começa a avaliar as próprias qualidades, em comparação com o comportamento grupal. Aparece o início de uma avaliação de seu comportamento e suas propriedades psicológicas que se estrutura a partir da avaliação social. Esta formação passa a desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento de sua consciência, de acordo com Luria (1974/1990).

Em um estágio posterior de desenvolvimento, visto principalmente no grupo de jovens escolarizados, Luria (1974/1990) observou a existência do processo de avaliação de qualidades pessoais, embora estas sejam avaliadas de acordo com as demandas da vida social. Por exemplo, um ativista da fazenda coletiva, de 36 anos, respondeu:

E: Que aspectos positivos e dificuldades você conhece em você mesmo?

S: Eu não sou nem bom nem mau... eu sou uma pessoa normal, embora eu seja fraco em alfabetização e não consiga escrever de forma alguma; e então eu fico muito mal e zangado, mas, mesmo assim, eu não bato na minha mulher. Isso é tudo o que eu posso dizer sobre mim... Eu esqueço muito rápido; eu saio de um lugar e esqueço. Eu também não entendo muito bem. Ontem me deram uma longa explicação, e eu ainda não entendi nada. Se eu fosse instruído eu faria tudo bem. Eu tenho de mudar a minha dificuldade em educação. Eu não quero mudar nada no meu caráter; se eu estudar, ele mudará por si próprio. (Luria, 1974/1990:213).

Percebe-se que, apesar de o sujeito ainda se referir a situações práticas e cotidianas e descrever seu comportamento em situações práticas, há a presença de uma consciência de suas próprias características. Luria (1974/1990) concluiu que processos cognitivos como a percepção, a dedução, a imaginação, a autoanálise e outros variam conforme as condições sociais em que os sujeitos vivem. Ao longo do desenvolvimento

(...) ocorrem mudanças na autoconsciência da personalidade, que atinge o nível superior da consciência social e adquire novas capacidades de análise objetiva, categórica, das próprias motivações e ações, características intrínsecas e idiosincrasias. (...) as mudanças sócio-históricas (...) criam novas formas de atividade e novas estruturas de funcionamento cognitivo. Elas promovem o avanço da consciência humana para um novo estágio (Luria, 1974/1990, p. 217).

Isso demonstra que o **desenvolvimento histórico da consciência e da autoconsciência** está atrelado à atividade do sujeito, ao trabalho e à aquisição da linguagem e dos conhecimentos construídos historicamente. A atividade consciente humana se formou no processo de trabalho social, com o emprego dos instrumentos de trabalho e o surgimento da linguagem. Os processos psicológicos surgem a partir da relação do sujeito com o meio circundante, com os outros homens. A consciência é um reflexo ativo do mundo exterior que caracteriza a atividade vital do homem (Luria, 1974/1990).

No texto *O cérebro humano e atividade consciente* (1970/2010), Luria propõe que a base da atividade cerebral consciente do homem não deve ser buscada em funções localizadas, mas sim, em uma atividade complexa, semântica, baseada em sistemas funcionais.

Luria (1970/2010) concorda com a concepção de Vigotski de que **a consciência é um sistema estrutural com função semântica**. Em diferentes estádios do desenvolvimento, a

consciência possui diferentes estruturas semânticas, envolvendo diferentes sistemas de processos psicológicos. Por exemplo, nos primeiros estádios de sua formação a estrutura da consciência é caracterizada pelas impressões emocionais diretas. Posteriormente, o papel decisivo é desempenhado pelas percepções complexas e pela manipulação dos objetos. Nos estágios ulteriores de desenvolvimento, o papel principal na estrutura da consciência é desempenhado pelas funções de abstração e generalização da linguagem.

No volume I da coletânea *Curso de Psicologia Geral* (1967/1991), Luria compreende que o surgimento da linguagem gerou ao menos três mudanças essenciais na atividade consciente do homem. A primeira mudança consiste em que, ao designar os objetos, a linguagem discrimina esses objetos, permitindo ao homem dirigir sua atenção a eles e conservá-los em sua memória. A linguagem duplica o mundo perceptível e permite ao homem lidar com os objetos mesmo quando estes não estão presentes.

Além disso, as palavras abstraem as propriedades dos objetos relacionando-os em determinadas categorias e possuem a função de abstração e generalização da realidade. A linguagem é, ainda, o veículo de transmissão de informação que permite ao homem assimilar a experiência histórica das gerações anteriores, os conhecimentos, habilidades e modos de comportamento construídos ao longo da história da humanidade (Luria, 1967/1991). Tais considerações de Luria estão em consonância com o que Vigotski (1934/2001) debate em *Pensamento e linguagem*.

A linguagem surgiu no desenvolvimento histórico dos homens, a partir do trabalho. No texto *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* (1979/2001) o autor explica melhor essas três mudanças na atividade consciente do homem. Luria compreende que o elemento fundamental da linguagem é a palavra. A palavra duplica o mundo e garante a possibilidade de transmitir a experiência das gerações anteriores, e de um sujeito para outro. Explica o autor:

O enorme ganho do homem que domina uma linguagem desenvolvida consiste em que seu mundo se *duplica*. O homem sem a linguagem só se relacionava com aquelas coisas que observava diretamente, com as que podia manipular. Com a ajuda da linguagem, que designa objetos, passa a se relacionar com o que não percebe diretamente e que antes não entrava em sua experiência. A palavra duplica o mundo dando ao homem a possibilidade de operar mentalmente com objetos, inclusive na ausência destes. (...) da palavra nasce não só a duplicação do mundo, mas também a

ação *voluntária* que o homem não seria capaz de cumprir se carecesse de linguagem. (...) (Luria, 1979/2001, p. 32-33, grifos do autor).

A palavra é a estrutura fundamental da linguagem e possui dois componentes fundamentais: a **referência objetual** e o **significado**. A referência objetual é a função da palavra de designar objetos, ações e relações. A palavra nomeia as coisas, assinala qualidades e relações entre objetos, e os insere em sistemas, codificando a experiência humana. A linguagem é um sistema de códigos que introduzem os objetos em um sistema de enlaces e relações. Com o surgimento da linguagem o homem adquiriu uma nova dimensão da consciência (Luria, 1979/2001). O **significado** é o componente que cumpre a função de separar os determinados traços do objeto, generalizá-los e incluí-los em um sistema de categorias. É com o significado que a palavra se transforma na base da generalização, sendo um instrumento do pensamento e um instrumento de comunicação (Luria, 1979/2001).

A palavra cumpre a função de **abstrair, analisar e generalizar**, possuindo um significado categorial ou conceitual, que separa um traço de um objeto e o insere em uma categoria:

(...) A palavra não somente substitui uma coisa, também a analisa, *a introduz em um sistema de complexos enlaces e relações*. (...) Quer dizer, a palavra não só separa um traço, também generaliza as coisas, as inclui em determinadas categorias e esta sua função é uma das mais importantes. Ao generalizar os objetos, a palavra converte-se em um instrumento de abstração e generalização, que é a operação mais importante da consciência. Precisamente por isso, ao designar com uma palavra este ou outro objeto, o incluímos em uma determinada categoria. Isto significa que a palavra não é somente um meio de substituição das coisas, é a *célula do pensamento*, precisamente porque a função mais importante do pensamento é a abstração e a generalização. (...) (Luria, 1979/2001, p. 36-37, grifos do autor).

Além disso, para Luria (1979/2001), a palavra é um **instrumento do pensamento** e um **meio de comunicação**. Ela designa objetos, mas, mais do que isso, ela generaliza as informações sobre estes objetos, relaciona-os com sua função social e transmite os conhecimentos socialmente construídos sobre ele. Tem a função de analisá-los e de transmitir a experiência formada pelo homem no processo de desenvolvimento histórico. A palavra é o instrumento de análise da informação que o sujeito recebe do mundo exterior.

Em resumo:

A estrutura da palavra é complexa. A palavra possui uma *referencia objetal*, ou seja, designa um objeto evocando todo um “campo semântico”, possui a função de “significado” determinado, separa os traços, generaliza-os e analisa o objeto, o introduz em uma determinada categoria e transmite a experiência da humanidade. A palavra permite ao homem sair dos limites da percepção imediata, propiciando o *salto do sensível ao racional* que constitui a característica essencial da consciência humana (Luria, 1979/2001, p. 42, grifos do autor).

Luria (1979/2001), assim como Leontiev (1975/1984), também debate sobre o **sentido** e o **significado** das palavras. Luria afirma que a diferença entre sentido e significado foi introduzida por Vigotski (1934/2001) em *Pensamento e linguagem*. Segundo Luria (1979/2001), a palavra possui um significado formado objetivamente ao longo da história dos homens, e este significado é semelhante para todas as pessoas. O significado da palavra é um sistema estável de generalizações que pode ter diferentes graus de generalização e de amplitude dos objetos designados, mas conserva um núcleo permanente.

Além disso, as palavras têm também um sentido pessoal, que se entende como a particularidade deste significado. Este sentido está relacionado com as vivências afetivas do sujeito e com as situações dadas. O sentido é o significado individual da palavra. É o elemento da utilização viva da palavra, ligada à situação afetiva que o sujeito vivencia. A base do sentido individual é a reelaboração do significado e sua separação do sistema de relações dado (Luria, 1979/2001).

Luria (1979/2001) destaca que uma das maiores descobertas realizadas no âmbito do estudo da linguagem e das palavras foi realizada por Vigotski. Segundo Luria, Vigotski elaborou a tese de que **o significado da palavra se desenvolve** e muda sua estrutura ao longo do desenvolvimento do sujeito:

Esta descoberta científica, realizada há mais de quarenta anos pelo eminente psicólogo soviético L. S. Vigotski, foi formulada por ele como a tese de que o significado das palavras se desenvolve tanto no relativo à sua estrutura como ao sistema de processos psíquicos que se encontram em sua base. Vigotski denominou esta proposição fundamental, proposição sobre o desenvolvimento *semântico e sistêmico do significado da palavra* (Luria, 1979/2001, p. 43-44, grifos do autor).

Para Vigotski, de acordo com Luria (1979/2001), o **desenvolvimento semântico** do significado da palavra diz respeito ao processo de construção tanto da referência da palavra ao objeto quanto da separação de suas correspondentes características. Isso significa que a inclusão dos objetos em um determinado sistema de categorias não é imutável, altera-se ao longo da vida. Por sua vez, o **desenvolvimento sistêmico** da palavra se refere às alterações dos processos psíquicos da criança, conforme vão se construindo os significados das palavras. À medida que o significado se desenvolve, também se altera a estrutura sistêmica psicológica da criança (Luria, 1979/2001).

Luria (1979/2001) destaca que, para Vigotski, o desenvolvimento da palavra está ligado ao **desenvolvimento da consciência**. A alteração da estrutura da palavra a partir de mudanças semânticas e sistêmicas pode ser compreendida também como o desenvolvimento semântico e sistêmico da consciência, como alterações na estrutura da consciência. Para Luria (1979/2001, p. 44):

(...) a palavra constitui-se em um aparelho que reflete o mundo externo em seus enlaces e relações. Portanto, se, à medida que a criança se desenvolve, muda o significado da palavra, quer dizer que também muda o reflexo daqueles enlaces e relações que, através da palavra, determinam a estrutura de sua consciência. (...).

Uma mesma palavra (cachorro, por exemplo) designa o mesmo animal para uma criança, um adolescente e um adulto, mas não tem o mesmo significado em todas estas etapas do desenvolvimento. Em cada etapa a palavra adquire novas estruturas semânticas, enriquece o sistema de relações e generalizações. Isto significa que o significado da palavra se desenvolve mesmo depois que sua referência objetiva já alcançou uma estabilidade (Luria, 1979/2001). Isso foi demonstrado por Vigotski (1934/2001) no estudo do desenvolvimento dos conceitos, como referido no item 2.4 deste trabalho.

Quando o significado da palavra se altera, mudam a estrutura semântica e os processos psíquicos que estão por trás dela. Na criança pequena, o papel principal é desempenhado pelo afeto, pelas sensações que uma palavra provoca (lembranças afetivas); já na criança pré-escolar, o papel principal é desempenhado pela imagem imediata presente em sua memória, que reproduz uma situação determinada. Para Luria (1979/2001), este é o estágio dos conceitos concretos (ou complexos, como qualifica Vigotski); é momento em que os enlaces reais dos objetos cumprem um papel decisivo. Nos adultos, o papel principal é desempenhado pelos enlaces lógicos presentes na palavra. Este é o estágio dos conceitos abstratos (ou

verdadeiros conceitos), no qual o papel decisivo cabe aos enlaces lógico-verbais hierarquicamente constituídos, nos quais se organizam sistemas complexos de enlaces e relações abstratas.

Isso significa que o significado muda tanto no que diz respeito a sua estrutura quanto no tocante ao **sistema de processos psíquicos** que o realiza. Afirma Luria (1979/2001, p. 54, grifos do autor):

Esse fato também significa que *nossa consciência muda sua estrutura semântica e sistêmica*. Nas etapas iniciais do desenvolvimento infantil, a consciência tem um caráter afetivo, reflete o mundo afetivamente. Na etapa seguinte, a consciência começa a ter um caráter concreto-imediato e as palavras, através das quais se reflete o mundo, suscitam um sistema de enlaces concreto-imediatos. Somente na etapa culminante, a consciência adquire um caráter lógico-verbal abstrato, diferente ao das etapas anteriores, tanto por sua estrutura semântica como sistêmica, mesmo que nesta última etapa, os enlaces característicos dos estágios anteriores se conservem em forma encoberta.

O desenvolvimento da linguagem está estreitamente relacionado com o desenvolvimento do controle voluntário do comportamento. Luria (1979/2001) discute que no início do domínio da linguagem é a mãe quem organiza a atenção da criança. A origem do ato voluntário é a comunicação da criança com o adulto. O ato voluntário é um ato prático que a criança realiza por indicação do adulto. Posteriormente, a criança transforma esta atividade interpsicológica em intrapsicológica, de autorregulação. A criança internaliza a linguagem e esta linguagem interna regula seu comportamento. É a partir daí que surge a ação voluntária consciente da criança, mediada pela linguagem (Luria 1979/2001).

Sobre o texto *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria* (1979/2001), Tuleski (2007, p. 234-235) escreve:

Para Luria (2001), a linguagem (oral e escrita) penetra em todos os campos da atividade consciente humana, elevando a um patamar superior todos os processos psíquicos. Ela reorganiza a percepção do homem, criando novas leis dessa percepção, selecionando traços essenciais e generalizando os objetos, formas, cores perceptíveis em determinadas categorias. A atenção também se altera e, pela aquisição da linguagem, o homem se põe em condições de dirigir arbitrariamente seu processo

atencional, focando características específicas de um ou outro objeto, situações e eventos, independentemente da intensidade do estímulo e, muitas vezes, selecionando, arbitrariamente, estímulos mais fracos por meio de motivos internos. A memória também se altera ao tornar-se consciente e planejada, a partir do momento em que o homem coloca fins especiais para lembrar, desenvolve métodos para organizar o material a ser lembrado, ampliando consideravelmente o volume de informação a ser memorizado e selecionando o que é importante de ser resgatado em cada situação. A linguagem permite, ainda, o surgimento da imaginação, isto é, a possibilidade do homem desligar-se da experiência imediata, servindo de base para a criação orientada e dirigida por meio de planificações e organização da conduta.

Do exposto até aqui, ao longo da terceira seção de nosso trabalho, concluímos que o significado da palavra, a linguagem simbólica, desenvolve-se ao longo da vida do indivíduo, conforme a criança muda de um estágio de desenvolvimento para o seguinte. Esta mudança de estágio de desenvolvimento se dá a partir das alterações que ocorrem na atividade dominante da criança, atividade que, por sua vez, está diretamente relacionada com o contexto social no qual a criança vive e com as relações sociais nas quais ela está inserida. Conforme se altera o significado da palavra, transforma-se qualitativamente também a consciência da criança, a forma como ela compreende a realidade e atua sobre ela. Os processos psíquicos que fazem parte da consciência e sua estrutura sistêmica e semântica se modificam, transformando a forma como a criança entende o mundo e as relações sociais.

Isso significa que os processos **não conscientes** do psiquismo humano estão diretamente relacionados com a atividade da criança, com seus processos de pensamento, com a estrutura semântica e sistêmica da consciência. Cada fase do desenvolvimento possibilita a conscientização de um determinado grau de relações, e não permite a conscientização de outros. Nos estádios finais de desenvolvimento da consciência humana, a aquisição do pensamento abstrato e o desenvolvimento de conceitos científicos possibilitam ao sujeito compreender de forma mais ampla a realidade, tomar consciência do mundo exterior, entender as relações sociais e a si mesmo e desenvolver sua autoconsciência.

Acontece que tal conscientização esbarra no fato de que não é possível para a consciência humana compreender a totalidade das relações sociais, de forma que nenhuma vivência se torna absolutamente consciente em todas as suas relações objetivas, porque tais relações são infinitas. Além disso, na sociedade capitalista este processo se intensifica, pois a

alienação impede que desvelemos a realidade e compreendamos as relações históricas que nos constituem. A tomada de consciência, neste contexto, sempre esbarra em obstáculos de caráter ideológico e de alienação que impossibilitam ao sujeito compreender a realidade de forma mais ampla.

É imprescindível que o homem submeta as relações sociais objetivadas ao seu controle coletivo consciente para que a humanidade possa se desenvolver plenamente, enquanto individualidade livre e universal. Neste contexto, o indivíduo que se apropria das objetivações *para-si*, da ciência, dos conhecimentos construídos historicamente, não elimina a alienação de forma total, mas consegue manter uma relação mais consciente com a sua vida e a vida social, com a produção e reprodução da vida material.

A tomada de consciência dos motivos da nossa atividade, em forma de conceitos e ideias, não ocorre de forma natural, mas se dá por meio por do controle que o sujeito exerce sobre as atividades que o colocam em relação com as condições objetivas de existência. Para que isso ocorra, o homem precisa compreender e conscientizar-se dos conceitos e significados de que vai se apropriando e objetivar-se como um ser coletivo e social, como ser genérico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso estudo nos debruçamos sobre os textos de Vigotski e procuramos compreender e sistematizar os escritos desse autor a respeito do conceito de inconsciente. Concluimos que Vigotski, ao discutir o conceito de consciência, tece considerações fundamentais sobre os processos psíquicos não conscientes, inclusive explicitando que a teoria explicativa da consciência deve também explicar o inconsciente. Apesar disso, pudemos constatar que o foco das pesquisas desse autor foram os processos psíquicos conscientes, portanto, que sobre os processos não conscientes o autor ainda deixa lacunas e questões em aberto. Diante disso, na terceira seção de nosso trabalho nos dedicamos à leitura e análise de textos de Luria e Leontiev, procurando discutir alguns conceitos desses autores que contribuem para o estudo do inconsciente, no intuito de esclarecermos as dúvidas remanescentes.

Nosso estudo, de forma geral, foi empreendido com o objetivo de contribuirmos para a análise dos processos psíquicos humanos em sua totalidade, tanto os conscientes como os não conscientes. Entendemos que nosso trabalho contribui para a compreensão do homem de forma integral e para construção de um corpo teórico, ainda que introdutório, que embase a prática do psicólogo clínico a partir da Psicologia Histórico-Cultural,

No decorrer de nosso trabalho discutimos vários fenômenos não conscientes. Isto demonstra, em nosso entendimento, que os processos não conscientes do psiquismo humano **são heterogêneos**, ou seja, não dizem respeito sempre ao mesmo tipo de fenômeno. Temos um amplo número de processos não conscientes, caracterizados de diferentes formas. Por exemplo, ao longo de nosso estudo discutimos os conteúdos que não estão em nossa **consciência imediata**, lembranças e memórias que não estão imediatamente em nossa consciência, mas que podem se tornar conscientes. Tais conteúdos formam o que estamos denominando de esfera não consciente do psiquismo; Mas existem outros conteúdos que também estão incluídos nesta esfera, como as operações não conscientes. A esfera não consciente do psiquismo humano também é composta pelos processos que não estão conscientes porque foram **automatizados**. Além disso, temos também os comportamentos **impulsivos**, não conscientes, que ocorrem quando o sujeito não consegue pensar antes de agir. Os autores da Psicologia Histórico-Cultural discutem ainda os **motivos não conscientes**,

entendendo que nem sempre o sujeito tem consciência do que motiva suas ações. Isso significa, em nossa análise, que os processos psíquicos não conscientes não são homogêneos.

Como forma de sintetizar o que preliminarmente concluímos a partir de nosso trabalho, neste momento apresentaremos ao leitor algumas das questões que nortearam nosso estudo. Tais questionamentos orientaram a discussão e análise dos textos de Vigotski e, posteriormente, de Luria e Leontiev. Buscamos agora, em nossas considerações finais, apresentar, de forma sintética, as respostas que pudemos obter para estas questões, ao longo dessa empreitada; porém é fundamental evidenciarmos que tais considerações são apenas preliminares. Ao apresentá-las, temos como objetivo sintetizar nossas análises, que almejam contribuir para ampliar a discussão sobre o conceito de inconsciente. Não pretendemos apresentar formulações definitivas, mas apenas sistematizar as respostas que por ora obtivemos. Esperamos que o leitor considere tal exposição como um convite à pesquisa e discussão sobre a temática, com vista a aprofundar o que está exposto e confirmar e/ou refutar as hipóteses aqui apresentadas.

As considerações que se seguem são baseadas nos conceitos teóricos de todos os autores examinados ao longo de nossa tarefa.

1) Qual é a natureza dos processos psíquicos não conscientes?

O não consciente é um processo psicofisiológico atrelado às funções cerebrais humanas. Os conteúdos não conscientizados são uma tendência da atividade da própria consciência. Tanto os processos psíquicos conscientes como os não conscientes são formas distintas e níveis do reflexo psíquico. Os processos não conscientes apresentam a mesma determinação que todo reflexo psíquico: a atividade do homem no mundo objetivo. Eles estão diretamente relacionados com a atividade do sujeito, com seus processos de pensamento, com a estrutura semântica e sistêmica da consciência.

2) Por que existem os processos não conscientes?

A consciência é um *continuum* estruturado por relações objetivas de produção da vida material, relações que são, em princípio, infinitas. Sendo assim, é impossível que o sujeito tenha total consciência delas. Não existe uma vivência absolutamente consciente em todas as suas relações objetivas, assim como toda vivência tem necessariamente uma relação objetiva e não pode ser absolutamente inconsciente. A consciência de um fenômeno é a unidade que engloba aquilo de que se tem consciência e os aspectos que não estão conscientes.

3) Os processos não conscientes determinam o comportamento humano?

Os processos não conscientes não determinam o comportamento; é a consciência que caracteriza o psiquismo humano. Não existe algo dado *a priori* que determine o comportamento, seja este algo consciente ou não consciente. Todas as determinações da vida humana são construídas nas relações sociais. As formas complexas de atividade social é que constroem as particularidades tanto da consciência como dos processos não conscientes. Assim, também os motivos não conscientes são construídos nas relações sociais.

4) De onde vêm os conteúdos não conscientes?

Os conteúdos não conscientes provêm das relações sociais, da produção de vida material dos homens. Os motivos não conscientes são também determinados pelas relações sociais, construídos na atividade do sujeito em sua vida, e também pelas formações ideológicas, socialmente constituídas e internalizadas. O que move o homem, o motivo de sua ação (seja ele consciente ou não) é construído na atividade social do sujeito, advém da cultura, tendo-se sempre em vista a forma como o universal, o particular e o singular estão embrincados.

5) Que tipo de conteúdo é ou se torna não consciente?

Para Vigotski o que se torna não consciente não é o comportamento, mas os motivos. O sujeito possui consciência do que está fazendo (de suas ações e objetivo) e, caso foque sua atenção, até mesmo de como está fazendo (de suas operações). O que é não consciente, então, é o motivo da ação, o *porquê* da ação.

6) Os conteúdos não conscientes podem se expressar no comportamento? Como?

Sim, tanto os processos conscientes quanto os não conscientes agem sobre o comportamento do sujeito precisamente porque são processos psicofisiológicos integrais.

Apesar de Vigotski afirmar claramente que o não consciente se expressa no comportamento, o autor não esclarece como isto se dá. Em nossa análise, esta é uma questão que ainda não foi respondida de forma mais ampla pelos autores estudados e merece maiores investigações.

7) É possível tornar conscientes conteúdos não conscientes? O contrário também seria possível?

Não existe uma barreira intransponível entre o que está não consciente e o que é consciente. Os processos psíquicos não conscientes não são totalmente separados da consciência. Existe uma relação dinâmica entre estas esferas, na qual conteúdos não conscientes podem tornar-se conscientes e vivências a princípio conscientes podem tornar-se não conscientes. O não consciente é potencialmente consciente; mas consideramos que é preciso esclarecer como e em quais situações um conteúdo consciente se torna ou volta a ser não consciente. Falta explicar qual a dinâmica desse processo, por que ele ocorre e sob quais condições.

Ainda dentro desta questão, é preciso elucidar: por que temos consciência de alguns motivos de nossa ação e de outros não? Por que em algumas situações o sujeito consegue mais facilmente tomar consciência do que motiva algumas ações, e tem mais dificuldade de compreender o que motiva outras? O que gera essa dificuldade?

8) Qual a relação entre os processos psíquicos não conscientes e alienação?

A consciência é estruturada pelas relações objetivas de produção da vida material, mas os processos de alienação impossibilitam que o homem tenha consciência de muitas dessas relações. A alienação impede que o sujeito tenha consciência de que as formas de produção da vida material e as relações sociais decorrentes dela são produções humanas construídas historicamente e passíveis de transformação. A alienação impede que os homens desvelem a realidade e compreendam as relações históricas que os constituem. Nas sociedades capitalistas a tomada de consciência sempre esbarra em obstáculos de caráter ideológico e de alienação que impossibilitam ao sujeito compreender a realidade de forma mais ampla.

9) Por que é importante tornar conscientes os conteúdos não conscientes?

Porque isso é condição para a liberdade. O livre-arbítrio é a capacidade de tomar decisões com conhecimento. Ser livre é conhecer o motivo que impulsiona suas ações, seja ele consciente ou não consciente. É necessário que o homem tome consciência de seu próprio pensamento, de seus motivos, de suas ações, de sua história pessoal e social, para que possa decidir livremente o curso que deseja imprimir à sua vida e à sociedade como um todo. É imprescindível que o homem submeta as relações sociais objetivadas ao controle coletivo consciente, para que os indivíduos possam se desenvolver enquanto individualidade livre e universal.

10) Como tornar conscientes conteúdos não conscientes?

Por meio do controle voluntário do comportamento. A liberdade é o conhecimento da necessidade, e requer o pensamento por conceitos científicos. O pensamento teórico é fundamental para que o homem compreenda a realidade e as necessidades de forma mais ampla, já que a necessidade se converte em liberdade por meio do conceito. O desenvolvimento do pensamento teórico e do pensamento dialético possibilita ao sujeito alcançar a compreensão do máximo de relações possíveis de um dado fenômeno, sua totalidade.

O processo de conscientização está intimamente relacionado ao processo pelo qual a criança se apropria das significações sociais, em forma de conceitos. Conforme o sujeito se apropria das significações sociais, desenvolvendo os conceitos espontâneos e posteriormente os conceitos científicos, ele altera sua consciência sobre o mundo circundante e sobre as relações sociais nas quais está inserido. Sua atividade social provoca em sua consciência mudanças que, por sua vez, provocam mudanças em sua atividade social. O desenvolvimento do pensamento por conceitos possibilita ao sujeito compreender a realidade e a si mesmo e desenvolver sua autoconsciência.

A conscientização dos motivos em forma de ideias ou conceitos só se dá a partir da relação do sujeito com o mundo exterior, de um processo de reflexão do indivíduo sobre seu mundo interno que ocorre a partir do sistema de significações e conceitos apreendidos por ele. As emoções auxiliam neste processo, porque se constituem como sinais internos, refletem as relações entre a atividade e o motivo, e possibilitam que o sujeito conheça o motivo e o sentido pessoal de sua atividade.

A tomada de consciência dos motivos da atividade, em forma de conceitos, requer que o homem compreenda e se conscientize dos conceitos e significados de que vai se apropriando e objetive-se como um ser coletivo e social, como ser genérico.

Desde o início de nosso estudo explicitamos nosso objetivo de colaborar para a construção de um corpo teórico que forneça elementos para discussão da prática clínica do psicólogo, a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Com base nas conclusões obtidas a respeito dos processos conscientes e não conscientes do psiquismo humano, entendemos que o psicólogo clínico pode ajudar o sujeito a analisar e compreender os motivos de suas ações, ampliando sua consciência sobre o mundo e sobre si mesmo. A partir do conhecimento de seus motivos, o sujeito tem condição de agir com mais liberdade e autodomínio. Ao tomar consciência de seu próprio pensamento e de suas próprias ações, de sua história pessoal e social, o sujeito pode decidir com mais liberdade o que almeja para si e para a sociedade como um todo, e pode, por meio de ações coletivas com os demais, modificar a realidade.

O sujeito, ao se apropriar dos conhecimentos científicos elaborados pela Psicologia, por mediação do terapeuta, amplia seu sistema de significações e conceitos sobre sua própria realidade individual e social e sua consciência sobre a realidade circundante e suas próprias vivências, o que lhe possibilita ter controle voluntário sobre seu próprio comportamento e desenvolver-se de forma cada vez mais livre e universal.

Tais considerações foram por nós delineadas com o objetivo de destacar quanto a análise dos processos psíquicos não conscientes pode contribuir para o planejamento e constituição do trabalho do psicólogo clínico. Compreendemos que é preciso discutir de forma ainda mais sistemática, a partir da Psicologia Histórico-Cultural, como o psicólogo clínico pode atuar nesta perspectiva e contribuir para o desenvolvimento da consciência do sujeito.

Esperamos que nosso estudo tenha suscitado muitos questionamentos ao leitor e que impulse novas pesquisas a respeito dos processos psíquicos conscientes e não conscientes e sobre a atuação do psicólogo clínico, a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Entendemos

que a prática clínica nesta perspectiva pode retroalimentar dialeticamente a teoria, impulsionando-a para a elaboração de um arcabouço teórico-prático neste campo de atuação.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J. (2000). Reflexões a partir da Psicologia Sócio-Histórica sobre a categoria consciência. *Cadernos de Pesquisa*, nº 110, p. 125-142.
- Almeida, M. R. (2011). Psicopatologia e Psicologia Sócio-Histórica: notas preliminares. V Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo – Marxismo, Educação e Emancipação Humana. Recuperado em 28 de agosto, 2011, de <http://www.madres.org/documentos/doc20110113125655.pdf>.
- Almeida, S. H. V. (2008). **Psicologia Histórico-Cultural da Memória**. Tese (doutorado) – Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Andery, M. A. P. A. *et al.* (2012). Olhar para a história: caminho para a compreensão da ciência hoje. Em: Andery, M. A. P. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Nova edição revista. Rio de Janeiro: Garamond. (Trabalho original publicado em 1988).
- Andery, M. A. P. A.; Sério, T. M. A. P. (2012) A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). Em: Andery, M. A. P. A. *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Nova edição revista. Rio de Janeiro: Garamond. (Trabalho original publicado em 1988).
- Barroco, S. M. S. (2007). **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski**: implicações e contribuições para a psicologia e a educação. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.
- Duarte, N. (1999). **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados.
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico. In: S. Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. XIV, p. 15-73). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: S. Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. IV). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

- Freud, S. (1996). O Ego e o Id. In: S. Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. XIX, p. 15-82). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996a). Repressão. In: S. Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. XIV, p. 147-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996b). O inconsciente. In: S. Freud. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (vol. XIV, p. 165-209). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Garcia-Roza, L. A. (1999). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1984).
- Heller, A. (1991). **Sociologia de la Vida Cotidiana**. [Traduzido do alemão e do italiano por José-Francisco Ivars e Enric Pérez Nadal]. Barcelona: Ediciones Península. (Trabalho original publicado em 1977).
- Laplanche & Pontalis. (1992). **Vocabulário da Psicanálise**. (Trad. de Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Lefebvre, H. (1983). **Lógica formal / Lógica dialética**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1969).
- Leontiev, A. (2004) Ensaio sobre o desenvolvimento do psiquismo. Em Leontiev, A. **O desenvolvimento do psiquismo** (2ª edição). [Tradutor Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Centauro. (Obra original publicada em 1947).
- Leontiev, A. (2004) **O desenvolvimento do psiquismo** (2ª edição). [Tradutor Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Centauro.
- Leontiev, A. (2004) O desenvolvimento do psiquismo da criança. Em Leontiev, A. **O desenvolvimento do psiquismo** (2ª edição). [Tradutor Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Centauro. (Obra original publicada em 1944).
- Leontiev, A. (2004) O homem e a cultura. Em Leontiev, A. **O desenvolvimento do psiquismo** (2ª edição). [Tradutor Rubens Eduardo Frias]. São Paulo: Centauro. (Obra original publicada em 1961).

- Leontiev, A. N. (1984). **Actividad, consciencia y personalidad**. Distrito Federal. Cidade do México: Editorial Cartago Mexico. (Trabalho original publicado em 1975).
- Löwy, M. (2006). Um Marx insólito. [Tradução de Maria Orlanda Pinassi e Daniela Jinkings]. Em: Marx, K. **Sobre o suicídio**. [Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella]. São Paulo: Boitempo.
- Luria, A. R. (1932) **The nature of human conflicts**: or emotion, conflict and will. New York: Liveright Publishers. [Tradução do russo para o inglês de Horsely Gantt]. (Trabalho original publicado em 1920).
- Luria, A. R. (1990) **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. [Tradução de Fernando Limogeli Gurgueira]. São Paulo: Ícone. (Trabalho original publicado em 1974).
- Luria, A. R. (1991). **Curso de psicologia geral**. 2. ed., v. I , II e III, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1967).
- Luria, A. R. (2001). Epílogo. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1934).
- Luria, A. R. (2001). **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. 2. reimpressão. Porto Alegre: Artes Médicas. [Tradução de Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso]. (Trabalho original publicado em 1979).
- Luria, A. R. (2010). Diferenças culturais de pensamento. Em: Vigotskii, L. S.; Luria, A. R; Leontiev, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. [Tradução de Maria da Pena Villalobos]. 11ª edição. São Paulo: Ícone. (Trabalho original publicado em 1974).
- Luria, A. R. (2010). O cérebro humano e atividade consciente. Em: Vigotskii, L. S.; Luria, A. R; Leontiev, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. [Tradução de Maria da Pena Villalobos]. 11ª edição. São Paulo: Ícone. (Trabalho original publicado em 1970).
- Martins, L. M. (2007). **A formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotskiano. Campinas: Autores Associados.

- Martins, L. M. (2008). Introdução aos Fundamentos Epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: Martins, L. M. **Sociedade, Educação e Subjetividade: Reflexões Temáticas à Luz da Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Martins, L. M. (2011). **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Tese de livre-docência. UNESP: Bauru.
- Marx, K. (1987). Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos escolhidos. 4ª edição. [Seleção de textos de José Arthur Giannotti, traduzido do alemão por José Carlos Bruni, José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi]. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original de 1944).
- Marx, K. (2006). **Sobre o suicídio**. [Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella]. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1846).
- Oliveira, B. (2001). A dialética do singular-particular-universal. In: **V Encontro de Psicologia Social Comunitária**. UNESP: Bauru-SP.
- Río, P. de; Alvarez, A. (2007). PRÓLOGO: Una introducción evolutiva a la teoría de la mediación. Em: Vigotski, L. S.; Luria, A. R. **El instrumento y el signo en el desarrollo del niño**. Madrid: Fundación Infancia e Aprendizaje. Traducción de Pablo de Río.
- Roudinesco, E. Plon, M. (1998). **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar.
- Schaff, A. (1979). **La alienación como fenómeno social**. Barcelona: Editorial Critica. (Trabalho original de 1977).
- Shuare, M. (1990). **La psicología soviética tal como yo la veo**. Moscú: Editorial Progreso.
- Silva, M. A. S. (2014). **Compreensão do adoecimento psíquico: de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.
- Silva, R. (2011). **A biologização das emoções e a medicalização da vida: contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da sociedade contemporânea**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.

- Silva, R. L. (2013). **Leontiev e a natureza social do psiquismo**: das lacunas no texto à totalidade na história. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá.
- Toassa, G. (2009). **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- Tomanik, E. A. (2004). **O olhar no espelho**: “Conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais. 2ª edição revista. Maringá: Eduem. (Trabalho original publicado em 1994).
- Tuleski, S. C. (2007). A unidade dialética entre corpo e mente na obra luriana: implicações para a educação escolar e para a compreensão dos problemas de escolarização. Tese de Doutorado. UNESP. 2007.
- Tuleski, S. (2008). **Vygotski**: A construção de uma psicologia marxista. Maringá: Eduem.
- Valsiner, J. (Ed). (1994). **The Vygotsky Reader**. (p. 338-354). Oxford, UK: Blackwell Publishers.
- Vigotski, L. S. (1972). **Psicología del arte**. Tradução de Victoriano Imbert. Barcelona: Barral Ediotas. (Obra original publicada em 1925).
- Vigotski, L. S. (1994). The problem of the environment. Em: Valsiner, J. (Ed). **The Vygotsky Reader**. (p. 338-354). Oxford, UK: Blackwell Publishers. (Trabalho original publicado em 1935).
- Vigotski, L. S. (1999). On the problem of the psychology of the actor’s creative work. In Vigotski, L. S. **The collected works of L. S. Vygotsky**. Vol. 6. Scientific legacy. Edited by Robert W. Rieber. New York, Boston, Dordrecht, London, Moscow: Kluwer Academic/Plenum Publishers. p. 237 - 244. (Trabalho original publicado em 1932).
- Vigotski, L. S. (2004). A consciência como problema da psicologia do comportamento. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1925).

- Vigotski, L. S. (2004a). A psique, a consciência, o inconsciente. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1930).
- Vigotski, L. S. (2004b). O método Instrumental. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Conferência proferida em 1930).
- Vigotski, L. S. (2004). O significado Histórico da Crise da Psicologia. In: Vigotski, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. [p. 203-417]. (Trabalho original publicado em 1927).
- Vigotski, L. S. (2004). Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original escrito em 1924).
- Vigotski, L. S. (2004c). Sobre os sistemas psicológicos. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1930).
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, 2010. 21 (4), 681-701. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3051/305126191007.pdf>>. Acesso em 22 maio 2014. (Trabalho original publicado em 1935).
- Vigotski, L. S.; Luria, A. R. (1994). **Introduction to the Russian translation of Freud's Beyond the pleasure principle**. In Van der Veer, R. & Valsiner, J. (orgs.). *The Vygotsky reader*. Massachusetts: Blackwell. (Trabalho original de 1925).
- Vigotski, L. S.; Luria, A. R. (2007). **El instrumento y el signo en el desarrollo del niño**. Madrid: Fundación Infancia e Aprendizaje. Traducción de Pablo de Río. (Texto original publicado em 1930).
- Vigotsky, L. S. (2004). **Teoría de las emociones: Estudio Histórico-psicológico**. Tradução: Judith Viaplana. Madrid: Ediciones Akal. (Trabalho original escrito entre 1931 e 1933).
- Vygotski, L. S. (1996). El problema de la edad. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original de 1932).

- Vygotski, L. S. (1996). La crisis de los siete años. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original estenografada em 1933-1934).
- Vygotski, L. S. (1996). Paidología del adolescente. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original publicado em 1931).
- Vygotski, L. S. (1997). Acerca de la dinámica del carácter infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1928).
- Vygotski, L. S. (1997). Diagnóstico del desarrollo y clínica paidológica de la infancia difícil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original escrito em 1931 e publicado em 1936).
- Vygotski, L. S. (1997). El defecto y la compensación. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1928).
- Vygotski, L. S. (1997). Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original escrito em 1929).
- Vygotski, L. S. (2000). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas III**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. 2ª edição. (Texto original escrito em 1931 e publicado em 1936).
- Vygotski, L. S. (2001). El problema de la voluntad y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). Pensamento e Linguagem. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. Madrid: A. Machado Libros. Tradução de José María Bravo. (Texto original publicado em 1934).
- Vygotsky, L. S. Thought in schizophrenia. (1994) In: Valsiner, J. & Van Der Veer, R. (eds.) **The Vygotsky reader**. Oxford, UK; Cambridge USA: Basil Blackwell, p. 313-326. (Trabalho original escrito em 1931).

ANEXOS

ANEXO I

Textos de L. S. Vigotski consultados para a elaboração desta dissertação

Vigotski, L. S. (1972). **Psicología del arte**. Tradução de Victoriano Imbert. Barcelona: Barral Ediotas. (Obra original publicada em 1925).

Vigotski, L. S. (1994). The problem of the environment. Em: Valsiner, J. (Ed). **The Vygotsky Reader**. (p. 338-354). Oxford, UK: Blackwell Publishers. (Trabalho original publicado em 1935).

Vigotski, L. S. (1999). On the problem of the psychology of the actor's creative work. In Vigotski, L. S. **The collected works of L. S. Vygotsky**. Vol. 6. Scientific legacy. Edited by Robert W. Rieber. New York, Boston, Dordrecht, London, Moscow: Kluwer Academic/Plenum Publishers. p. 237 - 244. (Trabalho original publicado em 1932).

Vigotski, L. S. (2004). A consciência como problema da psicologia do comportamento. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1925).

Vigotski, L. S. (2004). A psique, a consciência, o inconsciente. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1930).

Vigotski, L. S. (2004). Desenvolvimento da memória (Prefácio ao livro de A. N. Leóntiev). Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1930).

Vigotski, L. S. (2004). O método Instrumental. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Conferência proferida em 1930).

Vigotski, L. S. (2004). O problema da consciência. In: Vigotski, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original escrito em 1933 e publicado em 1968).

Vigotski, L. S. (2004). O significado Histórico da Crise da Psicologia. In: Vigotski, L. S. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1927).

- Vigotski, L. S. (2004). Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1924).
- Vigotski, L. S. (2004). Sobre os sistemas psicológicos. Em: Vigotski, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. Tradução de Claudia Berliner. 3ª edição. (Texto original publicado em 1930).
- Vigotski, L. S. (2008). **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança** [Versão eletrônica] (Z. Prestes, Trad.), Série Idéias, (23), 35-39. Revista Virtual GIS, (8), 23-36. (Obra original estenografada em 1933).
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, 2010. 21 (4), 681-701. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3051/305126191007.pdf>>. Acesso em 22 maio 2014. (Trabalho original publicado em 1935).
- Vigotski, L. S.; Luria, A. R. (1994). **Introduction to the Russian translation of Freud's Beyond the pleasure principle**. In Van der Veer, R. & Valsiner, J. (orgs.). The Vygotsky reader. Massachusetts: Blackwell.
- Vigotski, L. S.; Luria, A. R. (2007). **El instrumento y el signo en el desarrollo del niño**. Madrid: Fundación Infancia e Aprendizaje. Traducción de Pablo de Río. (Texto original publicado em 1930).
- Vygotsky, L. S. (2004). **Teoría de las emociones: Estudio Histórico-psicológico**. Tradução: Judith Viaplana. Madrid: Ediciones Akal. (Trabalho original escrito entre 1931 e 1933).
- Vygotski, L. S. (1996). El primer año. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original de 1932).
- Vygotski, L. S. (1996). El problema de la edad. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original de 1932).
- Vygotski, L. S. (1996). La crisis de los siete años. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original estenografada em 1933-34).

- Vygotski, L. S. (1996). La crisis de los tres años. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original de 1933).
- Vygotski, L. S. (1996). La crisis del primer año. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original de 1933).
- Vygotski, L. S. (1996). Paidología del adolescente. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas IV**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. (Texto original publicado em 1931).
- Vygotski, L. S. (1997). Acerca de la dinámica del carácter infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1928).
- Vygotski, L. S. (1997). Diagnóstico del desarrollo y clínica paidológica de la infancia difícil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original escrito em 1931).
- Vygotski, L. S. (1997). El defecto y la compensación. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1928).
- Vygotski, L. S. (1997). El desarrollo del niño difícil y su estudio. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1928).
- Vygotski, L. S. (1997). La infancia difícil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1928).
- Vygotski, L. S. (1997). Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1929).
- Vygotski, L. S. (1997). Moral insanity. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original sem data).
- Vygotski, L. S. (1997). Principios de la educación social de los niños sordomudos. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1925).

- Vygotski, L. S. (1997). Tesis fundamentales del plan para el trabajo psicológico de investigación en el campo de la infancia difícil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas V**. Madri: Visor. Tradução de Julio Guillermo Blank. (Texto original publicado em 1929).
- Vygotski, L. S. (2000). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas III**. Madri: Visor. Tradução de Lydia Kuper. 2ª edição. (Texto original escrito em 1931).
- Vygotski, L. S. (2001). El pensamiento y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). El problema de la voluntad y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). La imaginación y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). La memoria y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). La percepción y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). Las emociones y su desarrollo en la edad infantil. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. 2ª edição. Madri: A. Machado Libros. Tradução de José Maria Bravo. (Texto original publicado em 1932).
- Vygotski, L. S. (2001). Pensamento e Linguagem. Em: Vygotski, L. S. **Obras Escogidas II**. Madrid: A. Machado Libros. Tradução de José María Bravo. (Texto original publicado em 1934).
- Vygotsky, L. S. (1994). Thought in schizophrenia. In: Valsiner, J. & Van Der Veer, R. (eds.) **The Vygotsky reader**. Oxford, UK; Cambridge USA: Basil Blackwell, p. 313-326. (Trabalho original escrito em 1931).

ANEXO II

Artigos encontrados na pesquisa por palavra-chave na base de dados SciELO

- Calvet, L. J. (2012). Lacan e a escrita Chinesa: um inconsciente estruturado como escrita? **Alea**, Dez 2012, vol. 14, n. 2, p. 245-259.
- Cardoso, M. J. E.; Lustoza, R. A. (2012) De la représentation freudienne au signifiant lacanien: sur la pertinence de l'interprétation structurelle de l'inconscient. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Jun. 2012, vol. 28, n. 2, p. 219-226.
- Caropreso, F. (2009). Inconsciente, cérebro e consciência: reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana. **Sci. stud.**, Jun 2009, vol. 7, n. 2, p. 271-282.
- Caropreso, F.; Simanke, R. T. (2013). Repressão e inconsciente no desenvolvimento da metapsicologia freudiana. **Ágora** (Rio J.), Dez 2013, vol. 16, n. 2, p. 201-216.
- Couto, L. F. S.; Souza, M. F. G. de. (2013). O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação à subversão da corrente estruturalista no estabelecimento de uma teoria do sujeito do inconsciente. **Ágora** (Rio J.), Dez 2013, vol. 16, n. 2, p. 185-200.
- Fulgencio, L. (2012). Ampliação winncottiana da noção freudiana de inconsciente. **Psicol. USP**, Abr 2013, vol. 24, n. 1, p. 143-164.
- Gallegos, M. (2012). La noción de inconsciente en Freud: antecedentes históricos y elaboraciones teóricas. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, Dic 2012, vol. 15, n. 4, p. 891-907.
- Gellis, A.; Hamud, M. I. L. (2011). Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. **Psicol. USP**, Set 2011, vol. 22, n. 3, p. 635-654.
- Honda, H. (2013). O estatuto conceitual do inconsciente em Freud e algumas de suas implicações para a prática psicanalítica. **Ágora** (Rio J.), Abr 2013, vol. 16, n. esp., p. 41-57.
- Krug, J. S.; Seminotti, N. (2012). A realização imaginária do desejo inconsciente num grupo terapêutico de crianças em idade pré-escolar. **Ágora** (Rio J.), Jun 2012, vol. 15, n. 1, p. 133-149.

- Lo Bianco, A. C. (2010). O saber inconsciente e o saber que se sabe nos dias de hoje. **Ágora** (Rio J.), Dez 2010, vol. 13, n. 2, p. 165-173.
- Magalhães, B.; Mariani, B. (2010). Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. **Ling. (dis)curso** (Impr.), Ago 2010, vol. 10, n. 2, p. 391-408.
- Manzi Filho, R. (2013). O índice de um enigma: o inconsciente e o fenômeno da premonição. **Ágora** (Rio J.), Dez 2013, vol. 16, n. 2, p. 251-266.
- Martinez, V. C. V.; Baracat, J. (2012). A fantasia inconsciente como metatradução: o psiquismo ligado e desligado. **Psicol. estud.**, Set 2012, vol. 17, n. 3, p. 435-443.
- Martins, J. R.; Bairrão, J. F. M. H. (2009). A criança celestial: perambulações entre aruanda e o inconsciente coletivo. **Fractal, Rev. Psicol.**, Dez 2009, vol. 21, n. 3, p. 487-505.
- Moreira, V. (2011). O inconsciente no pensamento de Merleau-Ponty: contribuição para a psicoterapia. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, Mar 2011, vol. 14, n. 1, p. 110-121.
- Pisetta, M. A. A. de M. (2012). Inconsciente e transferência: perspectivas na clínica. **Estud. psicol.** (Campinas), Mar 2012, vol. 29, n. 1, p. 95-103.
- Santos, L. G; Leão, I. B. (2012). O inconsciente sócio-histórico: notas sobre uma abordagem dialética da relação consciente-inconsciente. **Psicol. Soc.**, 2012, vol. 24, n. 3, p. 638-647.
- Vieira Filho, N. G.; Rosa, M. D. (2010). Inconsciente e cotidiano na prática da atenção psicossocial em saúde mental. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Mar 2010, vol. 26, n. 1, p. 49-55.